

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura

Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica

Liliane Machado Vieira da Costa

EDUCAÇÃO PARA A PAZ E VALORES HUMANOS: oficinas pedagógicas críticas, com docentes da Educação Infantil, por uma cultura de não violência na convivência escolar

Produto Educacional: Reflexões e Práticas de Educação para a Paz na Educação Infantil

Rio de Janeiro
2023



Liliane Machado Vieira da Costa

EDUCAÇÃO PARA A PAZ E VALORES HUMANOS: oficinas pedagógicas críticas, com docentes da Educação Infantil, por uma cultura de não violência na convivência escolar

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Práticas de Educação Básica.

Orientadora: Professora Dra. Esther Kuperman.

Rio de Janeiro
2023

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

C838 Costa, Liliane Machado Vieira da

Educação para a paz e valores humanos: oficinas pedagógicas críticas, com docentes da Educação Infantil, por uma cultura de não violência na convivência escolar / Liliane Machado Vieira da Costa. - Rio de Janeiro, 2023.

139 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica)

– Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Esther Kuperman.

1. Educação – Finalidades e objetivos. 2. Cultura de paz. 3. Convivência. 4. Anos iniciais do ensino fundamental – Estudo e ensino. 5. Formação docente. I. Kuperman, Esther. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 370.11

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Liliane Machado Vieira da Costa

EDUCAÇÃO PARA A PAZ E VALORES HUMANOS: oficinas pedagógicas críticas, com docentes da Educação Infantil, por uma cultura de não violência na convivência escolar

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Práticas de Educação Básica.

Aprovado em: 03/04/2023.

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Esther Kuperman (Orientadora)
Colégio Pedro II

Prof. Dr. Rogério Mendes Lima (Membro interno)
Colégio Pedro II – CPII

Prof. Dr. Nei Alberto Salles Filho (Membro externo)
Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG

Profª. Dra. Maria Teresa Toribio Brittes Lemos (Suplente externo)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Rio de Janeiro
2023

À minha querida mamãe Lídia (*in memoriam*) e
ao meu pai Josias, pelo amor incondicional,
apoio, dedicação e incentivo à prática do estudo.
Ao meu amor Jeferson, meu porto seguro.
À Panturminha, por tornar esta trajetória mais
leve.
Aos professores participantes da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Senhor e Salvador Jesus Cristo, Príncipe da Paz, fonte de amor e graça, amigo presente em todas as horas. Sou grata pela saúde, força, sustento, amor incondicional e por guiar os meus passos.

Ao meu melhor amigo e esposo Jeferson da Costa, obrigada pelo ombro amigo, pelos incentivos, cuidado e apoio durante esta caminhada. Diante de perdas irreparáveis você sempre esteve presente. Gratidão pelas noites passadas acordado ao meu lado enquanto eu escrevia; pelas quentinhas, pelas palavras de apoio, por cuidar tão bem de mim e por sempre me incentivar a buscar meus objetivos. Amo-te!

À minha querida mamãe Lídia, *in memoriam*, um exemplo de mulher, força, dedicação e amor. Sou grata pelas palavras de incentivo nos primeiros passos dessa caminhada acadêmica.

Ao meu papai Josias, exemplo de otimismo, garra e perseverança. Gratidão por sempre me incentivar a prosseguir nos estudos. Estou extremamente feliz por você retornar à sala de aula.

À minha orientadora Profa. Dra. Esther Kuperman, pela confiança, paciência e apoio. Agradeço por me orientar com leveza e acreditar na minha pesquisa e no meu potencial.

Agradeço a cada membro presente nas bancas de qualificação e defesa: Prof. Dr. Nei Alberto, Profa. Dra. Flávia Amparo, Prof. Dr. Rogério Mendes e Profa. Dra. Maria Teresa Toríbio, pelas contribuições, por ampliarem os horizontes desta pesquisa e fornecerem alguns direcionamentos.

Aos professores e amigos, Márcio Bernardino e Patrícia Mota, do CLIPS – UCB, vocês são um grande exemplo para mim.

Aos meus queridos irmãos, Efraim e Eliezé, gratidão pelo apoio e carinho. Amo vocês!

À minha avó Gelma, pelas orações e palavras de incentivo.

Aos meus amigos, por compreenderem meus momentos de afastamento, pela paciência, amizade e por torcerem por mim.

Aos docentes que participaram do curso de formação continuada, gratidão pelas trocas de conhecimento e por acreditarem na proposta.

Agradeço a oportunidade de ter feito parte do Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica – MPPEB/CPII. Realizar este mestrado, num período pandêmico, foi desafiador.

À querida “Panturminha”, do MPPEB-CPII, inicio os agradecimentos com algumas frases mencionadas por nós durante esse período: “Ninguém solta o Moodle de ninguém!”, “O que seria da gente sem a gente?”, “Juntos até o fim!”. Elas retratam bem a nossa união e parceria. Como sou grata pela vida de cada amigo desta turma, formamos uma rede de apoio neste período tão difícil. Não foi nada fácil cursar um mestrado durante uma pandemia (2020-2022), com: perdas, incertezas e medos. Mas a amizade com cada um da turma, o companheirismo e as palavras de apoio nos momentos difíceis, foram fundamentais para minha chegada até aqui. Que turma maravilhosa! Sinônimo de empatia, solidariedade, amizade, resiliência, cooperação e amor.

RESUMO

COSTA, Liliane Machado Vieira da. **Educação para a paz e valores humanos:** oficinas pedagógicas críticas, com docentes da Educação Infantil, por uma cultura de não violência na convivência escolar. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2023.

A presente pesquisa está inserida na temática Educação para a Paz (EP) e tem como objetivo geral: identificar e analisar as contribuições de oficinas pedagógicas (*on-line*), sob a perspectiva de uma Educação para a Paz, para a formação continuada de professores que atuam na Educação Infantil e para a promoção de uma Cultura de Paz nos estabelecimentos de ensino. E como objetivos específicos: realizar análise bibliográfica sobre a convivência escolar e a importância dos valores humanos para a promoção de uma Educação para a Paz; identificar a concepção e as perspectivas que os docentes participantes da pesquisa têm a respeito de Educação para a Paz, conflitos e violência na escola, por meio da aplicação de um questionário semiestruturado; promover um curso de formação continuada sob a perspectiva de uma Educação para a Paz, com uma reflexão x ação sobre a prática em sala de aula e a resolução de conflitos; avaliar por meio de questionário as contribuições das oficinas pedagógicas para a formação continuada dos professores; e, organizar um *E-book* com propostas de práticas pedagógicas para a promoção de uma Cultura de Paz nos estabelecimentos de ensino. Este trabalho se justifica, academicamente, pela carência de estudos sobre a temática voltados para a Educação Infantil. Profissionalmente, pela importância de organizar um material que contribua para a formação docente. Socialmente, pela necessidade de construir uma Cultura de Paz em meio a contextos sociais marcados pela naturalização da violência. O estudo parte das premissas teóricas e metodológicas de uma Educação para a Paz, no qual se aborda, de maneira crítica, a EP como um processo educativo para a promoção de uma Cultura de Paz no ambiente escolar. Como referencial teórico sobre a Educação para a Paz foram estudados Salles Filho (2019), Jares (2002, 2007, 2008) e Guimarães (2011). Para analisar a convivência escolar apoiamos em Delors (2003), Cristovam (2011), Abromovay e Rua (2003), Carvalho (2011) e Muller (2017). Como embasamento sobre o desenvolvimento da temática na etapa da Educação Infantil, temos os documentos legais: Brasil (1996, 2009, 2018a). Sobre a EP na perspectiva dos valores humanos adotamos as contribuições de Martinelli (1999) e Castro (2012). Como referencial para uma Pedagogia crítica e dialógica, utilizamos Freire (2006, 2011). Esta pesquisa caracteriza-se, metodologicamente, como uma pesquisa-ação, por apresentar uma perspectiva de transformação e buscar a resolução de problemas que emergem na prática. Trata-se de um estudo de tipo qualitativo, o qual a técnica escolhida para o tratamento dos dados foi a análise de Conteúdo, segundo Bardin (1977) e Franco (2007). O público-alvo das oficinas foram os docentes, do Estado do Rio de Janeiro, que atuam na Educação Infantil. O produto educacional desenvolvido constitui-se num *E-book*, denominado “Reflexões e práticas de Educação para a Paz na Educação Infantil”, que servirá como guia para educadores desenvolverem ações pedagógicas críticas de EP, com foco na promoção dos valores humanos. Por meio dos resultados da pesquisa espera-se tornar possível o desenvolvimento de práticas pedagógicas em concordância com a lei nº 13.663/2018.

Palavras-chave: Educação para a Paz; Convivência Escolar; Educação Infantil; Valores Humanos; Pedagogia Crítica.

ABSTRACT

COSTA, Liliane Machado Vieira da. **Education for peace and human values: critical pedagogical workshops, with Early Childhood teachers, for a culture of violence not in school coexistence.** 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2023.

This research is part of the theme Education for Peace (EP) and has the general objective: to identify and analyze the contributions of pedagogical workshops (online), from the perspective of an Education for Peace, for the continuing education of teachers who work in Early Childhood Education and for the promotion of a Culture of Peace at school. And as specific objectives: to carry out a bibliographical analysis on school coexistence and the importance of human values for the promotion of an Education for Peace; to identify the conception and perspectives that the teachers participating in the research have regarding Education for Peace, conflicts and violence at school, through the application of a semi-structured questionnaire; promote a continuing education course from the perspective of Education for Peace, with reflection x action on practice in the classroom and conflict resolution; to evaluate, through a questionnaire, the contributions of the pedagogical workshops for the continuing education of teachers; and, organize an E-book with proposals for pedagogical practices to promote a Culture of Peace in educational establishments. This work is academically justified by the shortage of studies on the subject focused on Early Childhood Education. Professionally, because of the importance of organizing material that contributes to teacher training. Socially, due to the need to build a Culture of Peace in the social contexts marked by the naturalization of violence. The study departs from the theoretical and methodological premises of an Education for Peace in which EP is critically approached as an educational process for the promotion of a Culture of Peace in the school environment. As a theoretical reference on Education for Peace, Salles Filho (2019), Jares (2002, 2007, 2008) and Guimarães (2011) were studied. To analyze school coexistence, we rely on Delors (2003), Cristovam (2011), Abromovay and Rua (2003), Carvalho (2011) and Muller (2017). As a basis for the development of the theme in the early childhood Education stage, we have the legal documents: Brasil (1996, 2009, 2018a). Regarding PE from the perspective of human values, we adopt the contributions of Martinelli (1999) and Castro (2012). As a reference for a critical and dialogic Pedagogy, we use Freire (2006, 2011). This research is characterized, methodologically, as an action-research, as it presents a perspective of transformation and seeks to solve problems that emerge in practice. This is a qualitative study, whose technique chosen for data processing was the Content Analysis, according to Bardin (1977) and Franco (2007). The target audience of the workshops were teachers from the State of Rio de Janeiro, who work in Early Childhood Education. The educational product developed consists of an E-book, called “Reflections and practices of Education for Peace in Child Education”, which will serve as a guide for educators to develop critical pedagogical actions, focusing on the promotion of human values. Through the results of the research, it is expected to make possible the development of pedagogical practices in accordance with Law nº 13.663/2018.

Keywords: Education for Peace; School Living; Child education; Humans values; Critical Pedagogy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O "Triângulo da Violência" de Galtung.....	35
Figura 2 - Violência no ambiente escolar	37
Figura 3 – O método Vivendo Valores na Educação.....	52
Figura 4 – Página inicial do curso na plataforma Moodle.....	61
Figura 5 – Fases da análise de conteúdo de Bardin	65
Figura 6 – Divisão das seções do curso	68
Figura 7 – Planejamento dos encontros síncronos.....	69
Figura 8 – Materiais extras	70
Figura 9 – Divulgação do curso no site oficial do Colégio Pedro II	71
Figura 10 – Divulgação do curso na página do Facebook do Colégio Pedro II	72
Figura 11 - Campos de Experiência.....	88
Figura 12- Capa do Produto Educacional	104
Figura 13 - Estrutura do Sumário do Produto Final	106
Figura 14 - Considerações dos participantes sobre o curso de extensão	118

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Tempo de docência.....	74
Gráfico 2 - Conhecimento da temática	75
Gráfico 3 - Conhecimento da lei.....	75
Gráfico 4 - Participação em curso de formação.....	76
Gráfico 5 - Atividade sobre a temática Paz	76
Gráfico 6 - Projetos promovidos na unidade escolar.....	78
Gráfico 7 - Realização da roda de conversa	83
Gráfico 8 – Avaliação do Curso	107
Gráfico 9 – Assuntos abordados no curso	108

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Elementos da Pedagogia da Convivência.....	54
Quadro 2 - Resultados encontrados na revisão de literatura organizados por chaves de busca e bases de dados pesquisadas	57
Quadro 3 - Síntese dos instrumentos de geração de dados	64
Quadro 4 - Categorias de análise	66
Quadro 5 - Dados gerais do curso.....	67
Quadro 6 - Descrição das atividades desenvolvidas	77
Quadro 7 - Atitudes tomadas nas resoluções de conflitos	81
Quadro 8 - Violências no ambiente escolar	82
Quadro 9 - Importância do trabalho com valores humanos.....	82
Quadro 10 - Atividades desenvolvidas no momento da roda de conversa	84
Quadro 11 - Síntese da aula 1	86
Quadro 12 - Avaliação da aula 1 (r.e.a. – 24/05/2022).....	89
Quadro 13 - Síntese da aula 2	91
Quadro 14 - Avaliação da aula 2 (r.e.a. – 31/05/2022).....	95
Quadro 15 - Síntese da aula 3	96
Quadro 16 - Avaliação da aula 3 (r.e.a. – 07/06/2022).....	99
Quadro 17 - Síntese da aula 4	101
Quadro 18 - Avaliação da aula 4 (r.e.a. – 14/06/2022).....	102
Quadro 19 – Contribuições para a formação docente.....	108
Quadro 20 – Mudança de perspectiva sobre como abordar os conflitos	111
Quadro 21 – Concepções e perspectivas sobre a temática, antes e após a realização do curso	112
Quadro 22 – Educar para a paz é educação em conflitos	115
Quadro 23 – Educar para a Paz é educação em valores humanos	116
Quadro 24 – Educar para a paz é educar para a convivência social	117

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Art. – Artigo

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CIHP – Centro Internacional de Investigação e Informação para a Paz

CLIPS – Coletivo de Leituras e Investigações em Pedagogia Social

CPII – Colégio Pedro II

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EP – Educação para a Paz

GEPAZ – Grupo de Estudos da Paz

Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MPPEB – Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica

ONU – Organização das Nações Unidas

PEVH – Programa de Educação em Valores Humanos

PNE – Plano Nacional de Educação

PNEDH – Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

R. e. a – Registro Escrito Avaliativo

R. e. c – Registro Escrito das Contribuições

R. e. s – Registro Escrito de Sondagem

RIUT – Repositório Institucional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná

R. o. a. s – Registro Oral das Aulas Síncronas

RS – Rio Grande do Sul

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UCB – Universidade Castelo Branco

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Vive – Vivendo Valores na Educação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 A EDUCAÇÃO PARA A PAZ NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	21
2.1 Mas... “O que é Educar para a Paz, Cultura de Paz?”	24
2.1.1 Conceituação da temática – Educação para a Paz	24
2.1.2 A Cultura de Paz.....	26
2.2 O caminho até a lei nº 13.663/18.....	27
3 CONVIVÊNCIA ESCOLAR: UMA BREVE ANÁLISE	31
3.1 Violência e conflitos: problemas de convivência?	32
3.1.1 A Violência.....	34
3.1.2 Os conflitos na convivência escolar	38
4 A RELAÇÃO EDUCADOR-EDUCANDO E A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO PARA A PAZ	42
4.1 A importância da capacitação docente	45
5 A EDUCAÇÃO PARA A PAZ NA PERSPECTIVA DOS VALORES HUMANOS....	48
5.1 Escola: lugar de aprender os valores da boa convivência.....	53
6 PERCURSO METODOLÓGICO	56
6.1 Delineamento da Pesquisa.....	58
6.1.1 Local da Pesquisa	61
6.1.2 Participantes da Pesquisa.....	62
6.1.3 Instrumentos de geração de dados e metodologia de análise de dados	63
6.2 Sobre o curso de extensão – oficinas pedagógicas.....	67
6.2.1 Divulgação do curso.....	71
7 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS	73
7.1 Análise do questionário inicial.....	73
7.1.1 Categoria: Concepções e perspectivas docentes a priori sobre a temática Educação para a Paz	74
7.2 Desenvolvimento das oficinas pedagógicas e avaliação semanal.....	85

7.2.1 Categoria: Reflexões produzidas durante o curso de extensão sobre a temática Educação para a Paz.....	85
7.3 Resultado das oficinas: Produto Educacional.....	103
7.4 Análise do questionário final	106
7.3.1 Categoria: Contribuições das oficinas Pedagógicas para a formação docente	107
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS	123
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	130
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE SONDAGEM INICIAL PARA OS DOCENTES	133
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DE CADA OFICINA PEDAGÓGICA.....	135
APÊNDICE D – AVALIAÇÃO DAS CONTRIBUIÇÕES DAS OFICINAS	136
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	137
ANEXO B – FORMULÁRIO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DO CURSO DE EXTENSÃO.....	139

1 INTRODUÇÃO

“Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus.”
(Bíblia Sagrada – Mateus 5.9)

O tema para esta pesquisa, com a temática Educação para a Paz, surgiu a partir de observações durante minha prática em sala de aula, enquanto professora da Educação Infantil. Atuo desde o ano de 2010 com este segmento, especificamente, na pré-escola, e já trabalhei em ambas as redes de ensino: pública e particular.

Considerando a minha trajetória, enquanto docente, e as diversas realidades onde trabalhei, percebo algumas demandas trazidas pelos sujeitos, que interagem dentro e fora da escola, entre elas, destaco a problemática da violência, que pode ser evidenciada de diversas formas: física, verbal e outras. Além disso, na convivência escolar também ocorrem diversas situações de conflitos, seja na relação estudante-estudante, professor-estudante, estudante-professor ou em outras relações interpessoais que acontecem no ambiente escolar.

Geralmente, havendo conflitos ou atos de violência, os envolvidos têm seus nomes registrados no livro de ocorrências da escola. Tratando-se dos estudantes, verificou-se casos, onde eles são retirados de sala e conduzidos à direção ou à secretaria da escola. Nas ocorrências os responsáveis são chamados à escola para ficarem cientes e assinarem o livro. No entanto, percebe-se que muitos não sabem como lidar com a situação e acabam tratando a criança com agressividade, como meio de resolver um conflito que aconteceu na convivência escolar.

Diante dessas experiências, um fato que me marcou foi quando uma responsável relatou que o aluno não daria mais problemas na escola, porque já havia conversado com ele em casa. Mas quando conversei com a criança, ela confessou-me que a mãe havia batido nela. A partir de então passei a mediar os conflitos na própria escola, escutando e dando voz às crianças, valorizando a importância do diálogo na relação professor-estudante.

Outro fato marcante ocorreu quando trabalhei no contra turno como apoio escolar, e um dos meus alunos, que na época tinha dez anos, apresentava muita dificuldade de aprendizagem, porque a professora da escola dele gritava muito com o mesmo a ponto de fazê-lo paralisar de medo. Fato que demonstrou a violência na relação professor-estudante.

Outro acontecimento foi quando precisei assumir, emergencialmente, a regência de uma turma de quinto ano (na época, quarta série) da rede particular, porque a professora estava passando por problemas psicológicos. Ao caminhar pelo corredor até à sala, os professores das

outras turmas me desejavam “Boa sorte!”, pois aquela era uma turma considerada agressiva, indisciplinada, cujos estudantes só falavam gritando e eram “bagunceiros”. No entanto, após dinâmicas que tratavam sobre a importância do respeito, do diálogo, da amizade e outros valores para estabelecer um ambiente pacífico, a turma foi mudando e eles aprenderam a relacionarem-se melhor.

Diante dessas vivências, desafios, e por notar que essas problemáticas continuam acontecendo nos ambientes escolares, percebi a necessidade de aprofundar-me nos estudos de tal forma que me auxiliassem na abordagem dos conflitos que acontecem no ambiente escolar e, dessa forma, promover uma convivência mais harmônica e pacífica em sala de aula. Desta maneira a Educação para a Paz, na perspectiva dos valores humanos, surgiu como um norte para essas problemáticas.

Na época da graduação ouvi falar sobre a Cultura de Paz. Mas, o contato com a temática da Educação para a Paz ocorreu ao fazer parte, como pesquisadora, do Coletivo de Leituras e Investigações em Pedagogia Social (CLIPS), coordenado pelos professores: Prof. Dr. Márcio Bernardino Sirino e Profa. Dra. Patrícia Flávia Mota. O CLIPS é um Grupo de Estudos, Pesquisas e Extensão, criado em janeiro de 2019, na Universidade Castelo Branco (UCB), para ampliar reflexões acerca do campo, em construção, da Pedagogia Social, campo este que tem espaço nos ambientes escolares e não escolares. No grupo deparei-me com os estudos de Xesús Jares e, especificamente, o seu livro “Pedagogia da Convivência”. Foi por meio dele, que encontrei minha temática de estudo.

Como mencionei anteriormente em minha experiência pedagógica, deparei-me com algumas demandas sociais presentes na escola, entre elas: violência escolar, *bullying*, racismo, indisciplina, preconceitos e outras. Essas demandas também estão presentes em outros espaços da sociedade, e expressam ou resultam de alguma forma a violência. No universo infantil, percebe-se que esta violência está presente nos desenhos animados, na mídia, de modo geral, nas brincadeiras, nas músicas (cantigas de roda), na forma como as crianças relacionam-se com os pares, nas falas desrespeitosas entre crianças e adultos, na maneira de resolver um conflito, etc., evidenciando comportamentos violentos.

Além do mais, na convivência escolar ou no ambiente familiar, por vezes, há o ensino sub-reptício da violência (GUIMARÃES, 2011, p.224). Diante desses fatos, urge a necessidade de incluirmos a temática da Educação para a paz, da não violência, no exercício de nossas práticas pedagógicas.

Como um dos aportes legais para a abordagem desta temática, temos a lei federal n.13.663, aprovada em maio de 2018, que alterou o artigo 12 da Lei de Diretrizes e Bases da

Educação Nacional (LDB) – lei n.9.394/96 e incluiu medidas de combate à violência e de promoção da cultura de paz nos estabelecimentos de ensino (BRASIL, 2018b). Embora essa legislação estabeleça a necessidade de se desenvolver ações pedagógicas, nos estabelecimentos de ensino, com vista à promoção da Cultura de Paz, pouco se faz nas escolas e na maioria das vezes, são desenvolvidas práticas ingênuas.

Como professora, noto problemáticas como: a indisciplina, conflitos, violência e outras, que adentram no ambiente escolar e, ao mesmo tempo, a carência de preparo dos docentes para trabalharem com essas demandas. Portanto, percebo a necessidade de se desenvolver oficinas pedagógicas para docentes sobre a temática, e estruturar um material que sirva de guia para que essas demandas sejam debatidas de maneira crítica com os estudantes, com vista à promoção da Cultura de Paz na Educação Infantil.

Partindo do que foi apresentado, a problemática que se apresenta refere-se ao seguinte questionamento: que contribuições o desenvolvimento de oficinas pedagógicas, sob a perspectiva de uma Educação para a Paz, pode trazer para a formação continuada de docentes que atuam, especificamente, na Educação Infantil e para o estabelecimento de uma cultura de não violência no ambiente escolar?

Infere-se que o desenvolvimento dessas oficinas, sob a perspectiva de uma Educação para a Paz, trará mudanças no modelo de convivência escolar na medida em que promoverá uma cultura de não violência neste contexto, além de contribuir para a formação continuada dos docentes participantes da pesquisa.

As questões que nortearão este estudo são as seguintes: Após a promulgação da lei federal n.13.663, aprovada em maio de 2018, que versa sobre a necessidade de se estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas, como os professores tem desenvolvido esta temática? Quais as possibilidades de se desenvolver a Educação para a Paz na perspectiva dos valores humanos? De que maneira conceitos e práticas educativas, sob uma perspectiva de Educação para a Paz, podem ser usados para o estabelecimento da cultura de paz na escola? A abordagem de temáticas à luz da Educação para a Paz na Educação Infantil pode promover melhoras nas relações interpessoais e na convivência escolar?

Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é identificar e analisar as contribuições de oficinas pedagógicas (*on-line*), sob a perspectiva de uma Educação para a Paz, para a formação continuada de professores que atuam na Educação Infantil e para a promoção de uma Cultura de Paz nos estabelecimentos de ensino.

Os objetivos específicos são: (1) realizar análise bibliográfica sobre a convivência escolar e a importância dos valores humanos para a promoção de uma Educação para a Paz; (2)

identificar a concepção e as perspectivas que os docentes participantes da pesquisa têm a respeito de uma Educação para a Paz (EP), conflitos e violência na escola, por meio da aplicação de um questionário semiestruturado; (3) promover um curso de formação continuada sob a perspectiva de uma Educação para a Paz, com uma reflexão x ação sobre a prática em sala de aula e a resolução de conflitos; (4) avaliar por meio de questionário as contribuições das oficinas pedagógicas para a formação continuada dos professores; (5) organizar um *E-book* com propostas de práticas pedagógicas para a promoção de uma Cultura de Paz nos estabelecimentos de ensino.

Neste trabalho utiliza-se a Educação para a Paz (EP), como um processo educativo para a promoção dessa Cultura de Paz ou a cultura da não violência. Portanto, sendo a escola um lugar de socialização e de convivência, onde as diferenças se encontram, deve buscar desenvolver práticas pedagógicas pautadas no respeito, no diálogo, na solidariedade, na não violência, na ternura e em outros valores.

É preciso considerar que esses conceitos ao serem abordados conjuntamente, contribuirão para a construção de uma cultura de paz no ambiente escolar e fora dele, pois embora a criança viva em contextos sociais marcados pela naturalização da violência, trabalhar esses conceitos ajudará na formação integral dos educandos enquanto sujeitos críticos e reflexivos.

Sendo assim, este estudo justifica-se academicamente, pela identificação da existência de poucos estudos sobre Educação para a Paz, sobretudo, voltados para a Educação Infantil. Acredita-se que a Educação para a Paz, como viés pedagógico, é um campo emergente na educação brasileira, principalmente, no que diz respeito ao trabalho com a Educação Infantil.

Como subsídio para essa justificativa realizou-se uma revisão de literatura sobre a temática escolhida em algumas bases de dados, tais como: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Catálogo de Teses e Dissertações Capes, Repositório Institucional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (RIUT) e Google Acadêmico. Por meio dessas pesquisas, confirmei o que Rodrigues (2019, p.17), declara: “Sabe-se que ainda são recentes as oportunidades de estudos que busquem contribuir com a Educação para paz, voltada para a Educação Infantil”. Esta afirmação reforça a importância deste estudo.

Profissionalmente, a pesquisa justifica-se pela importância de organizar um material que contribua para a formação docente, sobre a temática. Além de direcioná-los à elaboração de atividades pedagógicas mais críticas, que contribuam para a formação integral do sujeito e para uma convivência escolar mais pacífica, objetivando a mudança de uma cultura de violência para uma cultura de paz. Segundo Salles Filho,

Ao mesmo tempo, não há, em grande parte do Brasil, aprofundamento na discussão da teoria da educação para a paz com princípios educacionais mais amplos. Assim, boa parte das práticas educacionais referentes ao tema ainda são difusas e constituem-se em ações pedagógicas sem grande potencial gerador de mudanças na forma de pensar os problemas humanos atuais, repletos de violências, além de não reconhecer a importância das convivências escolares para a busca de mudanças nesse cenário. (SALLES FILHO, 2019, p.9)

Essas ações que o autor se refere são sobre as atividades que, geralmente, são realizadas em projetos como “Semana da Paz”, onde ficam em evidência trabalhos com “pombinhas brancas”, sem, contudo, levar em considerações as problemáticas humanas e os contextos sociais.

A pesquisa justifica-se socialmente, pois acredita-se que a violência é algo cultural, portanto, há a necessidade de construir uma Cultura de Paz em meio a contextos sociais marcados pela naturalização da violência, que reflete no ambiente escolar. Por meio dos resultados da pesquisa, espera-se oportunizar ferramentas para os docentes desenvolverem práticas pedagógicas em concordância com a lei n.º 13.663/2018, com o intuito de promover a cultura de paz na convivência escolar.

Por conceitos-chave adota-se: educação para a paz; convivência escolar; educação infantil; valores humanos e pedagogia crítica. Esses conceitos serão debatidos ao longo do trabalho. Para a realização deste trabalho utiliza-se para embasar o conceito de Educação para a Paz autores como: Guimarães (2011), Salles Filho (2019) e Jares (2002, 2007 e 2008). Sobre a convivência escolar e as problemáticas que nela surgem, tais como a questão dos conflitos e violências, ampara-se nas ideias de Delors (2003), Cristovam (2011), Candau (2012), Abromovay e Rua (2003), Carvalho (2011), Muller (2017) e outros.

Como embasamento para o conceito de Educação Infantil e a importância desta temática ser abordada desde a mais tenra idade, utiliza-se os documentos legais como LDB 9394/96 (BRASIL, 1996), DCNEI (BRASIL, 2009) e BNCC (BRASIL, 2018a) e as contribuições de Kramer (2007). Como referencial para uma Pedagogia crítica e dialógica, utiliza-se Freire (2006, 2011). Sobre a Educação para a Paz na perspectiva dos valores humanos adota-se como referencial a Pedagogia dos Valores Humanos, desenvolvida por Salles Filho (2019), e as contribuições de Martinelli (1999) e Castro (2012). Cabe destacar que esses autores dialogam entre si.

Para auxiliar na metodologia quanto ao tipo da pesquisa e seu delineamento, opta-se por usar as contribuições de Gil (2010) e Thiollent (1985). Quanto a geração de dados e posterior

análise e interpretação destes, utiliza-se a teoria desenvolvida por Bardin (1977) e Franco (2007), que aborda a análise de conteúdo.

Tendo ciência dos aportes teóricos e metodológicos que amparam esta pesquisa, segue na sequência a estrutura da dissertação no que diz respeito aos capítulos destinados ao referencial teórico.

Propõe-se para o capítulo 2 – A Educação para a Paz no contexto da Educação Infantil – a apresentação de algumas legislações sobre esta importante etapa da Educação Básica e a relevância de se trabalhar com a temática da Educação para a Paz neste segmento de ensino. Apresenta-se também a conceituação da temática de estudo e o caminho percorrido até a implantação da lei n.º 13.663/18.

Com relação ao capítulo 3 – Convivência escolar: uma breve análise – passa-se a analisar a convivência escolar e refletir sobre as problemáticas que nela surgem, tais como a questão dos conflitos e violências. Sabendo-se que os conflitos são inerentes a convivência humana, as crianças precisam aprender a resolvê-los de maneira não violenta.

No que tange ao capítulo 4 – A relação educador - educando e a importância do diálogo na Educação para a Paz – busca-se analisar de que maneira os conflitos têm sido trabalhados nas instituições escolares. Há abertura para o diálogo, para a escuta, para entender o ponto de vista do outro ou são apenas tomadas medidas no sentido de punir, quando acontece alguma situação conflituosa? Partindo dessas ponderações destaca-se, a importância de o docente adotar um novo olhar para o educando e buscar uma educação dialógica, que é fundamental nesse processo de educar para a paz. Destaca-se ainda a importância da capacitação docente para abordar esta temática da Educação para a Paz.

Por fim, no capítulo 5 – Educação para a Paz na Perspectiva dos Valores Humanos – tendo em vista que em nossa sociedade tem se perdido a cada dia mais os valores que contribuem para uma convivência saudável e humanizada, torna-se necessário construir novas formas de convivência na escola que incentivem a promoção dos valores humanos. Nesse sentido propõe-se que os docentes desenvolvam práticas pedagógicas críticas de tal maneira que conduzam os discentes a refletirem sobre os conflitos e situações de violências que acontecem no ambiente escolar, buscando transformá-las. Para que essas práticas pedagógicas sejam desenvolvidas é importante que haja um investimento na formação inicial e continuada dos docentes.

2 A EDUCAÇÃO PARA A PAZ NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A escolha por se trabalhar esta temática tendo como foco o campo da Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, ocorreu pela necessidade de se desenvolver mais estudos para este segmento. Tendo em vista que esta pesquisa teve como público-alvo os educadores que atuam na Educação Infantil, cabe aqui destacar algumas legislações sobre este campo e a relevância de se trabalhar esta temática com este segmento. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, em seu artigo 29, estabelece que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Redação dada pela Lei n.º 12.796, de 2013) (BRASIL, 1996)

O documento Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018a), cuja redação propõe normas para o desenvolvimento de aprendizagem durante a Educação Básica, reforça esse compromisso com a educação integral do aluno e propõe que as ações pedagógicas sejam ligadas às necessidades do aluno, bem como aos desafios presentes na sociedade. Neste contexto, compreende-se que a questão da violência é um grande desafio a ser enfrentado. O documento ainda propõe 10 (dez) competências gerais da Educação Básica, onde a nona tem uma forte ligação com este trabalho.

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018a, p.10)

Dessa forma, reforça-se a importância de um trabalho com valores humanos de maneira crítica, desde a primeira infância. Ao versar sobre os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento no campo de experiência “O eu, o outro e o nós”, para crianças da faixa etária de 4 anos a 5 anos e 11 meses, a BNCC (BRASIL, 2018a) traz:

- (EI03EO01) Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.
- (EI03EO02) Agir de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações.
- (EI03EO03) Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.
- (EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.

(EI03EO05) Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive.
 (EI03EO06) Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida.
 (EI03EO07) Usar estratégias pautadas no respeito mútuo para lidar com conflitos nas interações com crianças e adultos. (BRASIL, 2018a, p.47-48)

É nesse sentido que se aborda neste trabalho, referenciais teóricos que ajudam a pensar a Educação para a Paz em meio a contextos sociais marcados pela naturalização da violência, que se evidencia até mesmo na Educação Infantil. Como destaca o último objetivo mencionado (EI03EO07), é importante que a criança aprenda a usar estratégias respeitadas para lidar com os conflitos que acontecem no ambiente escolar, mas é necessário que ela aprenda sobre esses outros meios de resolução pacífica. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB n.º 5/2009), em seu artigo 4º, define que:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

Portanto, tendo como base que o aprendizado nessa faixa etária acontece por meio das interações e brincadeiras, para se abordar a temática da Educação para a Paz e Valores Humanos, na Educação Infantil, é fundamental que as ações pedagógicas tenham elementos lúdicos, tais como: música, contação de histórias, jogos e outros, com o intuito de desconstruir essa cultura de violência e incentivar valores de convivência relacionados a uma Educação para a Paz.

Na perspectiva de Guimarães (2011), o lúdico pode ser uma ferramenta tanto para a promoção da educação para a paz, como também pode perpetuar a cultura de violência. E, portanto, ao se trabalhar com elementos lúdicos o docente deve ter sempre em mente a intenção de promover uma reflexão crítica.

Como destacou-se na introdução deste trabalho os estudos sobre a temática da Paz, principalmente, no cenário brasileiro, são bem recentes. Também se evidenciou que os contextos sociais atuais são marcados pela naturalização da violência; os comportamentos que as crianças reproduzem na escola, muitas vezes, são reflexos de atitudes que aprenderam nesses contextos. Guimarães (2011, p. 224), destaca que “Há também uma série de ditos pronunciados com frequência, seja no ambiente familiar, seja na própria escola, tais como: ‘Se você apanhou, bata!’, ‘Em briga de homem e mulher, ninguém mete a colher’, etc., que igualmente continuam o ensino sub-reptício da violência”.

Por vezes, quando se questiona a criança sobre a razão dela ter usado meios violentos para resolver uma situação de conflito na escola, a mesma diz: “Minha mãe disse que se me baterem é para eu bater de volta!”. Muller (2017), em seu livro “Não Violência na Educação”, questiona:

Que espaços, que horários reservamos para que as crianças pensem sobre a filosofia da não violência e comecem a praticar os métodos da ação não violenta? Quando somamos tudo que nossas sociedades fazem para cultivar a violência e tudo quanto deixam de fazer para cultivar a não violência, vemos o quanto temos pela frente se quisermos organizar a transição da humanidade de uma cultura de guerra para uma cultura de paz (MULLER, 2017, p.100).

Com base nesse questionamento, percebe-se a urgente necessidade de se incluir esta temática no exercício das práticas pedagógicas. Embora no exterior, principalmente na Espanha, a temática da Educação para a Paz esteja nas pautas de discussão e desenvolvimento há algumas décadas, ela ainda é emergente na educação brasileira. Portanto, é preciso que os docentes tenham clareza que educar para a paz não pode ser sinônimo de atividades ingênuas, sem um posicionamento crítico e reflexivo. Além do mais, esta forma de educação precisa ser uma atividade contínua e permanente.

No universo infantil, há diversos tipos de violências que se evidenciam nas brincadeiras, nas músicas, nos desenhos animados, nas formas de resoluções de conflitos, na convivência de uma forma geral. Sônia Kramer (2007, p.6), em seu texto que aborda sobre a educação da criança contra a barbárie, destaca este contexto violento no qual as crianças estão inseridas, como segue abaixo:

Se, agora, dirigimos nosso olhar ao mundo que é dado às crianças, o que vemos? Falta de entendimento, ausência de escuta do outro, violência, destruição, morte. Observando o cotidiano no trabalho, na política, nas relações familiares, vemos falta de diálogo e de escuta do outro. Com frequência falo desta minha perplexidade e assombro diante da exclusão, da discriminação e da eliminação. Pois, apesar do avanço e aparente progresso tecnológico, a humanidade não conseguiu superar o problema que está na origem dos grandes crimes cometidos contra a vida – sejam eles de ordem política, étnica, religiosa, social, sexual – na origem dos genocídios: a dificuldade de aceitar que somos feitos de pluralidade, que somos constituídos na diferença. E é numa realidade violenta, hostil, que não sabe lidar com a diferença, que educamos nossas crianças obrigadas a conviver com chacinas de crianças, mendigos e homossexuais; torturas de presos por policiais; crianças com mãos baleadas por traficantes; métodos disciplinares que violentam os direitos das pessoas; processos visíveis e invisíveis de calar a palavra alheia, eliminando a diferença ou o dissenso. As crianças são educadas com imagens da guerra na Europa, na África e do extermínio progressivo de populações pobres da América Latina, com imagens de crianças matando colegas de escola, neonazistas vitimando gays, negros, judeus. E embora se tenha tentado emudecer crianças, jovens ou adultos, numa história de escravidão passada e presente; embora tantos tenham aprendido a aceitar a desigualdade e a miséria, os discursos oficiais têm a hipocrisia de sugerir que a mudança geraria o caos,

quando o caos está já instalado. As crianças, com quem poderíamos aprender a mudar e a fazer história do lixo e reinventar a esperança, aprendem com os adultos a aniquilação dos direitos, o medo, a agressão.” (KRAMER, 2007, p.6)

A barbárie e a violência, estão presentes na sociedade brasileira. Como educadores não podemos ficar alheios a essa realidade que nos é apresentada. Dessa maneira, torna-se necessário educar para a paz, para a não violência, educar contra a barbárie; e, a família, a escola, as instituições religiosas e demais grupos da sociedade, precisam aliar-se na promoção da cultura de paz. Carvalho (2011), contribui para essa reflexão ao propor que,

Portanto, para transformar a cultura de violência, alguns traços da cultura tradicional devem ser repensados, como, por exemplo, as cantigas de rodas e as de ninar: Atirei o pau no gato, mas o gato não morreu; Sambalelê tá doente, tá com a cabeça quebrada; Nana neném, que a cuca vai pegar; O cravo brigou com a rosa, etc.- trazem em seu contexto princípios violentos que podem ser interpretados como corriqueiros, parecendo normais de serem praticados. A cultura atual também necessita rever os valores difundidos, como, por exemplo, na programação televisiva infantil que apresenta conteúdos de cultura de violência. Muitos dos desenhos animados são voltados para as batalhas ditas "entre o bem e o mal", onde acontecem no mais das vezes mortes violentas. (CARVALHO, 2011, p.173-174)

As crianças convivem nessa cultura de violência e, os comportamentos que elas reproduzem na escola, muitas vezes, são reflexos das atitudes que vivenciaram em diversos contextos. Portanto, é fundamental que desde a etapa da Educação Infantil, sejam desenvolvidas práticas educativas que difundam valores para a promoção de uma Cultura de Paz. Este trabalho deve ser desenvolvido com momentos de reflexão crítica e busca de mudança de atitudes diante de um conflito.

2.1 Mas... “O que é Educar para a Paz, Cultura de Paz?”

A temática central deste trabalho é a Educação para a Paz, mas o que é essa educação que tanto tem se falado? O que dizem os estudiosos sobre ela?

2.1.1 Conceituação da temática – Educação para a Paz

Para Guimarães (2011, p.78) “A educação para a paz é, pois, uma tentativa de responder aos problemas de conflito e de violência nas escolas e que se estendem desde o global ao nacional e do local ao pessoal”. Virgínia Ostroski (SALLES, 2017), ao analisar a Educação para a Paz na perspectiva da complexidade, afirma que

A Educação para a Paz é um campo de conhecimento/estudo em construção permanente, referente à Cultura de Paz na Educação e a Educação para a Paz, que tem avançado ao longo dos últimos anos no Brasil. Embasamentos teóricos, dimensões conceituais e práticas pedagógicas vão sendo definidas a partir de estudos referentes aos direitos humanos, valores humanos, mediação de conflitos, da educação ambiental, da pedagogia da convivência, entre outras, que tratam de criar bases para a construção de novas práticas, pautadas nos princípios da não violência e da paz. (SALLES, 2017, p.28)

Jares (2007), em *Educar para a paz em tempos difíceis*, afirma que

Educar para a paz é uma forma particular de educação em valores. Toda educação leva consigo, consciente e inconscientemente, a transmissão de determinado código de valores. Educar para a paz pressupõe a educação a partir de – e para – determinados valores, como a justiça, a cooperação, a solidariedade, o compromisso, a autonomia pessoal e coletiva, o respeito, ao mesmo tempo que questiona os valores contrários a uma cultura de paz, como a discriminação, a intolerância, o etnocentrismo, a obediência cega, a indiferença e a ausência de solidariedade, o conformismo. (JARES, 2007, p.45)

Lia Diskin e Laura Roizman (2002), definem a Educação para a paz como:

[...] um processo pelo qual se promovem conhecimentos, habilidades, atitudes e valores necessários para induzir mudanças de comportamento que possibilitam às crianças, aos jovens e aos adultos a prevenir a violência (tanto em sua manifestação direta, como em sua forma estrutural); resolver conflitos de forma pacífica e criar condições que conduzam à paz (na sua dimensão intrapessoal; interpessoal; ambiental; intergrupar; nacional e/ou internacional). (DISKIN; ROIZMAN, 2002, p.11)

Estudiosos da temática (GUIMARÃES, 2011; SALLES FILHO, 2019) afirmam que a Educação para a Paz é um caminho pedagógico para se estabelecer a cultura de paz nas escolas. Nas palavras de Salles Filho (2019, p.21) ela é “um ramo pedagógico da cultura de paz”, portanto, torna-se necessário pensar em práticas pedagógicas para a promoção desta cultura na convivência escolar.

É importante observar que a cultura do século XXI é marcada mais pela violência do que pela paz. Ana Freire (2006), ao discursar sobre a Educação para a Paz na ótica de Paulo Freire, destaca:

Fica claro que para Paulo a Paz não é um dado, dado, um fato intrinsecamente humano comum a todos os povos, de quaisquer culturas. Precisamos desde a mais tenra idade formar as crianças na “Cultura da Paz”, que necessita desvelar e não esconder, com criticidade ética, as práticas sociais injustas, incentivando a colaboração, a tolerância com o diferente, o espírito de justiça e da solidariedade (ARAÚJO FREIRE, 2006, p.391).

Com base nessa afirmação, se a paz não é algo dado, pronto, torna-se necessário desenvolver uma Educação para Paz, ensinar a paz, de tal maneira que sejam promovidos

valores que contribuam para uma convivência mais harmônica e pacífica, e oportuniza a melhora das relações humanas.

2.1.2 A Cultura de Paz

No decorrer deste trabalho tem se afirmado que a Educação para a Paz é um viés pedagógico para a cultura de paz. Mas o que é esta cultura? De acordo com Noletto (2010, p.12), discorrer sobre cultura de paz “[...] é falar dos valores essenciais à vida democrática. Valores como igualdade, respeito aos direitos humanos, respeito à diversidade cultural, justiça, liberdade, tolerância, diálogo, reconciliação, solidariedade, desenvolvimento e justiça social”. É nessa perspectiva que se valoriza, nesta pesquisa, a importância da promoção dos valores humanos desde a Educação Infantil com o intuito de promover uma cultura de não violência nos ambientes escolares, a começar pela sala de aula de cada docente. Noletto (2010), afirma ainda que

A cultura de paz está intrinsecamente relacionada à prevenção e à resolução não violenta dos conflitos. É uma cultura baseada em tolerância e solidariedade, que respeita todos os direitos individuais, que assegura e sustenta a liberdade de opinião e que se empenha em prevenir conflitos, resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças não militares para a paz e para a segurança, como a exclusão, a pobreza extrema e a degradação ambiental. A cultura de paz procura resolver os problemas por meio do diálogo, da negociação e da mediação, de forma a tornar a guerra e a violência inviáveis. (NOLETO, 2010, p. 11-12).

Para Silva, Medeiros e Bomfim (2015),

[...] a concepção epistêmica de Cultura de Paz apresenta-se como uma das alternativas de enfrentamento às diversas formas de violências na escola. Concretizando-se em uma concepção epistemológica de descolonização do saber e do poder, uma vez que vai às raízes dos conflitos como forma de problematização das situações de violências, de exclusão e de discriminação na escola, bem como a problematização do conflito como princípio educativo para a mediação das situações de violências vivenciadas na escola. (SILVA; MEDEIROS, BOMFIM, 2015, p.170)

Nesse sentido, propõe-se aos docentes o desenvolvimento de práticas pedagógicas críticas de tal maneira que os discentes reflitam sobre os conflitos e situações de violência que acontecem no ambiente escolar, buscando, dessa forma, transformá-las. Segundo Salles Filho (2019) “É muito importante: aproveitar todas as possibilidades para criar reflexão e apropriação tanto dos conceitos como das vivências indispensáveis para construir a paz e a não violência e criar uma cultura que desvalorize formas de violência”. (p.360).

Entende-se que o desenvolvimento de ações pedagógicas, tendo como viés a promoção dos valores humanos, de maneira crítica, é fundamental no processo de promoção de uma cultura de paz.

2.2 O caminho até a lei nº 13.663/18

Na introdução deste trabalho destacou-se uma das legislações utilizada como fundamentação para o estudo da temática da EP, a lei n. 13.663/18 (BRASIL, 2018b). Mas cabe o questionamento: Qual o caminho percorrido, principalmente, no cenário brasileiro, até chegar à promulgação desta lei?

É importante ressaltar que, embora a luta pela promoção de uma cultura de paz na escola e sociedade ganha a cada dia mais visibilidade, ela percorreu um longo caminho até chegar à LDB. No contexto brasileiro, a Constituição Federal de 1988 foi um grande marco na luta pelos direitos da infância, adolescência e juventude; e, a partir dela, as crianças passaram a ser reconhecidas como sujeitos de direitos, como expressa o artigo a seguir:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº65, de 2010). (BRASIL, 1988, cap. VII, art. 227)

A inserção da criança na Constituição de 1988, oportunizou a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990, que visa regulamentar esses direitos garantidos pela Constituição, entre eles: a “proteção contra toda forma de violência” (BRASIL, 1988). O ECA estabelece que “A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.” (BRASIL, 1990, cap. II, art. 15).

Outro avanço nessa trajetória por uma Educação para a Paz foi o lançamento do Manifesto 2000, em março de 1999. Este documento foi escrito por um grupo de vencedores do prêmio Nobel da Paz. A partir daí, o ano 2000 ficou conhecido como o “Ano Internacional da Cultura de Paz” e o período compreendido entre os anos 2001-2010, foi denominado “Década Internacional para uma Cultura de Paz e não-violência para as crianças do mundo” (ONU, 1999, p.5). Os principais pontos destacados neste manifesto são: (1) Respeitar a vida;

(2) Rejeitar a violência; (3) Ser generoso; (4) Ouvir para compreender; (5) Preservar o planeta; e (6) Redescobrir a solidariedade (WERTHEIN, 2008).

É importante destacar algumas medidas estabelecidas pela ONU para a promoção de uma Cultura de Paz por meio da educação (ONU, 1999, p. 6). Entre elas, destacam-se:

- b) Zelar para que as crianças, desde a primeira infância, recebam formação sobre valores, atitudes, comportamentos e estilos de vida que lhes permitam resolver conflitos por meios pacíficos e com espírito de respeito pela dignidade humana e de tolerância e não discriminação;
- c) Preparar as crianças para participar de atividades que lhes indiquem os valores e os objetivos de uma Cultura de Paz; (ONU, 1999, p. 6)

No ano de 2009 houve a primeira tentativa de inserir a temática da Cultura de Paz na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), por meio de um projeto de Lei elaborado pelo Senador Paulo Paim (RS), que visava “fortalecer a cultura da paz nas escolas e nas comunidades adjacentes”. Conforme a proposta, o art. 3º da LDB, inciso IV, ganharia uma nova redação, a saber: “respeito à liberdade, apreço à tolerância e superação de todas as formas de violência, internas e externas à escola, na perspectiva da construção de uma cultura de paz” (BRASIL, 2010).

Em 30 de maio de 2012, foram estabelecidas as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. (BRASIL, 2018c, p. 44). Essas Diretrizes têm sua importância, pois, é necessário serem desenvolvidas práticas e valores, pautados em uma Educação em Direitos Humanos, onde educador e educando se façam sujeitos do processo, lutando contra atitudes discriminatórias, injustas, excludentes ou preconceituosas, promovendo desta forma a dignidade humana. O Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH) elenca como alguns dos princípios norteadores da educação em direitos humanos na educação básica:

- a educação deve ter a função de desenvolver uma cultura de direitos humanos em todos os espaços sociais;
- a escola como espaço privilegiado para a construção e consolidação da cultura de direitos humanos, deve assegurar que os objetivos e as práticas a serem adotados sejam coerentes com os valores e princípios da educação em direitos humanos;
- a educação em direitos humanos, por seu caráter coletivo, democrático e participativo, deve ocorrer em espaços marcados pelo entendimento mútuo, respeito e responsabilidade;
- a educação em direitos humanos deve estruturar-se na diversidade cultural e ambiental, garantindo a cidadania, o acesso ao ensino, permanência e conclusão, a equidade (étnico-racial, religiosa, cultural, territorial, físico-individual, geracional, de gênero, de orientação sexual, de opção política,
- a educação em direitos humanos deve ser um dos eixos fundamentais da educação básica e permear o currículo, a formação inicial e continuada dos profissionais da educação, o projeto político pedagógico da escola, os materiais didático-pedagógicos, o modelo de gestão e a avaliação;

- a prática escolar deve ser orientada para a educação em direitos humanos, assegurando o seu caráter transversal e a relação dialógica entre os diversos atores sociais. (BRASIL, 2018c, p.19-20)

E, ainda, estabelece entre as ações programáticas a serem desenvolvidas:

Propor ações fundamentadas em **princípios de convivência**, para que se construa uma escola livre de preconceitos, violência, abuso sexual, intimidação e punição corporal, incluindo procedimentos para a resolução de conflitos e modos de lidar com a violência e perseguições ou intimidações, por meio de processos participativos e democráticos. (BRASIL, 2018c, p.22, grifo nosso)

A Educação em Direitos Humanos pode contribuir para uma convivência mais democrática e para a não-violência, enquanto todos os atores envolvidos nessa comunidade escolar são tratados com igualdade e suas diferenças são valorizadas. De acordo com Jares (2008, p.25) “Os direitos humanos favorecem a convivência democrática tanto quanto apostam em um tipo de sociedade assentada em valores democráticos e na justiça social, dimensões que chocam frontalmente com os interesses dos que defendem o benefício particular e a dominação”. A dominação é um dos instrumentos que contribuem para a violência.

A temática da Cultura de Paz e a importância de políticas de combate à violência na escola, também foram evidenciadas no Plano Nacional de Educação (PNE) – lei n.13.005/14, com vigência por dez anos (2014 - 2024), cuja redação apresenta a seguinte meta:

7.23) garantir políticas de combate à violência na escola, inclusive pelo desenvolvimento de ações destinadas à capacitação de educadores para detecção dos sinais de suas causas, como a violência doméstica e sexual, favorecendo a adoção das providências adequadas para promover a construção da cultura de paz e um ambiente escolar dotado de segurança para a comunidade; (BRASIL, 2014, p.34)

No ano de 2015, houve a promulgação da Lei nº 13.185, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). Considera-se *Bullying*:

[...] todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. (BRASIL, 2015, art.1. § 1º)

O art.3º desta lei classifica essa forma de intimidação conforme o tipo de ação exercitada, que pode ser de origem verbal, moral, sexual, social, psicológica, físico, material e virtual. (BRASIL, 2015).

Todos esses processos anteriores foram fundamentais para que, em maio de 2018, houvesse a aprovação da lei federal n.13.663, que alterou o artigo 12 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – lei n.9.394/96 e incluiu medidas de combate à violência e de promoção da cultura de paz nos estabelecimentos de ensino (BRASIL, 2018b). Com isso, foram inseridos dois incisos:

IX – promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (bullying), no âmbito das escolas;

X – estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas. (BRASIL, 2018b, art. 12)

No entanto, apesar de todas essas conquistas, há muito o que se fazer nos ambientes escolares em prol da promoção de uma cultura de paz, para haver mudanças necessárias nas relações, tanto na escola quanto na sociedade.

3 CONVIVÊNCIA ESCOLAR: UMA BREVE ANÁLISE

De acordo com Jares (2007, p.160), “conviver significa viver uns com os outros com base em algumas determinadas relações sociais e códigos valorativos, forçosamente subjetivos, a partir de um contexto social determinado”. Para dialogar sobre as questões referentes à convivência escolar torna-se importante falar, primeiramente, sobre o papel da educação na formação do sujeito. A Constituição de 1988, no seu artigo 205, declara que:

a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, será incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, art. 205)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/96) no seu art. I, estabelece que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996)

Com base na legislação acima, evidencia-se que os processos educativos acontecem dentro e fora da escola. No entanto, as instituições de ensino são um espaço de convivência onde as diferenças se encontram. Sobre a escola, o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH), acrescenta que:

Ela é um espaço social privilegiado onde se definem a ação institucional pedagógica e a prática e vivência dos direitos humanos. Nas sociedades contemporâneas, a escola é local de estruturação de concepções de mundo e de consciência social, de circulação e **de consolidação de valores**, de promoção da diversidade cultural, da formação para a cidadania, de constituição de sujeitos sociais e de desenvolvimento de práticas pedagógicas. (BRASIL, 2018c, p. 18, grifo nosso)

Portanto, é fundamental a promoção de práticas pedagógicas nesse espaço privilegiado, que contribuam para uma convivência mais pacífica, humanizada e democrática, onde se consolidem os valores que contribuem para uma melhor convivência. Nas palavras de Delors (2003), é preciso “aprender a conviver”, pois o mundo está em constante mudança, portanto, a educação deve oferecer “os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele.” (DELORS, 2003, p.89).

Nesse sentido, uma bagagem cada vez mais densa e conteudista, já não é considerada adequada. Assim, Delors (2003) propõe que a educação seja pautada em quatro fundamentos: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser*. No entanto, ele aponta que os sistemas educativos costumam dar mais importância ao *aprender a conhecer* do que a outros fundamentos. Sabendo que o mundo está a cada dia mais imerso em uma cultura de violência, “aprender a viver com os outros”, torna-se um dos maiores desafios da educação, e esta não é uma tarefa fácil, como afirma a seguir:

É de louvar a ideia de ensinar a não-violência na escola, mesmo que apenas constitua um instrumento, entre outros, para lutar contra os preconceitos geradores de conflitos. A tarefa é árdua porque, muito naturalmente, os seres humanos têm tendência a supervalorizar as suas qualidades e as do grupo a que pertencem, e a alimentar preconceitos desfavoráveis em relação aos outros. (DELORS, 2003, p.97)

Muller (2017, p.100) contribui para essa reflexão ao afirmar que “A cultura da não-violência é mais difícil, requer mais atenção e maiores cuidados que a da violência”. No entanto, ele enfatiza a importância do ensino da não violência para uma melhor convivência mútua. Deste modo, convém pensar na convivência escolar e questionar: que tipo de educação é oferecida aos educandos? Uma Educação conteudista, pautada na transmissão de conhecimento ou uma educação que leva em consideração as problemáticas que ocorrem dentro e fora do ambiente escolar, onde a violência é uma delas?

Se, como educadores, queremos contribuir para a formação integral do sujeito e para a transformação do indivíduo e da sociedade, essa metodologia, apenas conteudista, precisa ser mudada. A escola não pode ficar alheia aos problemas que acontecem na sociedade e refletem na convivência escolar.

3.1 Violência e conflitos: problemas de convivência?

[...] o denominado “problema de convivência”, tanto em determinadas populações e contextos sociais quanto no âmbito escolar, é um dos aspectos que mais preocupa a sociedade em geral, assim como aos diferentes setores do sistema educacional, em particular. A perda das formas básicas de educação, a indiferença nas relações sociais, a deterioração da convivência, a banalização da violência, etc. aparecem como grandes preocupações sociais que transpassam o campo meramente educacional. (JARES, 2008, p.17)

A partir dessa colação, procede-se à análise da convivência escolar e dos problemas que nela surgem. Não é de agora que a mídia notifica casos de violência no ambiente escolar, reflexo de uma sociedade que, a cada dia mais, naturaliza atos de violência. O reflexo de uma cultura

de violência também é evidente nas redes sociais, nas instituições, entre elas, a escola, e em outras instâncias da sociedade. Segundo Jares (2008), existem diferentes marcos que refletem na convivência para além do sistema educacional, como: a família, o grupo de iguais, os meios de comunicação, os espaços e instrumentos de lazer e o contexto político, econômico e cultural dominante.

Betina Barros ([2023] apud G1, 2023), pesquisadora do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, reforça esse pensamento ao afirmar que a partir do ano de 2018 houve um aumento no número de ataques violentos em escolas, o que ela avalia ser resultado do período de isolamento social, causado pela Pandemia do Covid-19, quando os estudantes estiveram mais expostos à violência em suas famílias, ao uso indiscriminado da internet, muitas vezes sem um mediador responsável, bem como à polarização sanitária, social e política vivenciada no Brasil.

Segundo Meirelles (2023, p.1) “Os níveis de violência nas escolas não só estão alarmantes, com 48% dos alunos relatando ter sofrido algum tipo de violência, como são maiores nas unidades de ensino localizadas na periferia.”¹ É importante ressaltar que nas escolas, localizadas em regiões periféricas, a convivência de crianças em áreas marcadas pela violência é ainda maior do que nos grandes centros urbanos.

Assim, nas escolas de Educação Infantil de regiões periféricas, pode-se observar a reprodução de determinadas brincadeiras e até comportamentos que evidenciam essa realidade. Brincadeiras como: polícia e ladrão, brincadeiras de porte de arma, uso de drogas e outras, que são naturais para algumas crianças.

O cenário de violência escolar apresentado pela mídia entre março e abril deste ano (2023), traz urgência para o desenvolvimento de ações que promovam uma cultura de paz nas escolas. Como exemplo, da onda de violência nas escolas, no dia 27 de março de 2023, foi noticiado que uma professora (Elisabeth Tenreiro, 71 anos) foi esfaqueada em sua sala de aula, por um adolescente de 13 anos e veio a óbito. Outras professoras e estudantes ficaram feridos (G1; TV GLOBO, 2023).

Em dia 31 de março de 2023, circulou nas redes sociais um vídeo de uma menina autista sofrendo bullying e discriminação em uma escola do Rio de Janeiro (MENESES, 2023). Em 05 de abril de 2023, uma creche foi atacada em Santa Catarina e quatro crianças foram mortas (BORGES; PACHECO, 2023)². Esses são apenas alguns dados que reforçam a importância dessa temática de estudo.

¹ Essa citação foi acrescentada pós-defesa, no momento da organização dos capítulos.

² Esses dados jornalísticos foram acrescentados pós-defesa, no momento da organização dos capítulos e como sugestão da banca examinadora.

Além disso, há a questão dos conflitos que ocorrem no ambiente escolar, seja na relação estudante-estudante, estudante-professor, professor-estudante e outras relações. Portanto, ao abordar a Educação para a Paz, é importante refletir sobre a violência e os conflitos que ocorrem no ambiente escolar.

3.1.1 A Violência

Para Galtung (1985 apud JARES, 2002, p.124) “[...] paz é ausência de violência, e, por isso, a pesquisa sobre a paz e a ação pela paz estruturam-se do mesmo modo que a reflexão acerca da violência”. Nesse sentido, é preciso trazer à reflexão sobre a violência ao abordar a educação para a paz, pois nos dias atuais é necessário “reconhecer que nossas sociedades são dominadas por uma cultura de violência” (MULLER, 2017, p.100). Violência que está presente no Brasil desde os tempos passados, conforme explicam Bernaski e Sochodolak (2018):

No Brasil, a História foi marcada pelo constante uso da violência, tendo suas origens com o processo de colonização, primeiramente, na violenta política de subjugo do indígena subsidiado pela ideologia da guerra justa, das jurisdições e dos aldeamentos. Com a prática da escravidão ocorrida durante séculos, que suprimiu a vida humana de maneira selvagem, e ainda de forma mais suave, com a política de subterfúgio empregada ao imigrante europeu, submetendo-o à escravidão simbólica. Essas práticas colonizatórias construíram um Brasil pautado na concentração de riquezas refletidas na desigualdade social que se proliferou no cotidiano, marcada, também, pelo uso constante da violência. (BERNASKI; SOCHODOLAK, 2018, p.1)

Desde a colonização até a atualidade percebe-se a presença da violência no cenário brasileiro, porém, ela tem aumentado em nossos dias e torna-se necessário saber identificá-las. O conceito de violência pode ser entendido a partir de muitas perspectivas. O Centro Internacional de Investigação e Informação para a Paz – CIIP, descreve as violências da seguinte maneira:

Violência Coletiva: é o tipo que se produz quando a sociedade coletivamente, ou por meio de grupos significativamente importantes, participa ativa e declaradamente da violência direta. (...) *Violência institucional ou estatal*: é o tipo exercido pelas instituições legitimadas para uso da força quando, na prática de suas prerrogativas, impedem a realização das potencialidades individuais. (...) *Violência estrutural*: instituída dentro de uma estrutura, se de vida diferente. (...) *Violência cultural*: é um tipo de violência exercido por um sujeito reconhecido (individual ou coletivo), caracterizado pela utilização da diferença para inferiorizar e da assimilação para desconhecer a identidade do outro. (...) *Violência individual*: sua característica fundamental é ter origem social e se manifestar de um modo interpessoal. Incluem-se aqui os chamados fenômenos de segurança civil, tais como as violências anônimas, doméstica e contra as crianças, que implicam a violência direta (CIIP, 2002, p. 33-34 apud, SALLES FILHO, 2019, p.107).

Os tipos de violências mencionados, anteriormente, são a base para as formas de violência direta ou de modo interpessoal. Na perspectiva de Galtung, a respeito da violência:

É possível fazer uma analogia da violência com um iceberg, sendo a ponta dele a violência direta, parte visível de fácil mensuração e análise. Entretanto, por baixo desta ponta toda base – que é a grande massa do corpo de gelo – compõe a violência invisível (Estrutural e Cultural) que muitas vezes é quem subjuga a existência de violência física, podendo ser até mais agressiva que a direta. Particularmente, a violência cultural tem uma característica de estar mais próxima da sociedade civil, principalmente por corresponder a sentimentos preconceituosos que estão intrínsecos a ela. (GALTUNG, 1990 apud AMARAL, 2015, p. 106).

Ao analisar a violência que ocorre de forma direta entre os alunos e em outras relações interpessoais no ambiente escolar, também é importante pensar no contexto da sociedade e nas violências que ocorrem de forma estruturada. Tais violências estão associadas ao acesso insuficiente a direitos como: saúde, educação, lazer, moradia, saneamento básico e outros. Esta é uma das maneiras de pensar criticamente sobre a Educação para a Paz.

Para Galtung (1985 apud JARES, 2002, p.124) “A violência estrutural está edificada dentro da estrutura e se manifesta como um poder desigual e, conseqüentemente, como oportunidades de vida distintas”. A Figura 1 ilustra o pensamento de Galtung sobre a violência, onde a violência direta é apenas uma pequena parte de um problema maior, que são as questões de violência estrutural e violência cultural que carecem de investimentos em políticas públicas apropriadas.

Figura 1 - O "Triângulo da Violência" de Galtung



Fonte: Elaborado por Amaral (2015, p. 106), com base na teoria de Johan Galtung.

Para Candau (2012), a violência, seja ela de forma direta ou estruturada, não está apenas na sociedade, mas também nos espaços escolares.

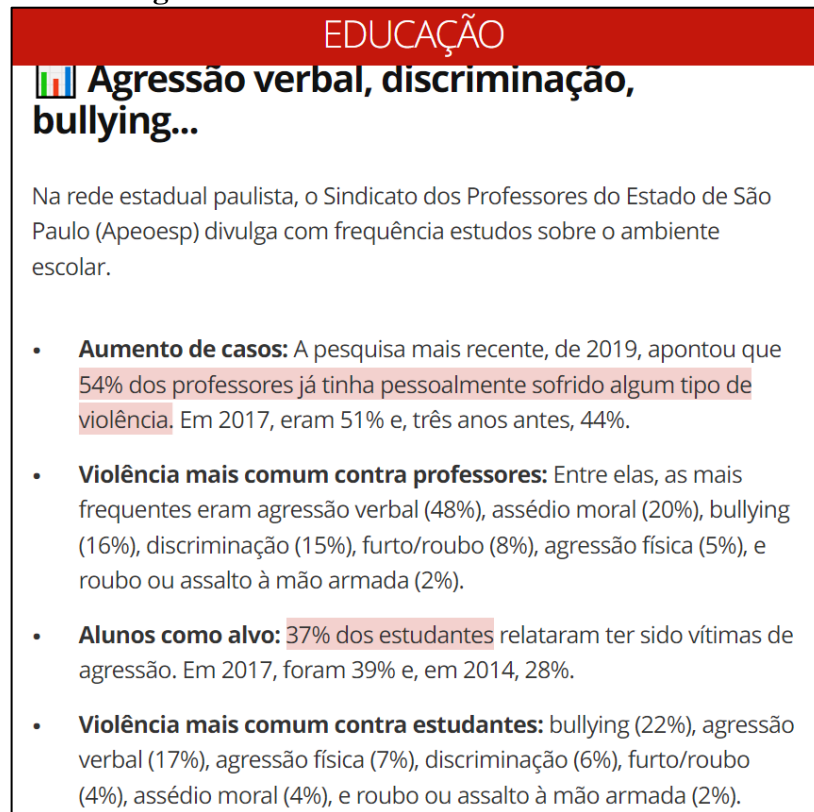
Diferentes manifestações de preconceito, discriminação, diversas formas de violência – física, simbólica, bullying -, homofobia, intolerância religiosa, estereótipos de gênero, exclusão de pessoas deficientes, entre outras, estão presentes na nossa sociedade, assim como no cotidiano das escolas. A consciência desta realidade é cada vez mais forte entre educadores e educadoras. (CANDAU, 2012, p. 236)

Como apontou Candau (2012), a violência, seja ela de forma direta ou estruturada, está na sociedade e também no interior da escola. Essa demanda social é, entre outras coisas, uma das problemáticas da convivência escolar, que prejudica as relações estabelecidas entre os sujeitos que compõe a comunidade escolar e prejudica o processo de ensino-aprendizagem. Aqui, cabe ressaltar a percepção da violência que ocorre no espaço escolar, na perspectiva de Abromovay e Rua (2003),

A percepção da violência no meio escolar muda de acordo com o olhar pelo qual esse meio é abordado. No passado as análises recaíam sobre a violência do sistema escolar, especialmente por parte dos professores contra os alunos (punições e castigos corporais). Na literatura contemporânea, sociólogos, antropólogos, psicólogos e outros especialistas privilegiam a análise da violência praticada entre alunos ou de alunos contra a propriedade (vandalismo, por exemplo) e, em menor proporção, de alunos contra professores e de professores contra alunos. (ABROMOVAY; RUA, 2003, p. 21)

Porém, diante do contexto que temos atravessado, do crescente número de violência nas escolas, é importante mudar o olhar para as violências cometidas por alunos contra professores e vice-versa, pois algo precisa ser feito. De acordo com uma publicação do site jornalístico G1, o índice de violência escolar no Brasil é considerado alto, e destaca que a violência contra os docentes tem aumentado nos últimos anos. Há também a violência voltada para o aluno, onde as principais formas apresentadas são, entre outras: bullying, agressão verbal, agressão física e discriminação (G1, 2023). A Figura 2 mostra alguns dados numéricos sobre esses tipos de violência.

Figura 2 - Violência no ambiente escolar



Fonte: (G1, 2023)

Para Bobbio (2003, p. 143, apud CRISTOVAM, 2011, p. 19), a violência passa a ser compreendida como “uso da força física, intencionalidade dirigida para o efeito desejado por parte do sujeito ativo” e “não consentida por parte do sujeito passivo”. Como tem sido enfatizado, a violência é um problema social e acarreta problemas na convivência escolar, prejudica as relações entre os sujeitos que dela fazem parte, além de prejudicar o processo de ensino e aprendizagem. Ao pensar o espaço escolar, Charlot (1997 apud ABRAMOVAY; RUA, 2003) destaca três níveis de violência:

- Violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos;
- Incivildades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito;
- Violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta e sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Todas essas categorias apresentam a violência como ações diversas... A violência simbólica ou institucional apresenta um agravante de não deixar marcas aparentes. Muito importante nessa definição é que os conteúdos estereis e sem significados para os alunos também pode ser considerado uma ação violenta (ABROMOVAY; RUA, 2003, p. 21-22).

Além disso, vivemos em um contexto social onde prevalecem o individualismo, a competição desenfreada, a falta de sensibilidade e empatia com o outro, o egoísmo, a carência de humanização nas relações humanas, os comportamentos agressivos e outros. Tudo isso são traços de uma sociedade marcada pela violência.

Concordamos com Cristovam (2011, p.18), quando afirma que “Em uma cultura violenta, atos violentos são impostos para a resolução dos conflitos. Tal constatação leva-nos a entender que a educação para uma cultura de paz deve ser buscada pela sociedade com devida urgência”. Pois “[...] a violência é apenas um meio para a resolução do conflito, na tentativa de suprimi-lo e eliminar o adversário” (FALEIROS, 1998 apud OLIVEIRA; VIEIRA; BRUM, 2021, p. 8).

Guimarães (2011, p.271), acrescenta que “Paz e violência não são fenômenos naturais ou manifestações do processo vital, mas pertencem à esfera das relações humanas e sociais, e como tais devem ser tratados”. Nesse sentido, uma Educação para a Paz, que promova valores que contribuam para a não violência no ambiente escolar, torna-se imprescindível.

3.1.2 Os conflitos na convivência escolar

Sabendo que esta pesquisa é sobre a temática da Educação para a Paz, torna-se importante realizar uma breve análise sobre a questão dos conflitos. Embora a perspectiva central seja sobre os valores humanos, não há como desvincular este conceito (conflito) do conceito de paz, porque a EP se assenta sobre esses conceitos que são “significantes e definidores”, como afirma Jares (2002, p. 121). Nesse sentido, esse termo também permeia este trabalho.

Sendo a escola um espaço formativo, de socialização, convivência e encontro das diferenças, nessa experiência de estar com o outro que é diferente de mim, podem ocorrer confrontos e conflitos. Para alguns educadores, os conflitos escolares se apresentam como atos de indisciplina; problemática que afeta a convivência escolar e o processo de ensino e aprendizagem.

Carvalho, Morais e Carvalho (2019), estabelecem uma relação entre a democratização do acesso à escola pública e uma mudança no cenário educacional e mencionam o problema da indisciplina como outra problemática presente no ambiente escolar. Eles enfatizam a escola como um espaço onde os conflitos estão presentes.

A expansão do acesso à escola pública, proporcionando a frequência de alunos de diferentes culturas, contribuiu para a modificação do cenário escolar. Se a escola do passado era silenciosa e disciplinada é porque dela fazia parte apenas uma parcela da sociedade, parcela esta que controlava os bens materiais e culturais disponíveis. Com a democratização da escola pública, o acesso das classes populares, e fatores como a participação da mulher no mercado de trabalho, a fragilidade das políticas públicas para a educação, o cenário educacional modificou-se. Entendem-se, então, a escola e a sala de aula como espaços de contradições e de conflitos. (CARVALHO; MORAIS; CARVALHO, 2019, p. 36)

Nas escolas de Educação Infantil, os conflitos interpessoais são recorrentes, portanto, é necessário abordá-los positivamente de modo que produza um aprendizado com a situação apresentada. Às vezes as crianças resolvem sozinhas as situações de conflito, outras vezes recorrem ao professor para mediá-lo. Para Jares (2008) “Conflito e convivência são duas realidades sociais inerentes a toda forma de vida em sociedade” (p.25). No entanto, a forma como o docente escolhe abordar o conflito determinará se ele promove uma Educação para a Paz ou para a violência. Segundo Jares (2008),

Boa parte dos estudantes que apresentam problemas de convivência nas escolas procede de ambientes desestruturados. O sistema educacional não pode reforçar ainda mais esta situação. Muitos deles/as estão pedindo que alguém lhes estenda a mão. Creio que é fundamental não desculpar certos comportamentos, mas, sim, indagar sobre suas causas e compreender a origem delas para poder atuar de maneira educativa. (JARES, 2008, p.131)

Muller (2017), faz a seguinte análise sobre o conflito:

O conflito pode ser destrutivo, é claro, mas também pode ser construtivo. É um meio para se chegar a um acordo, um pacto que satisfaça os respectivos direitos de cada adversário e, como tal, construa relacionamentos justos e equitativos entre indivíduos e dentro de uma mesma comunidade, ou entre comunidades distintas. O conflito é, portanto, componente estrutural de todo relacionamento com os outros e, assim, de toda vida social. No caso de duas crianças competindo por um mesmo brinquedo, a mediação de um adulto pode ajudá-las a solucionar o conflito por meio da realização de um pacto: ou decidem brincar juntas ou se revezam no uso do brinquedo. Desta forma estarão aprendendo sobre resolução construtiva de conflitos, na qual ambas as partes emergem como ganhadoras. (MULLER, 2017, p. 25)

Quando falamos sobre a Educação para a Paz, não estamos falando sobre a ausência de conflitos. Pois eles são inerentes à convivência humana, independentemente da idade, e as crianças precisam aprender a resolvê-los de forma não violenta. Maldonado (1997, p.96 apud OLIVEIRA; VIEIRA; BRUM, 2021, p.8), contribui com esse pensamento ao afirmar que “para construir uma cultura de paz é preciso mudar atitudes, crenças e comportamentos, até se tornar natural resolver os conflitos de modo não violento (por meio de acordos) e não de modo hostil”.

Neste trabalho, sugere-se que o educador olhe criticamente para a questão dos conflitos e passe a abordá-los sob a ótica dos valores humanos, por meio de práticas pedagógicas críticas e intencionais. Porém, ocorre que muitas vezes quando há conflitos, são tomadas medidas de punição, exclusão e não se dá a devida atenção ao problema. Guimarães (2009), contribui ao afirmar que

Não é escondendo os conflitos ou proibindo simplesmente a televisão de veicular cenas de violência, que se encontrarão perspectivas de construir culturas da paz. Por outro lado, não se pode negar a palavra, caindo em formas de conter a violência com o recurso da própria violência. Assim, nesse contexto, a linguagem torna-se, por excelência, o instrumento de operar a paz. (GUIMARÃES, 2009, p.174)

Torna-se necessário desenvolver nos espaços escolares ou não escolares, um trabalho de sensibilização, de promoção de valores relacionados à Cultura de Paz, para uma convivência mais humanizada e pacífica. Além disso, uma educação dialógica é fundamental nesse processo. Este é um grande desafio a enfrentar, pois como afirmam Carvalho, Morais e Carvalho (2019, p.36) “[...] percebemos que o sistema educacional está em crise. Porém, compreendemos que a crise é produtiva, no sentido de procurarmos soluções, nos inquietarmos, buscarmos novos caminhos.”. Dessa forma, é fundamental que haja um processo de formação continuada docente para abordar a temática de maneira positiva.

Na prática em sala de aula, por vezes, em casos de conflitos escolares, entre as crianças, quando questionadas sobre o motivo de utilizarem a agressão física, meios violentos para solucionar um conflito, respondem: “Minha mãe disse que se me baterem é para eu bater de volta!”, o que denota um ensino sub-reptício de práticas violentas.

Às vezes, essa prática de bater para resolver conflitos é utilizada até mesmo pelos responsáveis ao corrigirem os filhos, demonstrando ausência de diálogo e posicionamento crítico. Predomina uma resolução de violência com outra forma de violência. Sobre essa realidade agressiva Paulo Freire (2006), em *Pedagogia da Autonomia*, colabora com a ideia de trazer para a sala de aula esses problemas que fazem parte do universo do educando, questionando:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (FREIRE, 2006, p.30)

O docente não pode ficar alheio às problemáticas que ocorrem na família, nos arredores da escola e se refletem na convivência escolar. As leis e os estudiosos do tema nos respaldam sobre a importância de abordar questões relacionadas à cultura de paz no ambiente escolar desde a mais tenra idade.

Delors (2003) recomenda a necessidade de se “Aprender a viver juntos desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências - realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz” (DELORS, 2003, p.102). Os conflitos interpessoais fazem parte da natureza humana e de qualquer convivência, mas é preciso saber mediá-los a partir do diálogo e de uma perspectiva de não violência.

É necessário um modelo novo e mais crítico de pensar e agir, e as relações de poder devem se desenvolver horizontalmente e não verticalmente. Delors (2003) também contribui ao enfatizar a importância de o professor assumir um papel crítico e dialógico, e deixa claro que muitos se esquecem de que servem de modelo para as crianças.

Os professores que, por dogmatismo, matam a curiosidade ou o espírito crítico dos seus alunos, em vez de os desenvolver, podem ser mais prejudiciais do que úteis. Esquecendo que funcionam como modelos, com esta sua atitude arriscam-se a enfraquecer por toda a vida nos alunos a capacidade de abertura à alteridade e de enfrentar inevitáveis tensões entre pessoas, grupos e nações. O confronto através do diálogo e da troca de argumentos é um dos instrumentos indispensáveis à educação do século XXI. (DELORS, 2003, p. 98)

Observa-se que, ao brincar, as crianças tendem a reproduzir as falas e os gestos dos adultos, inclusive dos docentes, com os quais elas convivem. Seguem alguns questionamentos para a reflexão: o que suas crianças refletem sobre sua prática docente? Um professor afetivo, amoroso, humano ou um professor autoritário, opressor e sem abertura ao diálogo?

Jares (2007, p.160), faz as seguintes indagações: “Sob quais modelos educacionais educamos? Trata-se de modelos orientados pela e para a convivência democrática ou, ao contrário, é um modelo para a submissão a determinadas estruturas sociais? São modelos que incentivam a autonomia ou a submissão?” (JARES, 2007, p. 160). A partir dessas ponderações, é importante que o docente adote um novo olhar sobre o educando e o conflito. Uma educação dialógica é fundamental nesse processo.

Macêdo, Silva e Lucena (2021) abordam a importância de humanizar as relações no contexto escolar para a promoção de uma Cultura de Paz. Nesse sentido, compreendemos a importância da relação educador-educando nesse processo.

4 A RELAÇÃO EDUCADOR-EDUCANDO E A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO PARA A PAZ

“Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço.”

(FREIRE, 2006, p. 103)

Um dos objetivos deste trabalho é contribuir para a formação continuada de professores por meio de oficinas pedagógicas sobre a temática da Educação para a Paz, em um movimento de reflexão – ação sobre a prática em sala de aula e a resolução de conflitos. Dessa forma, com o intuito de promover uma cultura de não violência na convivência escolar, é necessário discutir a relação entre o educador e o educando e de que maneira ela tem se estabelecido nos ambientes escolares. Considerando que o docente é uma das figuras importantes na promoção da EP. Fica a pergunta: essa relação tem se pautado no diálogo ou em uma relação dominadora, que não contribui para a paz?

É nesse sentido que este trabalho adota a pedagogia crítica e dialógica como um de seus pressupostos teórico-metodológicos, tendo como referência Paulo Freire (2006, 2011), que coopera no sentido de apoiar a educação dialética e participativa, e a democratização das relações. Ressalta-se que o diálogo é fundamental no processo de resolução de conflitos, promoção de uma Educação para a Paz e dos valores humanos.

Segundo Freire (2011), nessa educação dialógica tem-se como fundamentos: o amor, a humildade, a fé, a esperança e o pensamento crítico. Aliando esse pensamento aos ideais de uma cultura de paz, Salles Filho (2019, p.20) define que “[...] uma cultura de paz pauta-se por solidariedade, generosidade, respeito às diferenças, baseadas na escuta e no diálogo, evitando formas violentas de viver e conviver”. Jares (2007, 2008), também reforça a importância do diálogo no processo de Educação para a Paz.

Jares (2008) afirma que “Não há possibilidade de convivência sem diálogo. As pessoas crescem e se humanizam graças à linguagem e ao diálogo. Conviver uns com os outros é um contínuo exercício de diálogo” (p.32). Jares, acrescenta:

Quando se rompe o diálogo, se está inviabilizando a possibilidade da convivência em geral e de poder resolver os conflitos, em particular. E não há possibilidade de resolver os conflitos senão por meio do diálogo, seja diretamente entre as partes que se enfrentam ou através de terceiros que se coloquem como mediadores ou, ao menos, intermediários. (JARES, 2008, p.33)

Quando não há abertura para o diálogo, predomina-se uma relação dominadora entre educador-educando. Violência, subalternização e imposições são as características presentes nessa relação não dialógica. Dessa maneira, a participação das crianças é fundamental na resolução dos conflitos que emergem na convivência escolar.

É importante que o educador conduza a criança a refletir sobre determinada atitude, para transformá-la em um movimento de reflexão x ação, incentivando assim o protagonismo infantil. Além do diálogo, Paulo Freire fala sobre a importância da escuta no trato com os estudantes.

[...] se não os escuto, não posso falar com eles, mas a eles, de *cima para baixo*. Sobretudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me *escutá-lo* ou *escutá-la*. O diferente não é o *outro* a merecer respeito é um isto ou aquilo, *destratável* ou *desprezível*. (FREIRE, 2006, p.120-121)

Para a descentralização do poder, é importante que os docentes desenvolvam atividades que abram espaço para a fala, para que as crianças problematizem e busquem soluções para os conflitos, de tal maneira que sejam promovidos valores que contribuam para a melhoria da convivência escolar. No entanto, muitos educadores podem se perguntar: de qual maneira e em qual momento poderão desenvolver essas atividades com as crianças? Sobre essas questões, uma das sugestões é que essas atividades sejam desenvolvidas no momento das rodas de conversa ou “Círculo de Cultura”, conforme denominado por Freire (2011). O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI), apresenta uma análise crítica sobre o uso das rodas de conversa nas escolas infantis,

O trabalho com a linguagem oral, nas instituições de educação infantil, tem se restringido a algumas atividades, entre elas as rodas de conversa. Apesar de serem organizadas com a intenção de desenvolver a conversa, se caracterizam, em geral, por um monólogo com o professor, no qual as crianças são chamadas a responder em coro a uma única pergunta dirigida a todos, ou cada um por sua vez, em uma ação totalmente centrada no adulto. (BRASIL, 1998, v.3, p. 119)

Nessa perspectiva, para que seja uma ferramenta crítica e democrática no momento, é necessário, que durante a sua realização, haja a participação das crianças de maneira mais efetiva. É de suma importância que se realize a descentralização do poder e que a criança seja vista como sujeito. Silva, Medeiros e Bomfim (2015, p.169) ao discursarem sobre o processo de descolonização da escola, afirmam que “para se alcançar essa realidade, é necessário que se superem as relações de poder entre colonizador e colonizado, oprimido e opressor”.

Dessa forma, acredita-se que a adoção da roda de conversa como uma das estratégias para o desenvolvimento da Educação para a Paz, crítica e dialógica, contribuirá para a formação de um sujeito crítico e participativo. Guimarães (2011) acrescenta a essa discussão que,

A educação para a paz, dessa forma, passa a ser significada como um espaço onde os sujeitos dizem a paz, debatendo suas visões e percepções, ao mesmo tempo que organizam ações para sua efetivação. Os círculos de cultura da paz apresentam-se, assim, como uma possibilidade de conduzir a educação para a paz, dentro e fora do meio escolar. Nas escolas reunindo estudantes e professores no protagonismo pela paz. (GUIMARÃES, 2011, p.258)

A partir dessa fala, o educador, por meio das rodas de conversa ou Círculos de Cultura, tem a oportunidade de dar voz às crianças, que por muito tempo foram consideradas pela terminologia da palavra infância *infa*, sem fala.

Em termos etimológicos, a palavra “infante” significa aquele que “não fala” (do latim **infans, infantis**, um composto do prefixo negativo **in** e do particípio presente do verbo **fari**, “falar”). Educar uma criança pequena significa ensiná-la a falar, não tanto ensinando a língua-mãe, mas ensinando-a falar com os outros. A fala é o fundamento e a estrutura da socialização, e está caracterizada pela renúncia à violência. (MULLER, 2017, p.20)

Nesse sentido, é importante que o educador incentive o estudante a falar, comunicar ao outro o que não lhe agradou, de tal maneira que a resolução de determinado conflito que venha ocorrer na escola e/ou fora dela, seja por meio do diálogo e da não violência, e desta forma, também sejam promovidos valores, como o respeito, a empatia e outros. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil define o momento da roda de conversa da seguinte forma:

A roda de conversa é o momento privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias. Por meio desse exercício cotidiano as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor suas ideias, dúvidas e descobertas, ampliar seu vocabulário e aprender a valorizar o grupo como instância de troca e aprendizagem. A participação na roda permite que as crianças aprendam a olhar e a ouvir os amigos, trocando experiências. Pode-se, na roda, contar fatos às crianças, descrever ações e promover uma aproximação com aspectos mais formais da linguagem por meio de situações como ler e contar histórias, cantar ou entoar canções, declamar poesias, dizer parlendas, textos de brincadeiras infantis etc. (BRASIL, 1998, v.3, p.138)

Ou seja, o docente pode nesse momento explorar diversas ações pedagógicas para promover a Educação para a Paz no ambiente escolar e utilizar diversas atividades lúdicas. Para Guimarães (2011), os círculos de cultura instauram-se como “caminho metodológico no

processo de Educação para a Paz”. No entanto, acrescenta-se aqui que este é um exemplo de um dos momentos que podem ser aproveitados para desenvolver essas práticas, mas o docente não precisa se ater unicamente a ele, pois essa temática pode perpassar todo o currículo.

4.1 A importância da capacitação docente

Com base nos referenciais aqui apresentados, surgem os questionamentos: de que maneira são resolvidos os conflitos nas instituições escolares? Há abertura para o diálogo, para a escuta, para a compreensão do ponto de vista do outro, ou as medidas são tomadas apenas no sentido de “punição” quando surge uma situação de conflito? Qual é o papel do docente na promoção da Educação para a Paz?

Paulo Freire (2011), analisando as relações que se estabelecem entre educador e educando, destaca que essas relações geralmente se baseiam na narração de conteúdos, que nada têm a ver com a realidade dos educandos. Freire (2006), em *Pedagogia da Autonomia*, propõe que sejam trabalhados temas que vão de encontro à realidade do educando, como o tema da violência.

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (FREIRE, 2006, p.30)

O docente não pode ficar alheio às problemáticas que ocorrem no entorno da escola e refletem na convivência escolar. No entanto, Paulo Freire explica que para “um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos” (FREIRE, 2006, p.30-31).

Contrariando esse modo de pensar de alguns educadores, Macêdo, Silva e Lucena (2021, p. 389-390) contribuem dizendo que “A aula deve ser entendida mais que conteúdos programáticos, pode e deve ter preocupações com valores humanos a partir de uma visão contextualizada de mundo [...]”. As leis e os estudiosos do tema nos respaldam sobre a importância de abordar temáticas relacionadas à cultura de paz no ambiente escolar, desde a mais tenra idade. No entanto, alguns docentes afirmam que trabalhar com valores, ensinar competências e modo de ser no mundo não compete a sua prática pedagógica. Muller afirma que,

Naturalmente, conflito, violência e não violência são matérias mais difíceis de incluir no currículo escolar do que matemática, português e geografia. Não se trata somente de transmitir conhecimento, mas de ensinar às crianças sobre comportamento e modos de ser no mundo. Muitos professores dirão que isto está além de seu campo de competência e não é parte de sua obrigação. Contudo, a violência se faz presente nas escolas, e estes mesmos professores têm de conviver com ela diariamente. (MULLER, 2017, p. 20)

Infelizmente, ainda impera no pensamento de alguns docentes que esse papel cabe unicamente à família. Acredita-se também que muitos não sabem o “Como?” desenvolver essas práticas, tendo em vista a escassez de cursos de formação sobre a temática. Sob tal ótica, Milani (2003) destaca a importância da capacitação continuada dos professores, entre outros critérios fundamentais, para a construção de uma realidade menos violenta na escola.

[...] afeto, respeito e diálogo; um ensino que incorpore a dimensão dos valores éticos e humanos; processos decisórios democráticos, com a efetiva participação dos alunos e de seus pais nos destinos da comunidade escolar; implementação de programas de capacitação continuada de professores; aproveitamento das oportunidades educativas para o aprendizado do respeito às diferenças e a resolução pacífica de conflitos; abandono de modelo vigente de competição e individualismo por outro, fundamentado na cooperação e no trabalho conjunto etc. (MILANI, 2003, p.39 apud SALLES FILHO, 2009, p.10288)

Assim como também é importante desenvolver o resgate dos valores que têm se perdido na sociedade. Marroche (2019), destaca a importância da escola na promoção desses valores, bem como o papel essencial do docente.

A escola, como vimos, é um lugar de aquisição de valores e o professor é atuante e parte importante, tendo o papel de mediar à resolução de conflitos, construindo meios favoráveis sobre como agir em situações conflituosas, fazendo entender o que suas atitudes podem causar, contribuindo não somente para o desenvolvimento intelectual daquela criança, mas também para desenvolvimento integral. (MARROCHE, 2019, p.24)

Martinelli, contribui ao afirmar que “o professor deve ser o próprio exemplo dos valores” (MARTINELLI, 1999, p. 24). Nesse sentido, foi abordada neste trabalho a importância da relação educador-educando, pois as crianças estão constantemente nos observando e reproduzem as atitudes observadas. O termômetro dessa constatação são os momentos de brincadeira em que as crianças, entrando no mundo da fantasia, assumem diversos papéis, inclusive o de professor(a), e fazem representações tal como observam nas atitudes dos docentes. Seja no modo de falar, caminhar, educar e outras.

Com base no exposto, é necessário que os valores humanos permeiem as práticas pedagógicas docentes para que suas atitudes se tornem mais afetuosas, mais humanas e

contribuam para a promoção de uma cultura de paz. Nesse sentido, torna-se importante promover cursos de formação continuada para que os docentes saibam lidar com as demandas que estão presentes no ambiente escolar.

5 A EDUCAÇÃO PARA A PAZ NA PERSPECTIVA DOS VALORES HUMANOS

“As pessoas educam para a competição e esse é o princípio de qualquer guerra. Quando educarmos para cooperarmos e sermos solidários uns com os outros, nesse dia estaremos a educar para a paz.”
(Maria Montessori)

No atual contexto da sociedade, a cada dia se manifestam mais valores que em nada contribuem para a promoção de uma cultura de paz. Jares (2008), aponta que em consequência dessa sociedade cada vez mais individualista, consumista e desumanizada, tem se perdido os valores básicos de uma convivência saudável e humanizada, sendo necessário, portanto, a construção de novas formas de convivência na escola que incentivem a promoção dos valores humanos.

Mas o que são valores humanos? Segundo Martinelli, eles são “[...] princípios que fundamentam a consciência humana. [...] São inerentes à condição humana. [...] Eles unificam e libertam a pessoa da pequenez do individualismo, enaltecem a condição humana e dissolvem preconceitos e diferenças.” (MARTINELLI, 1999, p. 17). Diante do exposto, se os valores são as normas que orientam as escolhas de cada ser humano, é necessário que os educandos reflitam sobre suas atitudes diante de determinada situação em um movimento de reflexão-ação.

Martinelli (1999) ao discursar sobre a razão da introdução formal dos valores humanos nas escolas, destaca que

Os valores não devem ser encarados como algo abstrato ou estanque, nem como um código de conduta imposto de fora para dentro. A educação em valores na família e na escola deverá incrementar a capacidade de discernimento dos alunos e conscientizá-los da importância de suas escolhas. Assim, a educação consolida os valores e virtudes já existentes nos alunos e incentiva a superação de erros e defeitos. (MARTINELLI, 1999, p.21)

Nesse sentido, a Educação para a Paz, na perspectiva dos valores humanos, deve ser abordada criticamente. Além disso, quando se trata da etapa da Educação Infantil, convém que os valores sejam desenvolvidos de forma lúdica. Os docentes poderão problematizar as situações apresentadas em poemas, músicas, fábulas e outros gêneros, a partir do tema que será abordado, com o objetivo de subsidiar a reflexão crítica e buscar formas não violentas de resolução do conflito, contribuindo assim para a transformação de uma determinada situação e para a melhoria da convivência escolar. Salles Filho, colabora com essa discussão ao afirmar

que os conteúdos de uma Educação para a Paz devem ser abordados no ambiente escolar de maneira transversal

[...] no qual os conhecimentos devem ser tratados de maneira que causem impacto e busquem transformações na forma de pensar, agir, conviver e inovar diante das questões da vida, acreditamos que é necessária uma pedagogia da prática com referência à corporeidade como expressão humana e à ludicidade como fator de motivação. (SALLES FILHO, 2019, p.367).

Analisando os trabalhos de Rodrigues (2019) e Marroche (2019), sobre a perspectiva da Educação para a Paz voltada para a Educação Infantil, percebe-se que eles possuem uma forte ligação com essa educação sobre valores humanos, pois ambos estabelecem práticas valorativas por meio de ações que promovam o diálogo, o respeito, a paz e a resolução não violenta de conflitos.

Como base teórica para o desenvolvimento das atividades, voltadas para uma educação em valores humanos na escola, podem ser destacados três exemplos de programas pioneiros: o Cinco minutos de Valores Humanos para a Escola, o Programa de Educação em Valores Humanos (PEVH) e o método Vivendo Valores na Educação (Vive).

O “Cinco minutos de Valores Humanos para a Escola” é um projeto social sem fins lucrativos idealizado por um grupo de pessoas residentes no Brasil e na Finlândia. Uma de suas fundadoras é a escritora Sara Nousiainen (2008). O projeto é destinado à etapa do Ensino Fundamental a partir do 5º ano e Ensino Médio. No entanto, pode servir como guia para que os educadores façam adaptações para o trabalho com a Educação Infantil.

No *site* do projeto (www.cincominutosdevalores.org) estão disponíveis materiais gratuitos para que o docente possa tratar do tema dos valores humanos no dia a dia com sua turma. Para o Ensino Fundamental, as aulas são de cinco minutos por dia e para o Ensino Médio, propõe-se uma aula semanal de aproximadamente quarenta e cinco minutos. De acordo com Fonteles e García, os conteúdos desse programa

[...] referem-se aos mais diversos tipos de valores humanos, pessoais, morais, familiares, sociais, etc. Tem como objetivo trabalhar situações comuns à vida cotidiana, fortalecer os valores humanos universais, necessários para a boa convivência, a integração do ser para um caminho de vida mais pleno e harmonioso. (FONTELES; GARCÍA, 2011, p. 101, tradução nossa)

A equipe organizadora está ciente da necessidade urgente de ensinar às crianças e adolescentes valores como: respeito, ética, não violência, solidariedade e outros, para uma boa convivência na escola, em casa e na sociedade; e, adota o uso de contos, narrativas, vídeos,

como meio de apoio à reflexão e interiorização dos valores. Segundo Nousiainen (2011, p. 02 apud CASTRO, 2012, p. 54) “os contos e narrativas procuram mostrar, sempre dentro da realidade, que vivenciar valores negativos gera consequências negativas para quem as vivencia, ocorrendo o contrário com quem vivencia valores positivos”.

Outra contribuição para a temática dos valores é o Programa de Educação em Valores Humanos (PEVH), criado por Sri Sathia Sai Babá, um importante líder indiano. Shatia, sugere que os valores humanos devem ser abordados no contexto escolar por meio de cotidianas a fim de estimular a “reflexão e a formação de conceitos e princípios éticos, informar os valores sociais compartilhados, os valores de sobrevivência e os valores espirituais” (MARTINELLI, 1999, p. 24). Essas práticas se estendem desde a infância até a vida profissional do indivíduo.

O programa desenvolve suas atividades com base em valores absolutos como: verdade, ação correta, paz, amor e não violência; para cada um desses valores são atribuídos valores relativos. Se tomarmos como exemplo o valor verdade, temos como valor relativo para ela: otimismo, honestidade, sinceridade, humildade e outros. Para o valor ação correta, existem alguns valores relativos: respeito, bondade, coragem e outros. Para o valor da paz destacam-se: calma, tolerância, paciência e outros. Para o valor do amor, destacam-se alguns valores relativos como: amizade, generosidade, igualdade e perdão (MARTINELLI, 1999).

Entre uma das metas adotadas pelo programa (PEVH) destaca-se “incentivar o espírito de cooperação, a criatividade, o respeito às diferenças e o amor pelos seres humanos e a natureza”. (MARTINELLI, 1999, p.22). Este programa tem como base a transdisciplinaridade, pois o mesmo não objetiva ser apenas mais uma disciplina do currículo, mas sugere que deve haver uma “ligação dos temas ou conteúdos ensinados com uma situação vivida e a ser enfrentada.” (MARTINELLI, 1999, p. 25).

Martinelli, divide o método de aplicação do programa em três métodos, a saber: metodologia direta, metodologia indireta e metodologia extracurricular. Segundo Martinelli (1996, p. 59 apud CASTRO, 2012, p. 63) na metodologia direta:

A escola cria um espaço específico para o ensino dos valores humanos independentemente do programa oficial do ano letivo. Estabelecem-se um dia da semana e uma carga horária mensal para que as aulas de valores humanos sejam ministradas como disciplinas complementar.

Na metodologia indireta, os valores humanos são abordados todos os dias da semana e são inseridos em disciplinas que fazem parte do currículo escolar. A forma como estes serão abordados e incorporados as disciplinas ficará a critério de cada docente.

Os valores humanos são integrados e inseridos no programa adotado pela escola, ou seja, incluídos no ensino de todas as matérias enfocadas pelo professor com visão ampla e expostas sob seus aspectos mais diversos, objetiva e subjetivamente. A forma de apresentação da matéria e a inserção dos valores humanos ficam a cargo da criatividade e dos conhecimentos gerais do professor. (MARTINELLI, 1996, p.59 apud CASTRO, 2012, p. 63)

Na metodologia extracurricular, sugere-se que a temática dos valores humanos seja abordada fora dos muros da escola, em situações que fazem parte do cotidiano do educando, além disso, incentiva-se o pensamento crítico e criativo ao propor uma reflexão sobre determinados códigos de valores observados nas vivências cotidianas.

Os valores humanos são ministrados durante as atividades externas à sala de aula. Excursões, visitas a museus, parques, fazendas, templos das diversas religiões, indústrias, etc. O professor aborda os valores de acordo com as circunstâncias e as oportunidades. Além disso, cria atividades de grupo para comentário e avaliação do que foi visto e assimilado, enfatizando os valores nessas apreciações ao mesmo tempo em que estimula o pensamento criativo e abstrato das crianças. (MARTINELLI, 1996, p.60 apud CASTRO, 2012, p.64).

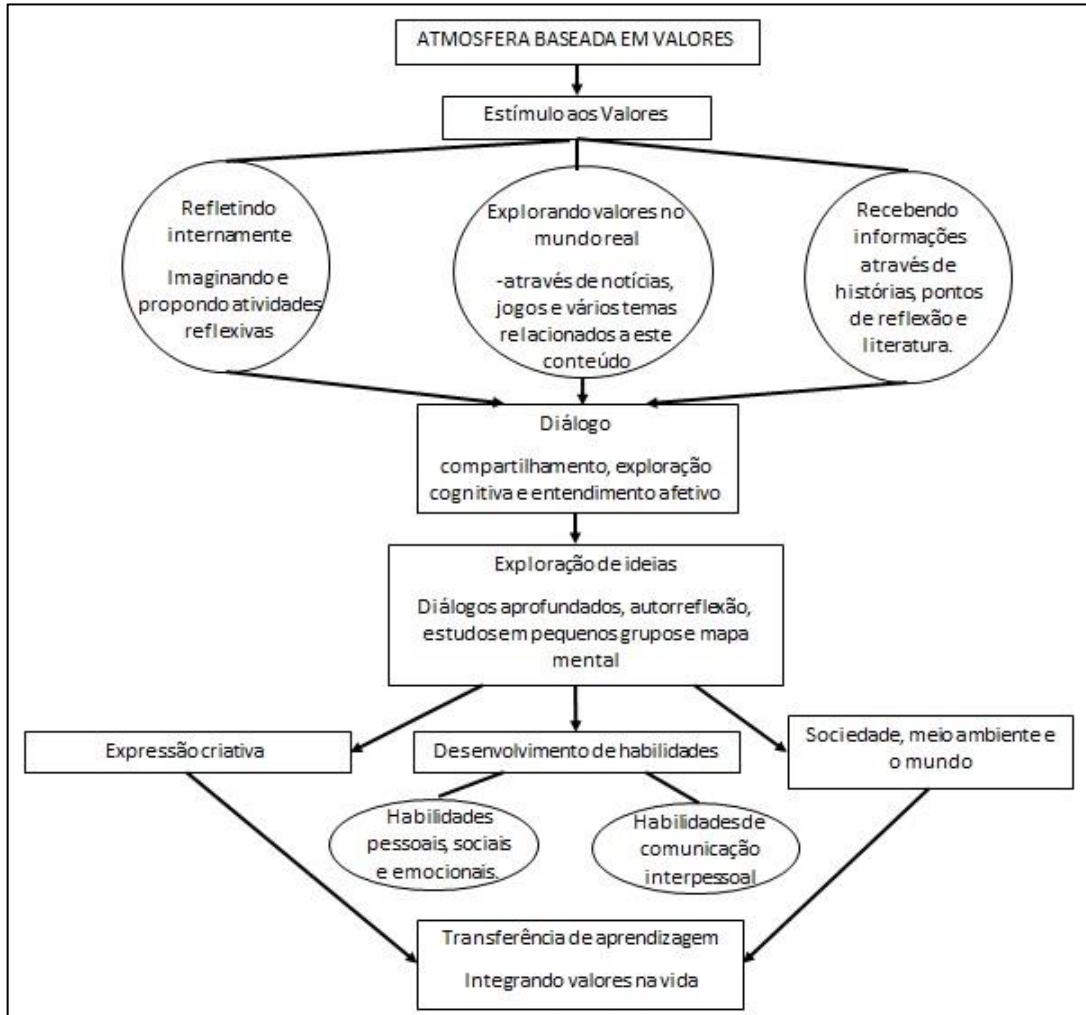
O método Vivendo Valores na Educação (Vive), também é um marco importante para a promoção dos valores humanos, e nesse aspecto colabora para a promoção da Educação para a Paz. Ele surgiu no ano de 1996 em Nova York. O programa também disponibiliza materiais gratuitamente em seu *site* (www.vivendovalores.org.br) e oferece cursos de capacitação para professores, gestores, pais e outros.

A metodologia do programa apresenta 12 (doze) valores para serem trabalhados durante o ano, de forma mensal, a saber: paz, respeito, amor, tolerância, honestidade, humildade, cooperação, felicidade, responsabilidade, simplicidade, liberdade e união. Porém, cada instituição pode escolher o valor a ser abordado, consoante a sua realidade, não sendo necessário limitar-se apenas a estes (SALLES FILHO, 2019; CASTRO, 2012). O programa Vive propõe que os valores sejam introduzidos no próprio currículo e apresenta como principais objetivos

[...] além de ajudar os indivíduos a pensarem sobre diferentes valores, inspirar a autonomia para a responsabilidade na escolha de valores pessoais e sociais, ajudando os educadores a perceberem a educação como filosofia de vida, apostando no desenvolvimento dos alunos, integrando-os à comunidade, com respeito e confiança. (CASTRO, 2012, p.60)

A estrutura do método Vivendo Valores na Educação exemplifica-se na Figura 3:

Figura 3 – O método Vivendo Valores na Educação



Fonte: Imagem disponível em: <https://vivendovalores.org.br/explorando-valores/desenvolvimento/> Acesso em: 10 out. 2022.

Segundo Tillman (2009 apud SALLES FILHO, 2019, p.259), o Vive é uma formação completa em valores humanos. Em sua metodologia de trabalho, propõe-se buscar uma atmosfera de valores no ambiente. Para estabelecer essa atmosfera de valores será necessário percorrer alguns eixos, conforme mostra a figura 3, de tal maneira que contribua para melhores relações e culminem com aprendizagens que serão levadas para a vida.

Além dos três programas destacados, convém mencionar a “Pedagogia dos Valores Humanos”, proposta por Salles Filho (2019), em sua tese de doutorado, como uma das contribuições para se abordar a Educação para a Paz no contexto educacional. Salles Filho (2019, p.369) destaca que a Pedagogia dos Valores Humanos, “embora perene ao longo da

evolução do aluno e na progressão escolar, tem um peso ampliado nos anos iniciais da escolarização, nos quais a formação da convivência é determinante”. Ao sintetizar os elementos pedagógicos que compõe a Pedagogia dos Valores Humanos, temos:

Refletir sobre os valores humanos; dialogar sobre valores humanos (intergeracionais, inter-religiosos e interculturais); entender e refletir sobre a relação entre valores universais e cotidianos; questionar os valores sempre na perspectiva das diferenças e aproximações; construir valores adequados à diversidade do século XXI; redimensionar valores relacionados a família, sociedade, espiritualidade, entre outros, perceber que os valores humanos são fundamentais para o estabelecimento da cultura de paz. (SALLES FILHO, 2019, p.368)

Com base nos pressupostos teóricos anteriores, fica claro o quão essencial é o trabalho com valores humanos na escola, se seu objetivo é criar uma cultura de não violência em seu ambiente. É importante promover a reflexão sobre valores e antivalores no contexto escolar, valores que contribuam ou não para um ambiente mais humano e pacífico, de forma que conduza os discentes à reflexão crítica e saber tomar decisões acertadas face às situações que se apresentam na convivência escolar.

5.1 Escola: lugar de aprender os valores da boa convivência

A escola é um espaço de socialização, interação, formação de valores, é um espaço de convivência onde as crianças passam uma parte significativa do seu tempo. Conforme apresentou-se no decorrer deste trabalho, toda convivência é permeada por conflitos, e os educandos precisam adotar atitudes diante deles de forma que contribuam para uma convivência mais pacífica, amorosa e que busque promover a paz. Xésus Jares (2008), em seu livro Pedagogia da Convivência, contribui para essa discussão ao abordar alguns dos conteúdos que se tornam necessários para uma boa convivência. Jares, divide esses conteúdos em três categorias, a saber:

Conteúdos de natureza humana: o direito à vida e ao desejo de viver, à dignidade, à felicidade, à esperança...

Conteúdos de relação: ternura, respeito, não-violência, aceitação da diversidade e rejeição a qualquer forma de discriminação, solidariedade, igualdade...

Conteúdos de cidadania: justiça social e desenvolvimento, laicismo, Estado de Direito, direitos humanos... (JARES, 2008, p.29, grifo nosso)

Esses conteúdos estão diretamente relacionados aos valores humanos. O desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para esses conteúdos contribuirá, portanto,

para a construção de uma cultura de paz no ambiente escolar e também contribuirá para a formação integral dos educandos como sujeitos críticos e reflexivos. Com base nos estudos de Jares (2008), Ferreira (2018) organizou os conteúdos da Pedagogia da Convivência da seguinte forma, apresentada no Quadro 1.

Quadro 1 - Elementos da Pedagogia da Convivência

ELEMENTOS DA PEDAGOGIA DA CONVIVÊNCIA NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO SOCIOPEDAGÓGICO		
1	Respeito	Supõe a reciprocidade no trato e no reconhecimento de cada pessoa.
2	Diálogo	O diálogo é também um fator essencial para dar e melhorar a qualidade de vida das relações humanas.
3	Solidariedade	Qualidade que nos leva a partilhar os diferentes aspectos da vida, não somente materiais, mas também os sentimentos.
4	Não violência	A violência é uma forma de encarar os conflitos, mas não de resolvê-los. Princípio fundamental de respeito à vida dos demais, a vivência dos direitos humanos, os princípios democráticos de convivência e a prática das estratégias não violentas de resolução de conflitos.
5	Laicismo	Representa a garantia de liberdade de consciência e da igualdade jurídica de todos os cidadãos.
6	Dinâmica da Cultura	A cultura é um processo dinâmico ligado as próprias condições de vida das pessoas e, como tal, incide na vida destas e vice-versa.
7	Ternura	A afetividade é necessidade fundamental de todos os seres humanos. É a necessidade que nos torna humanos, indispensável à construção equilibrada da personalidade.
8	Perdão	Perdão não significa impunidade. A condição do perdão para quem o solicita é o reconhecimento da falta, o arrependimento e o compromisso de que não voltará a cometer a mesma ação.
9	Diversidade	Conviver significa conjugar a relação de igualdade e diferença. Em todo o caso, a diferença ou diversidade é parte da vida e pode ser um fator de conflituosidade.
10	Bem-Estar: Felicidade/ Esperança	A felicidade é a capacidade de encantar-se, de ter entusiasmo pela vida. A esperança está ligada ao otimismo e, neste sentido, facilita a convivência positiva, com efeito benéfico para a autoestima, individual e coletiva, e funciona como um antídoto frente à passividade e o conformismo diante dos desafios.

Fonte: Quadro organizado por Ferreira (2018, p.43), segundo o livro “Pedagogia da Convivência” de Xésus Jares (2008).

Os elementos fundantes da *Pedagogia da Convivência* (JARES, 2008), também servem como norteadores para um trabalho pedagógico que busque a Educação para a Paz na perspectiva dos valores humanos. No entanto, acrescenta-se que cada docente deverá escolher o valor a ser trabalhado com sua turma de acordo com a necessidade da mesma.

O desenvolvimento dessas atividades e a periodicidade, seja diária, semanal ou mensal, também fica a critério de cada docente. Neste trabalho, foram apresentadas algumas propostas de como incluir a temática dos valores humanos e da EP no currículo, com base em programas já solidificados sobre os valores humanos na educação.

Concordamos com Castro (2012, p. 40) quando afirma que “Incluir valores humanos nas práticas do ambiente escolar, principalmente, na prática docente, é fundamental para uma melhor qualidade de vida nos relacionamentos humanos. Portanto, é por meio dessas iniciativas que poderemos avançar na construção de uma cultura de paz [...]”. Por isso é importante desenvolver esse tema na escola, pois seu papel é formar o ser humano de forma integral e contribuir para a transformação da sociedade. Para que essas práticas pedagógicas sejam a cada dia mais desenvolvidas, é importante haver um investimento na formação inicial e continuada dos professores.

6 PERCURSO METODOLÓGICO

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher”.

(Cora Coralina)

Este capítulo tem como objetivo descrever os procedimentos metodológicos que levaram à construção da pesquisa. A fase inicial ocorreu por meio da elaboração de um projeto de pesquisa, essa estruturação prévia foi um meio de orientar o pesquisador a atingir seus objetivos. Segundo Alves-Mazotti e Gewandszajder (2004), o projeto deve conter algumas informações:

- (a) o que se pretende investigar (o problema, o objetivo ou as questões do estudo);
- (b) como se planejou conduzir a investigação de modo a atingir o objetivo e/ou a responder as questões propostas (procedimentos metodológicos); e
- (c) porque o estudo é relevante (em termos de contribuições teóricas e/ou práticas que o estudo pode oferecer). (ALVES-MAZOTTI; GEWANDSZAJDER, 2004, p.149)

A compreensão da metodologia adotada no decorrer da pesquisa é fundamental para entender como os resultados foram alcançados, quais caminhos o processo tomou e também para contribuir com o surgimento de novas pesquisas na área. De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p.83), “o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”.

Como destacado nos capítulos anteriores, no referencial teórico, há diversas problemáticas nas escolas como: conflitos, violência e outras, que afetam a convivência escolar. Ao mesmo tempo, existe uma carência de formação de professores para trabalhar com essas demandas. Também foi enfatizado que vivemos em contextos sociais marcados pela naturalização da violência e que os comportamentos que as crianças reproduzem na escola, muitas vezes, são reflexos de atitudes aprendidas nesses contextos.

Neste sentido, a temática da Educação para a Paz na perspectiva dos valores humanos, surgiu como um norte para a abordagem dessas demandas presentes no ambiente escolar, e dessa forma foi identificado um problema de pesquisa. Para Marconi e Lakatos (2003, p. 97), “Toda investigação nasce de algum problema teórico/prático sentido. Este dirá o que é relevante ou irrelevante observar, os dados que devem ser selecionados. Esta seleção exige uma hipótese, conjectura e/ou suposição, que servirá de guia ao pesquisador”.

Tendo ciência da realidade observada, da temática central levantada, da pergunta de partida (problema de pesquisa): “Que contribuições o desenvolvimento de oficinas pedagógicas, sob a perspectiva de uma Educação para a Paz, pode trazer para a formação continuada de docentes que atuam, especificamente, na Educação Infantil e para o estabelecimento de uma cultura de não violência no ambiente escolar?” e do objetivo geral e específicos, deu-se continuidade com a revisão da literatura sobre a temática escolhida em algumas bases de dados.

As bases selecionadas foram: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Catálogo de Teses e Dissertações Capes, Repositório Institucional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (RIUT) e *Google Acadêmico*. Todas as pesquisas foram realizadas buscando por trabalhos no idioma português. Nestas pesquisas, os conceitos abordados neste estudo foram incluídos como palavras-chave, a saber: educação para a paz; educação infantil; convivência escolar; valores humanos e pedagogia crítica.

Segue, no Quadro 2, a exemplificação dos procedimentos adotados para a realização da pesquisa nas bases de dados.

Quadro 2 - Resultados encontrados na revisão de literatura organizados por chaves de busca e bases de dados pesquisadas

CHAVES DE BUSCA	RESULTADOS
BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD)	
“Educação para a Paz” “Educação Infantil”	Retornaram 2 resultados. Aplicando o filtro “Programa: Mestrado Profissional em Educação”, ficamos com 1 resultado
“Cultura de Paz” AND “Educação Infantil”	Substituindo “Educação para a Paz” por “Cultura de Paz”, retornaram 5 resultados. Aplicando o filtro “Programa: Mestrado Profissional em Educação”, ficamos com 2 resultados de pesquisas recentes (2019).
CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES CAPES	
"Cultura de Paz" OR "Educação para a Paz" AND "Educação Infantil"	Retornaram 3 resultados, que, pela análise dos títulos, pareceram pertinentes. No entanto, um texto é de 2005. Ficamos com os dois mais recentes (2011 e 2017).
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ (RIUT)	
“Educação para a Paz” “Educação Infantil”	Retornou 1 resultado. Apesar de conter apenas a chave “Educação para a Paz”, foi considerado pertinente por também se tratar de um Mestrado Profissional.
GOOGLE ACADÊMICO	
"Educação para a Paz" + "Educação Infantil"	Retornaram 1.060 resultados. Para refinar a busca, realizei um recorte temporal entre 2015 e 2020. Retornaram 471 resultados. Partimos para uma nova consulta com outras chaves de busca.

"Educação para a Paz" + "Educação Infantil" + "Valores Humanos"	Retornaram 275 resultados. Para refinar a busca, realizei um recorte temporal entre 2015 e 2020. Retornaram 122 resultados. Selecionei pelo título e pela descrição do buscador alguns textos, por parecerem se aproximar do tema desta pesquisa. No entanto, percebemos que alguns materiais já estavam se repetindo nas bases de dados. Os refinamentos indicam que as pesquisas com esse tema voltadas para a Educação Infantil, são bem recentes.
---	---

Fonte: A autora, 2020.

Essa fase exploratória inicial foi fundamental, pois a partir dela foram selecionados alguns trabalhos para a composição do *corpus* de análise desta pesquisa, tais como: Rodrigues (2019), Marroche (2019), Salles (2017), Carvalho (2011), Salles Filho (2019), Jares (2002, 2007, 2008), Delors (2003), Muller (2017), Castro (2012), entre outros. No decorrer da pesquisa sugeriram novas contribuições teóricas.

Inicialmente, deu-se mais ênfase aos conceitos de “Educação para a Paz” e “Educação Infantil”, pelo fato desta pesquisa ter como foco a formação de docentes para desenvolverem práticas de Educação para a Paz na etapa da Educação Infantil. Além disso, esses conceitos contribuíram para evidenciar o quanto é necessário que os estudos sobre esse tema aumentem a cada dia.

Por meio dessas pesquisas, confirmei o que Rodrigues (2019, p.17), afirma: “Sabe-se que ainda são recentes as oportunidades de estudos que busquem contribuir com a Educação para paz, voltada para a Educação Infantil”. Esta afirmação reforça a importância deste estudo nas dimensões social, profissional e acadêmica, bem como a importância de cursos de formação inicial e continuada voltados para esta temática. Nesse sentido, surgiu o nosso público-alvo de forma direta, os docentes que atuam na Educação Infantil.

6.1 Delineamento da Pesquisa

Para responder ao problema proposto nesta pesquisa, traçaram-se alguns delineamentos. Gil (2010) afirma que existem diversas formas de classificar uma pesquisa e que este procedimento de classificação é importante, pois quando o pesquisador consegue rotular sua pesquisa nesse sistema, “torna-se capaz de conferir maior racionalidade as etapas requeridas para a sua execução” (GIL, 2010, p.25).

Nesse sentido, levando-se em consideração que esta pesquisa busca a solução para um problema que se apresenta na convivência escolar, ela se classifica como uma pesquisa

aplicada, pois “[...] abrange estudos elaborados com a finalidade de resolver problemas identificados no âmbito das sociedades em que o pesquisador vive.” (GIL, 2010, p. 26). Além disso, um de seus objetivos é o desenvolvimento de um produto educacional.

Com base nos objetivos propostos, classifica-se como pesquisa descritiva, pois visa levantar as opiniões e percepções docentes a respeito da temática. No entanto, como esta pesquisa também busca oferecer um novo olhar sobre a situação-problema, ela é classificada como pesquisa exploratória. Para Gil,

As pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado. (GIL, 2010, p. 27)

Esta pesquisa baseia-se em um estudo de tipo qualitativo. Essa forma de abordagem é fundamental para a compreensão das percepções dos docentes sobre a temática da Educação para a Paz. Este método nos auxilia na construção de uma resposta ao problema de pesquisa a partir das interpretações dos dados coletados, tendo por alicerce os referenciais teóricos adotados durante a pesquisa. Essa forma de abordagem tem um caráter subjetivo e um critério de análise mais valorativo. De acordo com Silva (2014)

A abordagem de pesquisa qualitativa busca uma maior compreensão dos significados e características presentes no cotidiano dos participantes da investigação científica. Essa preocupação por revelar as convicções subjetivas presentes para além dos dados meramente quantitativos é comum da etnografia, da observação participante, da pesquisa-ação e dos vários outros tipos de pesquisa qualitativa. (SILVA, 2014, p.31)

Como aponta Silva (2014), existem vários tipos de abordagens em pesquisas qualitativas. Nesse sentido, desde a etapa de investigação deste trabalho, utilizou-se a pesquisa bibliográfica como uma delas. Conforme detalhado na parte introdutória deste capítulo, destinado a descrever os procedimentos metodológicos adotados, foi necessária a realização de uma revisão bibliográfica nas Bases de Dados. Para Gil (2010, p. 29-30) ela é “[...] elaborada com o propósito de fornecer fundamentação teórica ao trabalho, bem como a identificação do estágio atual do conhecimento referente ao tema”, toda pesquisa científica passa por esta etapa primordial. Neste trabalho utilizou-se: artigos, livros, dissertações, teses, leis e outras fontes.

Para Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é realizada

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao

pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32 apud DE SOUSA; DE OLIVEIRA; ALVES, 2021, p. 66).

Embora algumas pesquisas científicas utilizem apenas a pesquisa bibliográfica, esta pesquisa também é baseada em pesquisa-ação. Uma das características dessa modalidade é o desejo de mudança e a busca pela transformação da realidade, seja educacional ou social. Segundo Thiollent (1985, p.14 apud GIL, 2010, p. 42), a pesquisa-ação é “um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou ainda, com a resolução de um problema coletivo, onde todos os pesquisadores e participantes estão envolvidos de modo cooperativo e participativo”.

Nesta pesquisa, foi proposto aos participantes um movimento de reflexão crítica sobre sua prática educativa e a convivência escolar, com o objetivo de identificar possíveis conflitos que ocorrem nessa convivência e, por fim, eles definiram estratégias/ ações pedagógicas que colaboram com a promoção da cultura de paz nas instituições educativas. De acordo com Corrêa, Campos e Almagro, a metodologia da pesquisa-ação,

[...] contribui no sentido de permitir, aos pesquisadores e os sujeitos envolvidos na pesquisa, interagirem e interferirem no seu próprio ambiente, sem, contudo, separar a pesquisa da ação pensada para a solução do problema, instrumentalizando-os para serem capazes de, partindo da situação- problema, mobilizarem conhecimentos e experiências – teoria e prática – na busca da transformação da realidade. Contribui também para ampliar o conhecimento dos pesquisadores, bem como o nível de consciência dos participantes, ajudando-os a avançarem, tornando-os autônomos, capazes de pensar e decidir sobre suas realidades, por meio do trabalho coletivo e participativo. (CORRÊA; CAMPOS; ALMAGRO, 2018, p.71)

Com base nos referenciais acima, a pesquisa-ação serviu de suporte para a realização deste estudo, pois este trabalho é desenvolvido com uma perspectiva de transformação, onde se busca soluções para problemas que emergem na prática, no caso da pesquisa, as violências no ambiente escolar. A instrumentalização dos participantes e o movimento de reflexão-ação, aliando teoria e prática, aconteceram durante a realização do curso de extensão na modalidade de oficinas pedagógicas. Segundo Gil (2010, p.154), “[...] a pesquisa-ação tende a adotar preferencialmente procedimentos flexíveis”.

Para Tripp (2005), a pesquisa-ação educacional é uma das estratégias que professores e pesquisadores devem desenvolver para que possam utilizar suas pesquisas de forma a gerar melhorias no ensino e, com isso, contribuir para uma melhor aprendizagem dos alunos. Além

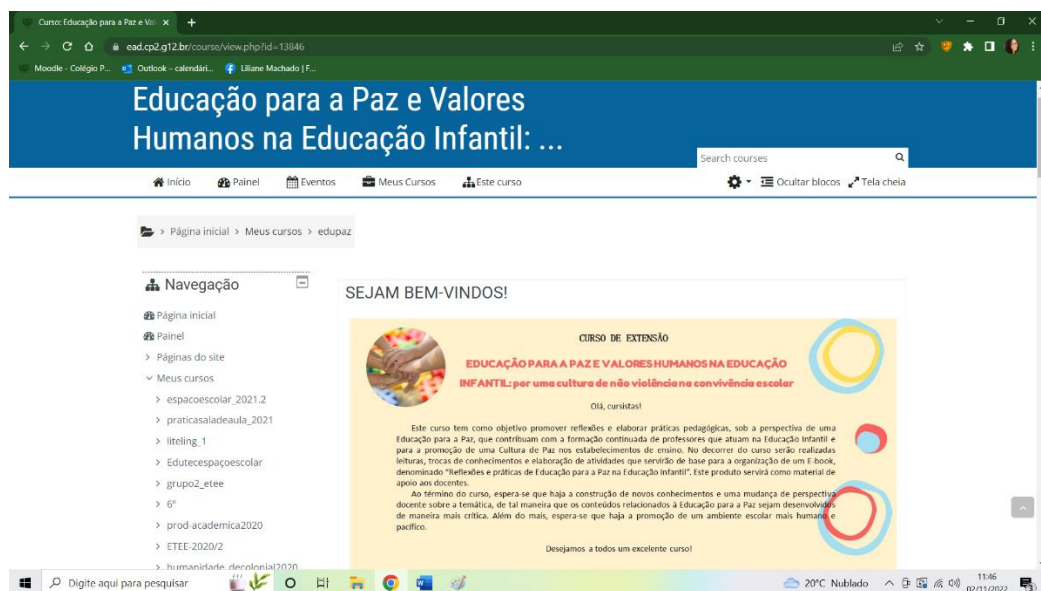
disso, destacamos que essas contribuições não serão apenas para o ensino, mas também para a sociedade.

6.1.1 Local da Pesquisa

A ideia inicial era que a pesquisa fosse realizada de forma presencial. No entanto, devido à pandemia de Covid-19, causada pela propagação do Coronavírus, e as incertezas que este contexto pandêmico provocou, foi necessário adequar a pesquisa e o local de desenvolvimento das oficinas pedagógicas. Dessa maneira, a pesquisa foi redesenhada para ser desenvolvida remotamente (*on-line*). Assim como a aplicação dos questionários e outras ferramentas de coleta de dados.

A pesquisa de campo foi efetivada por meio de um curso de extensão denominado: “Educação para a Paz e Valores Humanos na Educação Infantil: por uma cultura de não violência na convivência escolar”, realizado pela plataforma *Moodle* (Figura 4), um ambiente virtual de aprendizagem do Colégio Pedro II, nos meses de maio e junho de 2022.

Figura 4 – Página inicial do curso na plataforma Moodle



Fonte: Captura de tela realizada pela autora, 2022. Disponível em: <https://ead.cp2.g12.br/course/view.php?id=13846> Capturada em 02 nov. 2022.

O curso teve carga horária síncrona, dividida em quatro encontros *on-line* de 2 (duas) horas cada, totalizando 8 (oito) horas, e outra carga assíncrona de 12 (doze) horas, destinada ao estudo, por meio de leituras, vídeos e demais materiais disponibilizados na plataforma,

totalizando, 20 (vinte) horas de curso. O ingresso em campo aconteceu após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Colégio Pedro II – CEP/CPII, sob o parecer n. 5.147.783 (Anexo A) e após autorização da secretaria de extensão para a realização do curso, mediante apresentação do formulário de proposta de projeto de extensão por parte da pós-graduação (Anexo B).

6.1.2 Participantes da Pesquisa

Por se tratar de uma pesquisa da área educacional, os participantes foram os docentes que atuam na Educação Infantil das redes públicas e/ou particulares do Estado do Rio de Janeiro. A opção por se trabalhar com os docentes da Educação Infantil surgiu da necessidade de promover cursos de formação continuada dentro da temática, Educação para a Paz, voltados para esse segmento de ensino.

No ato da inscrição no curso, os participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) e ficaram cientes de que o curso era parte integrante de uma pesquisa realizada no âmbito do Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II. Nesse sentido, aqueles que concordaram em participar registraram seu consentimento, de forma *on-line*, no ato da inscrição. O termo também foi apresentado detalhadamente no primeiro encontro síncrono e enviado por *e-mail* para cada participante. A participação na pesquisa foi de caráter voluntária e não obrigatória.

Inicialmente, foram oferecidas 40 vagas no curso, essas vagas foram preenchidas por ordem de inscrição. Porém, após a primeira aula síncrona, constatou-se baixa adesão dos participantes selecionados, pois apenas 13 (treze) compareceram ao encontro *on-line*. Um *e-mail* foi enviado a todos os selecionados devido a este problema. Mas poucos deram retorno.

Devido a essa problemática, foram convocados mais 25 (vinte e cinco) inscritos. De um total de 65 (sessenta e cinco) selecionados, houve 26 (vinte e seis) participantes na primeira coleta de dados. No entanto, houve algumas desistências e o curso finalizou com o quantitativo de 23 (vinte e três) participantes efetivos, todas do sexo feminino. O número de participantes dependia da assinatura do termo (TCLE) e da obtenção de pelo menos 75% de frequência nas aulas síncronas.

6.1.3 Instrumentos de geração de dados e metodologia de análise de dados

Uma das técnicas de geração de dados utilizada foi um questionário semiestruturado, com perguntas abertas e fechadas, elaborado no *Google Forms* (Apêndice B). Este instrumento buscou possibilitar um diagnóstico inicial da formação dos docentes e serviu de base para compreender, além de suas concepções de Educação para a Paz, quais atividades desenvolviam para alcançar uma Cultura de paz.

Durante a execução das propostas, houve observação participante com os docentes, sendo registradas em diário de campo as falas e demais contribuições advindas do campo. De acordo com Minayo (2012), o diário de campo “é o principal instrumento de trabalho de observação”. No diário de campo foram realizados registros audiovisuais, escritos (questionários), orais (por meio de transcrições das gravações das aulas), e *printscreen*, ou seja, capturas de tela do curso no *Moodle*.

Ao término de cada encontro síncrono, os participantes analisavam as oficinas com base nos seguintes termos: eu felicito, eu critico, eu proponho (Apêndice C). Este questionário “livre”, por não ter uma pergunta direta, foi inspirado na técnica do Jornal de Parede desenvolvida na Pedagogia Freinet. Sirino (2019, p. 309) enfatiza que a Pedagogia Freinet “[...] fundamenta-se em 4 (quatro) eixos, a saber: cooperação; comunicação; documentação e afetividade. Esses eixos, juntos, compreendem o ato de educar enquanto construção coletiva”.

Nesse sentido, essa avaliação representa um momento de “livre expressão” e democracia, pois permite a participação do outro, bem como a valorização da opinião dos participantes sobre a estrutura e o andamento do curso. Por se tratar de Educação para a Paz, este instrumento de coleta de dados colaborou com uma relação educador-educando mais afetiva e dialógica, com respeito às diferentes opiniões e o exercício de valores como cooperação e humildade, que fazem parte de uma EP. Sirino (2019), ao relatar uma experiência com esse modelo avaliativo, por meio do uso de envelopes, acrescenta que essa técnica configura:

[...] num espaço de escrita espontânea para os estudantes, de avaliação das atividades desenvolvidas nas aulas e, ainda, de construção de um sentimento de pertencimento do espaço universitário e de valorização do olhar do estudante, na medida em que os alunos entendiam que suas contribuições – inseridas nos envelopes – seriam lidas, refletidas e consideradas. (SIRINO, 2019, p.310-311)

Com o intuito de avaliar as contribuições das oficinas pedagógicas para a formação continuada dos docentes, eles responderam ao término do curso um questionário avaliativo

(Apêndice D), elaborado no *Google Forms*. No Quadro 3, apresenta-se uma síntese dos instrumentos de geração de dados utilizados, bem como os códigos utilizados na etapa de análise.

Quadro 3 - Síntese dos instrumentos de geração de dados

Instrumentos	Códigos	Descrição
Registro Escrito de Sondagem	PARTICIPANTE (Ex: AMOR), r.e.s.	Recolhido por meio do questionário de sondagem inicial (Apêndice B). Indicaremos o nome do participante com letra maiúscula. O nome será fictício representado por meio de um valor, seguido pelo código – r.e.s.
Registro Escrito Avaliativo	r.e.a. – data.	Recolhido a partir dos questionários de avaliação de cada oficina (Apêndice C). Neste instrumento não indicaremos o nome do participante, pois o mesmo não foi exigido no momento das respostas, para que eles se sentissem mais confortáveis para realizar possíveis críticas. Na legenda será indicado o código – r.e.a. e a data em que foi realizada a avaliação da oficina.
Registro Oral das Aulas Síncronas	PARTICIPANTE, r.o.a.s. – data.	Recolhido a partir das gravações realizadas durante a realização do Curso no Moodle e registrado no diário de campo. Indicaremos o nome fictício do participante, o código – r.o.a.s. - e a data em que foi realizada a Aula Síncrona.
Registro Escrito das Contribuições	PARTICIPANTE, r.e.c.	Recolhido por meio do questionário avaliativo final (Apêndice D). Indicaremos o nome fictício do participante e o código – r.e.c.

Fonte: A autora (2022), adaptado de Mendes (2013, p.103), grifo nosso.

Tendo ciência dos instrumentos de geração de dados, sua análise consistiu em estabelecer a ligação entre os dados coletados e outros já conhecidos, sejam derivados de teorias ou de estudos já realizados. Franco (2007) expõe que:

Um dado sobre o conteúdo de uma mensagem deve, necessariamente, estar relacionado, no mínimo a outro dado. O liame entre este tipo de relação deve ser representado por alguma forma de teoria. Assim, toda análise de conteúdos implica comparações contextuais. Os tipos de comparações podem ser multivariados. Mas, devem, obrigatoriamente, ser direcionados a partir da sensibilidade, da intencionalidade e da competência do pesquisador. (FRANCO, 2007, p. 20)

Nesse sentido, a técnica escolhida para o tratamento dos dados foi a Análise de Conteúdo, fundamentada em Bardin (1977) e Franco (2007). Segundo Franco (2007, p.12) “O ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada.” Nesse sentido, foram de grande contribuição para esta pesquisa os registros escritos e orais apresentados no quadro 3. A Análise de Conteúdo é uma das técnicas analíticas utilizadas em pesquisas qualitativas e designa,

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42)

Bardin (1977) também afirma que essa técnica de análise possui três fases fundamentais em sua organização (Figura 5):

Figura 5 – Fases da análise de conteúdo de Bardin



Fonte: A autora (2022) com base em Bardin (1977, p. 95)

De acordo com Bardin (1977) a pré-análise constitui a primeira fase em que o pesquisador organiza todo o material coletado. Nesta fase, são escolhidos os documentos que serão submetidos a análise. Eles são um meio de encontrar respostas para os objetivos propostos na pesquisa. Bardin (1977) descreve alguns dos procedimentos que devem ocorrer nessa fase, a saber: realizar uma leitura flutuante, com o intuito de conhecer os documentos; escolher o conjunto de documentos, *corpus*, para submeter a análise; constituir o *corpus* com base nas regras de: exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência; formular as hipóteses e os objetivos; realizar a referência dos índices e elaboração dos indicadores; e, preparar o material.

A segunda fase estipulada por Bardin (1977) é a de exploração do material ou codificação. Nesta etapa, o pesquisador busca categorizar o material encontrado por meio de recortes de unidades de registro, tais como: a palavra, o tema, o objeto ou referente, que são “[...] temas eixo, em redor dos quais o discurso se organiza” (BARDIN, 1977, p. 106), o personagem, o acontecimento ou o documento, de modo que seja significativo para a pesquisa. Também é realizado um recorte das unidades de contextos, levando em conta os critérios de custo e pertinência.

Nesta pesquisa, o material foi analisado na perspectiva do conteúdo a fim de categorizar (Quadro 4). Essas categorias apresentam relação direta com os objetivos da pesquisa e cada uma recebeu um tratamento em subcapítulos.

Quadro 4 - Categorias de análise

CATEGORIAS DE ANÁLISE
Concepções e perspectivas docentes <i>a priori</i> sobre a temática Educação para a Paz
Reflexões produzidas durante o curso de extensão sobre a temática Educação para a Paz
Contribuições das oficinas Pedagógicas para a formação docente

Fonte: A autora, 2022.

Por fim, Bardin (1977) apresenta a fase de tratamento dos resultados por meio de inferência e interpretação. Nessa etapa, à medida que olho para os dados, volto meu olhar para o aporte teórico e trago novos olhares, novas leituras e interpretações.

Em síntese, a análise baseou-se nos conceitos relacionados a temática Educação para a Paz, com base em diversos teóricos aqui discutidos. Buscou-se identificar as concepções e as perspectivas dos docentes participantes da pesquisa sobre a Educação para a Paz e os conceitos a ela relacionados, antes (*a priori*), durante e depois (*posteriori*) da realização do curso.

Por meio do curso de extensão, buscou-se promover uma reflexão x ação sobre a prática pedagógica, a resolução de conflitos e a promoção da cultura de não violência no ambiente escolar. Uma das tarefas propostas no curso foi a elaboração de planos de aula pautados na EP na perspectiva dos valores humanos, para tratar os conflitos que surgem no ambiente escolar.

Dessa forma, ao término do curso, foi possível analisar sua contribuição para a formação continuada dos docentes participantes e ainda organizar um *E-book* com propostas de práticas pedagógicas, elaboradas pelos cursistas, para a promoção de uma Cultura de Paz ou cultura de não violência nas instituições de ensino. Essas etapas analíticas serão descritas em detalhes no capítulo que aborda sobre a análise de dados e resultados.

6.2 Sobre o curso de extensão – oficinas pedagógicas

Gil (2010, p.42) afirma que a pesquisa-ação surge como uma “[...] metodologia para intervenção, desenvolvimento e mudança no âmbito de grupos [...]”, nesse sentido, as intervenções foram planejadas na modalidade de oficinas pedagógicas, por meio de um curso de extensão desenvolvido no *Moodle* - Ambiente Virtual de Aprendizagem do Colégio Pedro II.

O curso visou estimular reflexões e o pensar em novas ações para o problema das violências e dos conflitos que ocorrem no ambiente escolar. Um dos questionamentos para a sua elaboração foi: de que maneira essas demandas (violências) podem ser trabalhadas pedagogicamente? Dessa forma, a Educação para a Paz, na perspectiva dos valores humanos, surgiu como um viés pedagógico para essa abordagem. Os dados gerais do curso estão sintetizados no Quadro 5:

Quadro 5 - Dados gerais do curso

EDUCAÇÃO PARA A PAZ E VALORES HUMANOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: por uma cultura de não violência na convivência escolar	
Objetivo	Promover reflexões e elaborar práticas pedagógicas, sob a perspectiva de uma Educação para a Paz, que contribuam com a formação continuada de professores que atuam na Educação Infantil e para a promoção de uma Cultura de Paz nos estabelecimentos de ensino.
Público-alvo	Docentes que atuam na Educação Infantil das redes pública e/ou privada de ensino do Estado do Rio de Janeiro.
Vagas	40
Classificação	Curso de extensão
Modalidade	Ensino à distância (aulas síncronas e assíncronas).
Carga horária	20 horas - divididas em 4 (quatro) encontros síncronos realizados às terças-feiras, das 18h às 20h, totalizando 8h (oito horas) e mais 12h (doze horas) de aulas assíncronas, destinadas ao estudo dos materiais armazenados na plataforma.
Conteúdo Programático	Conceituação sobre paz, violência e conflitos; A Educação para a Paz e a Lei nº 13.663/2018; A relação professor-aluno e a mediação de conflitos para realizar a Educação para a Paz; Os valores agregadores e desagregadores da convivência; Propostas de práticas pedagógicas para a promoção de uma Cultura de Paz nos estabelecimentos de ensino.
Avaliação	Realizada de maneira contínua, por meio do questionário inicial de avaliação diagnóstica, avaliação ao término de cada aula síncrona e autoavaliação no final do curso, com o intuito de verificar as mudanças de percepções a respeito da temática e as contribuições das oficinas para a formação docente.

Fonte: A autora, 2022.

Mediante a organização da proposta do curso, proposição do projeto à secretaria de extensão, seguida da aprovação (Anexo B), houve a inserção do curso na plataforma *Moodle*. O ambiente de aprendizagem *on-line* foi dividido em seções, conforme mostra a Figura 6.

Figura 6 – Divisão das seções do curso

Fonte: A autora, 2022.

A primeira seção foi elaborada com o propósito de dar as boas-vindas aos participantes do curso. Nesta parte, explicou seus objetivos e como seria a dinâmica das aulas e das avaliações, também foi descrito que o curso possibilitaria a organização de um *E-book*.

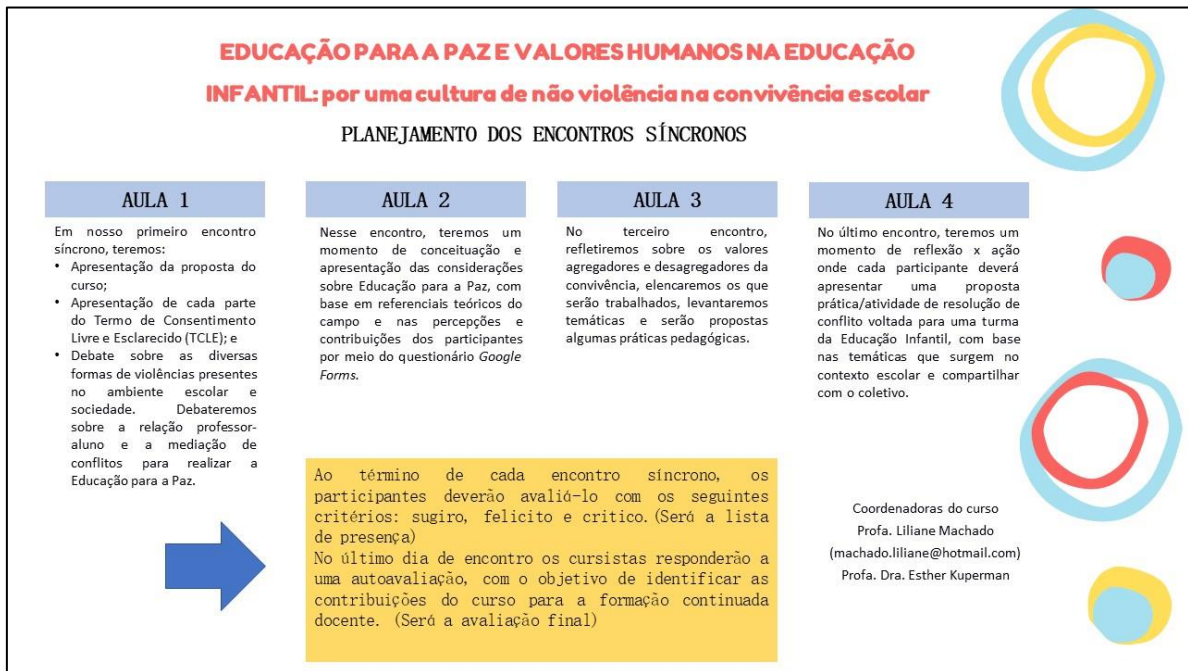
Essa seção apresentou um espaço denominado “VAMOS CONVERSAR!?”, que se destinava à realização de um bate-papo *on-line*, cujo funcionamento era semelhante a um *chat*, no qual os participantes podiam trocar conhecimentos, tirar dúvidas, etc. No entanto, essa ferramenta não foi utilizada pelos participantes. Acredita-se que a razão foi pela não familiaridade com a plataforma.

Essa problemática já havia sido pensada durante a elaboração do curso. Dessa forma, foi disponibilizado na seção introdutória um *hiperlink* com convite para participar do grupo “EDUCAPAZ” na rede social *WhatsApp*. Após clicar neste *hiperlink*, uma nova janela se abria e o participante deveria clicar em “Entrar na conversa” para ter acesso ao grupo.

A criação deste grupo foi fundamental para facilitar a comunicação entre os participantes e, também para auxiliar o acesso à plataforma, tirar dúvidas sobre a mesma e sobre o curso. Na primeira seção também foi disponibilizado um *link* para as aulas síncronas do curso, realizado no ambiente virtual *Moodle* do Colégio Pedro II.

A segunda seção teve como objetivo apresentar o planejamento dos encontros síncronos, conforme mostra a Figura 7, disponibilizada no *Moodle*.

Figura 7 – Planejamento dos encontros síncronos



Fonte: A autora, 2022.

As quatro seções subsequentes referem-se à organização dos 4 (quatro) encontros síncronos, onde foram disponibilizados materiais de estudo conforme a temática do dia.

Na terceira seção - Aula 1 (24/05, 18h) – Apresentação da proposta de curso e conceitos introdutórios, apresentou-se: 1) link de acesso ao vídeo: Violência que rola; 2) link de acesso ao vídeo: Violências e Cultura de Paz, apresentado pelo Professor Dr. Nei Alberto Salles Filho; e 3) link para o artigo: Educação Infantil e as violências silenciadas: um ambiente democrático e acolhedor?

Na quarta seção - Aula 2 (31/05, 18h) – Educação para a Paz nas escolas: percepções e conceitos, apresentou-se: 1) link para o poema “A escola” de Paulo Freire; 2) link para o artigo: Cultura de Paz nas escolas: por uma Educação para a Paz com fundamentos Pedagógicos; e 3) artigo: Paz e Educação Infantil: um olhar e uma escuta sensível no ambiente educativo.

Na quinta seção - Aula 3 (07/06, 18h) – Valores agregadores e desagregadores da convivência, foram traçados os objetivos do encontro, a saber:

- Refletir sobre os valores agregadores e desagregadores da convivência;
- Elencar os valores que serão trabalhados;
- Levantar temáticas; e
- Apresentar algumas práticas pedagógicas.

Esse encontro teve como principal referencial teórico o livro *Pedagogia da Convivência* de Xesús Jares (2008).

Na sexta seção - Aula 4 (14/06, 18h) – Apresentação das propostas, não foram disponibilizados materiais (artigos, vídeos), por se tratar de uma aula prática onde os participantes apresentaram os planos de aulas com o intuito de promover práticas pedagógicas de Educação para a Paz, elaboradas a partir dos conhecimentos adquiridos no decorrer do curso.

A sétima seção destinou-se ao envio da tarefa final por parte dos participantes, ou seja, um plano de aula sobre a Educação para a Paz na perspectiva dos Valores Humanos. Por fim, na oitava seção, foram propostos alguns materiais extras sobre a temática (Figura 8).

Figura 8 – Materiais extras



Fonte: A autora, 2022.

Vale ressaltar que esse planejamento foi flexível e novas contribuições surgiram e materiais adicionais foram propostos, durante o curso, a partir da troca de conhecimentos.

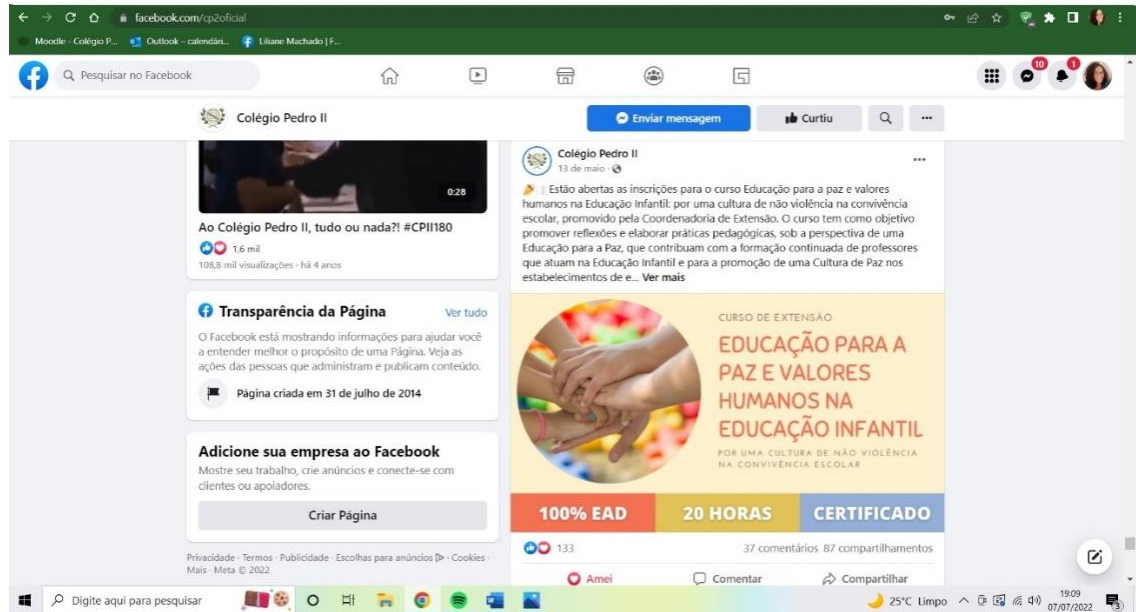
6.2.1 Divulgação do curso

Assim que a organização do curso na plataforma foi concluída, passou-se a divulgação do mesmo, juntamente, com o link de acesso para realizar a inscrição. O curso foi divulgado na página oficial do Colégio Pedro II (Figura 9) e em diversas redes sociais como: *Facebook* (Figura 10), *Instagram* e também foi compartilhado no *WhatsApp*.

Figura 9 – Divulgação do curso no site oficial do Colégio Pedro II



Fonte: Tela do site oficial do Colégio Pedro II. Disponível em: https://www.cp2.g12.br/ultimas_publicacoes/225-noticias/11567-curso-de-extens%C3%A3o-traz-tema-da-%E2%80%8B-educacao%C3%A7%C3%A3o-para-a-paz-e-valores-humanos-na-educa%C3%A7%C3%A3o-infantil.html Capturada em 17 jun. 2022.

Figura 10 – Divulgação do curso na página do Facebook do Colégio Pedro II

The image is a screenshot of a Facebook page for 'Colégio Pedro II'. The browser address bar shows 'facebook.com/cp2oficial'. The page header includes the school's name, a search bar, and navigation icons. The main content area features a post from 'Colégio Pedro II' dated '13 de maio'. The post text reads: 'Estão abertas as inscrições para o curso Educação para a paz e valores humanos na Educação Infantil: por uma cultura de não violência na convivência escolar, promovido pela Coordenadoria de Extensão. O curso tem como objetivo promover reflexões e elaborar práticas pedagógicas, sob a perspectiva de uma Educação para a Paz, que contribuem com a formação continuada de professores que atuam na Educação Infantil e para a promoção de uma Cultura de Paz nos estabelecimentos de e... Ver mais'. Below the text is a promotional graphic for the course. The graphic has a yellow background and features a circular image of children's hands. Text on the graphic includes: 'CURSO DE EXTENSÃO', 'EDUCAÇÃO PARA A PAZ E VALORES HUMANOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL', and 'POR UMA CULTURA DE NÃO VIOLÊNCIA NA CONVIVÊNCIA ESCOLAR'. At the bottom of the graphic are three colored boxes: '100% EAD' (red), '20 HORAS' (yellow), and 'CERTIFICADO' (blue). Below the graphic, the post shows '133' likes, '37 comentários', and '87 compartilhamentos'. On the left side of the page, there are three widgets: 'Ao Colégio Pedro II, tudo ou nada?! #CPII180' with 1.6 mil likes and 108,8 mil visualizações; 'Transparência da Página' with a 'Ver tudo' link; and 'Adicione sua empresa ao Facebook' with a 'Criar Página' button. The bottom of the screenshot shows the Windows taskbar with the search bar, system tray, and date/time '19:09 07/07/2022'.

Fonte: Tela do Facebook oficial do Colégio Pedro II. Disponível em: <https://www.facebook.com/cp2oficial>.

Capturada em 07 jul. 2022.

7 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Este capítulo apresenta a análise dos dados, cujos resultados obtidos contribuíram para o cumprimento dos objetivos desta pesquisa. Por meio de um questionário de sondagem, das reflexões teóricas realizada durante o curso de extensão, promovido pela pesquisadora e através das avaliações semanais e avaliação final, que tiveram como objetivo verificar as contribuições do curso para a formação docente, foi possível realizar as trocas de conhecimento sobre o tema da Educação para a Paz, construir novos saberes, incentivar melhores relações humanas e promover um ambiente escolar mais humano e pacífico.

Ao término do curso, foi possível organizar um *E-book* com propostas de práticas pedagógicas, elaboradas pelos participantes, com o intuito de promover a Cultura de Paz nos estabelecimentos de ensino.

7.1 Análise do questionário inicial

Com o objetivo de “Identificar a concepção e as perspectivas que os docentes participantes da pesquisa têm a respeito de uma Educação para a Paz, conflitos e violência na escola”, aplicou-se um questionário semiestruturado. Este instrumento também buscou possibilitar um diagnóstico inicial dos integrantes do curso de extensão sobre sua formação acadêmica, tempo de docência e nos ajudou a compreender, além das concepções dos participantes sobre a temática, quais atividades eles desenvolvem para promover uma cultura de paz nas escolas.

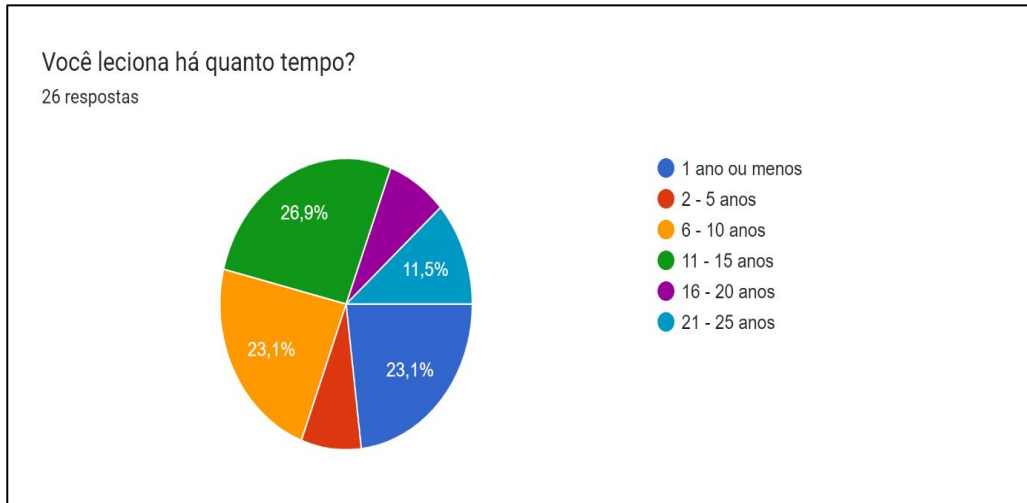
Participaram dessa etapa 26 docentes, o questionário foi enviado por *e-mail* aos participantes que compareceram na aula síncrona. Vale ressaltar que os participantes da pesquisa receberam os seguintes nomes fictícios, distribuídos aleatoriamente: amizade, amor, bondade, cooperação, empatia, felicidade, fraternidade, generosidade, gentileza, honestidade, humildade, igualdade, justiça, liberdade, mansidão, otimismo, paciência, paz, perseverança, respeito, simplicidade, sinceridade, solidariedade, ternura, tolerância e união.

A escolha desses nomes relaciona-se a temática desta pesquisa voltada para a Educação para a Paz na perspectiva dos valores humanos, ao mesmo tempo, busca garantir o direito ao anonimato na divulgação das informações coletadas, conforme consta no TCLE (Apêndice A).

Primeiramente, os participantes foram questionados sobre sua formação acadêmica em uma pergunta aberta, que resultou em múltiplas respostas, sendo que 16 (em torno de 61,5%)

responderam que possuem formação em Pedagogia. Com relação ao tempo que lecionam, o público ficou bem dividido, conforme mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1 - Tempo de docência



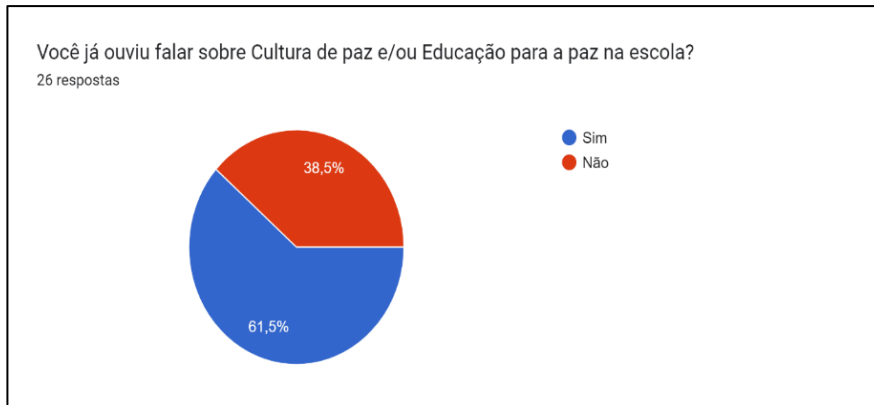
Fonte: Arquivo da Pesquisa, 2022.

O maior percentual (26,9%), possui entre 11 e 15 anos de experiência. Em seguida, foram questionados sobre a rede em que trabalham, sendo que 18 (69,2%) trabalham na rede pública, 7 (26,9%) na rede particular e 1 (3,8%) trabalha em ambas redes. Esses dados são importantes para entender como está o avanço da temática nos espaços escolares, sejam eles públicos ou privados.

7.1.1 Categoria: Concepções e perspectivas docentes a priori sobre a temática Educação para a Paz

Quanto ao conhecimento da temática desta pesquisa, verifica-se no Gráfico 2 que a grande maioria (61,5%) já ouviu falar sobre.

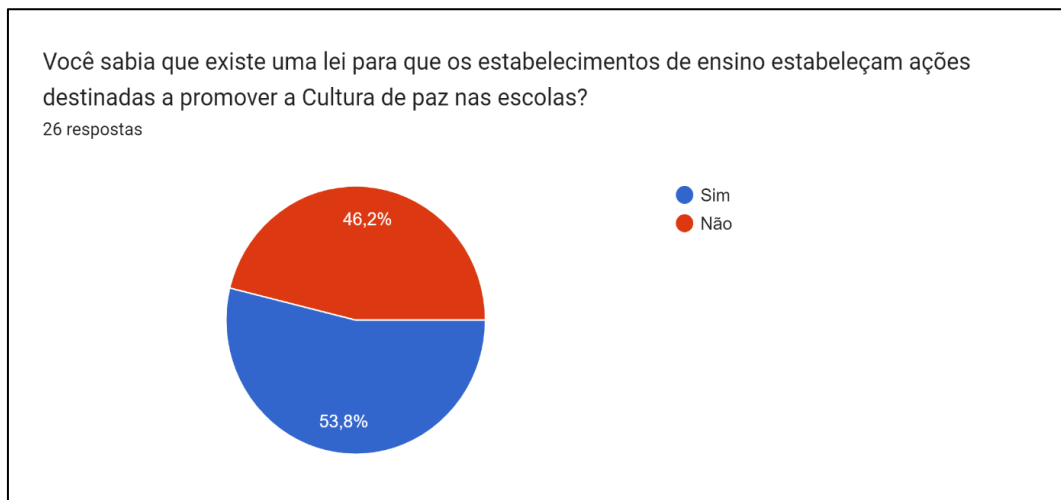
Gráfico 2 - Conhecimento da temática



Fonte: Arquivo da Pesquisa, 2022.

Assim como, a maior parte (53,8%) afirmou saber da existência da lei nº 13.663/2018 (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Conhecimento da lei



Fonte: Arquivo da Pesquisa, 2022.

No entanto, quando questionados sobre a participação em curso de formação continuada sobre a temática (Gráfico 4), apenas 2 (dois) (7,7%) respondentes afirmaram ter participado. Esses dados confirmam a importância dos objetivos específicos desta pesquisa, que buscou promover um curso de formação continuada sob a perspectiva de uma Educação para a Paz, com uma reflexão x ação sobre a prática em sala de aula e a resolução de conflitos.

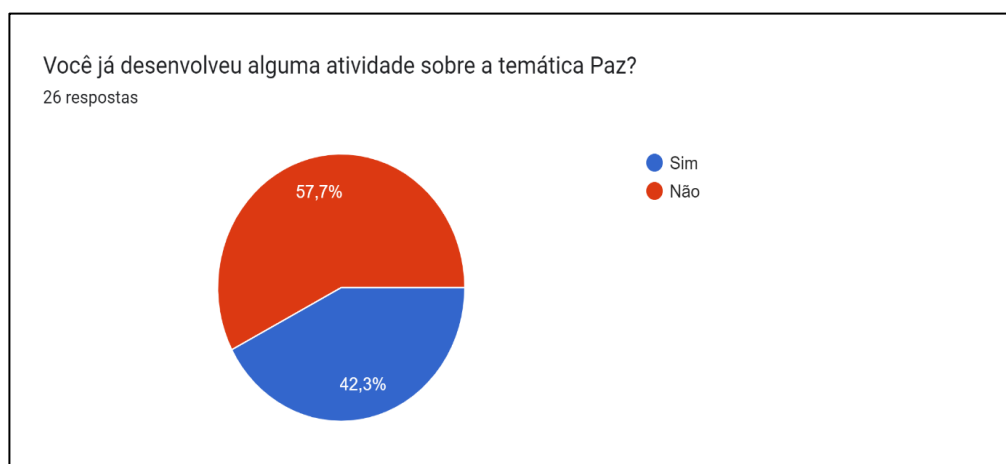
Gráfico 4 - Participação em curso de formação



Fonte: Arquivo da Pesquisa, 2022.

Sabendo-se que um dos objetivos desta pesquisa foi desenvolver um produto educacional com sugestões de práticas pedagógicas em Educação para a Paz, os participantes foram questionados se já haviam desenvolvido alguma atividade sobre a temática, e em caso de resposta afirmativa, deveriam ser descritas. Como pode ser observado no Gráfico 5, uma minoria, 11 respondentes (42,3%), afirmou tê-la desenvolvido.

Gráfico 5 - Atividade sobre a temática Paz



Fonte: Arquivo da Pesquisa, 2022.

Seguem as respostas dadas pelos participantes (Quadro 6):

Quadro 6 - Descrição das atividades desenvolvidas

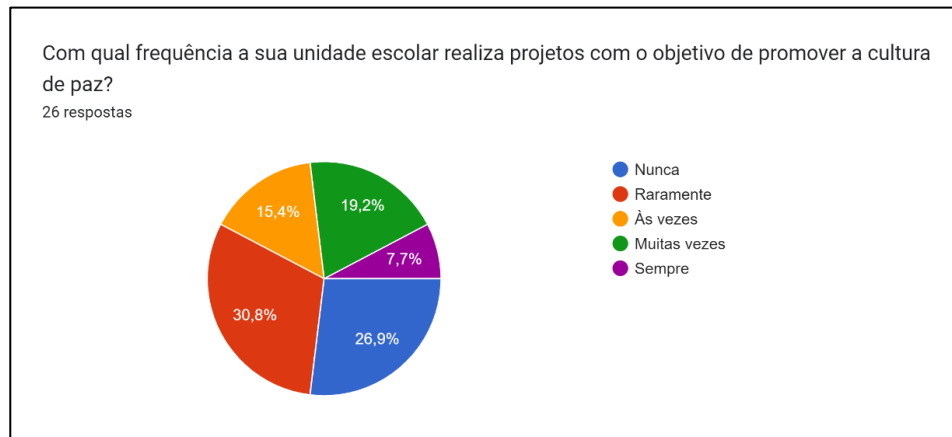
PARTICIPANTE	DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
(BONDADE, r.e.s.)	<i>Trabalhamos uma frase: "Aqui é um lugar de paz", para valorizar as relações dentro e fora dos muros da escola, pois localiza-se em um ambiente conflituoso externamente.</i>
(LIBERDADE, r.e.s.)	<i>Atividades sobre o emocional e o respeito ao próximo.</i>
(MANSIDÃO, r.e.s.)	<i>Roda de conversa sobre como resolver os conflitos, a importância do diálogo e do respeito.</i>
(AMIZADE, r.e.s.)	<i>Desenvolvimento de cartazes e rodas de conversas sobre situações que as crianças vivenciaram e apresentações de possibilidades de conduta.</i>
(COOPERAÇÃO, r.e.s.)	<i>Leitura do livro "Um Mundinho de Paz", após conversamos sobre situações que ocorrem em nossa cidade. Confeccionamos cartazes para espalhar na escola.</i>
(PACIÊNCIA, r.e.s.)	<i>Devido uma criança ter comportamento agressivo, a paz foi introduzida como cuidado. Fizemos uma garrafa do cuidado para a cada dia "bem vivido" íamos enchendo. E "mãos que cuidam" para desenvolver o tratamento carinhoso, massagem.</i>
(PERSEVERANÇA, r.e.s.)	<i>Roda de conversa sobre brigas.</i>
(GENEROSIDADE, r.e.s.)	<i>Passeatas e exposições sobre o tema.</i>
(SINCERIDADE, r.e.s.)	<i>Trabalhamos através de vídeos, conversas informais e teatro.</i>
(SOLIDARIEDADE, r.e.s.)	<i>Foi desenvolvido pelos professores um movimento sobre a paz, em ambiente de encontro com várias escolas, e os pais que se sentiram à vontade, puderam levar seus filhos. Foram exibidos cartazes, faixas e fizemos camisetas exibindo a esperança de paz no ambiente escolar.</i>
(TERNURA, r.e.s.)	<i>Coloca-se as crianças em rodinha, após contar nossa história, com personagens construídos com colheres de pau, de uma família que recebe um novo membro. Pedimos as crianças para falarem de experiência em casa. Assim podemos ouvir as relações das famílias das crianças, conversando a respeito de tratar com carinho novos membros que chegam.</i>

Fonte: Arquivo da Pesquisa, 2022.

Essas práticas compartilhadas são ótimas referências para o desenvolvimento da Educação para a Paz, em que todos os momentos podem ser aproveitados para proporcionar oportunidades de reflexões, de forma a promover um ambiente escolar mais pacífico. Por meio do relato das participantes bondade e cooperação, nota-se que também há preocupação com o entorno da escola. Nas práticas desenvolvidas são trabalhados conceitos importantes na EP, como os conflitos que ocorrem na convivência escolar, e valores como o respeito. Além disso, destaca-se a importância do envolvimento da família e da comunidade neste projeto.

Essas práticas relatadas anteriormente foram de natureza pessoal. Ao serem indagados sobre a realização de projetos voltados para esse tema, promovidos pela unidade escolar, as respostas foram, de modo geral, bem divididas (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Projetos promovidos na unidade escolar



Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

O maior percentual (30,8%), que corresponde a oito participantes, respondeu que projetos nesse sentido raramente são implementados, e outros sete participantes (26,9%), responderam que nunca houve um projeto voltado para a promoção da cultura de paz na unidade escolar. Embora o estudo desse tema esteja se ampliando na sociedade brasileira, apenas duas participantes (7,7%) afirmaram que sempre há um projeto destinado a essa temática em suas unidades escolares.

Esse é um dado que precisa ser observado, pois esse questionário foi aplicado em 2022, quatro anos após a promulgação da Lei n. 13.663/18, que incluiu medidas visando o combate à violência e a necessidade de se estabelecer ações com o objetivo de promover uma cultura de paz nos estabelecimentos de ensino (BRASIL, 2018b). No entanto, muitas unidades escolares ainda não a colocam em prática. Acredita-se, que por falta de conhecimento da lei e pela carência de cursos de formação continuada sobre Cultura de Paz/Educação para a Paz.

As participantes que indicaram que algum projeto estava sendo desenvolvido nas unidades escolares onde trabalhavam, foram solicitadas a responder quais atividades eram desenvolvidas para promover uma da Cultura da Paz. Como mostra o Gráfico 6, boa parte colocou não haver, outros responderam atividades de cunho pessoal.

Mas, com foco na pergunta realizada, quatro respondentes afirmaram que estão em fase de treinamento da comunidade escolar, com palestras e reuniões, como segue: “*A princípio, os trabalhos estão acontecendo no treinamento da equipe escolar.*” (TOLERÂNCIA, r.e.s.), “*Palestras de conscientização, reunião de pais, eventos envolvendo toda comunidade escolar, parcerias.*” (RESPEITO, r.e.s.), “*Escuta ativa e reuniões.*” (FRATERNIDADE, r.e.s.), “*Palestras e atividades que promovam a paz.*” (GENEROSIDADE, r.e.s.).

Com base em conceitos importantes para quem pretende estudar a Educação para a Paz: violência, conflito e paz; os docentes foram questionados sobre como eles os percebiam. Primeiramente, pediu-se a definição do termo violência. Pela análise realizada, a maioria apresenta uma definição que estabelece uma relação com as formas de violência direta. De acordo com Salles Filho (2019, p.208), “A violência direta é tudo que é feito entre pessoas ou grupos que vá afetar no exato momento, com intenção de ferir.” A seguir, algumas definições apresentadas pelos docentes:

“Ato que gera dor e sofrimento.” (PERSEVERANÇA, r.e.s.), *“Vai além do físico, pode passar pelo emocional, psicológico.”* (BONDADE, r.e.s.), *“Eu definiria como atitude agressiva de imposição da sua vontade ou opinião, que tem o objetivo de alcançar a realização da sua vontade por intermédio da força e/ou constrangimento.”* (AMIZADE, r.e.s.), *“Uso intencional de força ou poder sobre si e outras pessoas ou grupo.”* (MANSIDÃO, r.e.s.), *“É expressão da relação conflituosa entre pessoas ou instituições e pessoas, que pode ser física, psicológica e institucional.”* (HUMILDADE, r.e.s.), *“Violência é tudo aquilo que agride o outro. Ela pode se manifestar de diversas formas. Podemos citar, como exemplo, a violência física, verbal, patrimonial e psicológica.”* (TOLERÂNCIA, r.e.s.).

Não houve definição que estabelecesse a relação com a violência estrutural. É interessante destacar a colocação da docente honestidade ao considerar violência *“Falta ou ausência de paz”* (HONESTIDADE, r.e.s.), que se aproxima do pensamento de Galtung (1985 apud JARES, 2002, p.124), quando afirma que “paz é ausência de violência”, neste sentido, se há violência é porque não há paz.

Na próxima questão, pediu-se a definição do termo conflito. A maioria das respostas o descreveu como oposição entre as pessoas, desentendimento, discussão, situação que ocorre por divergências, guerra, embate, confusão, ideias diferentes. Dessa forma, o conflito foi visto como algo negativo. Porém, é interessante destacar a opinião de duas participantes, que consideraram *a priori*: *“Situação que gera violência.”* (OTIMISMO, r.e.s.) e *“Um problema constante”*. (GENTILEZA, r.e.s.). Essas respostas serviram de base para as reflexões no curso, pois nossa convivência é marcada por conflitos, e se não receberem o devido tratamento podem se transformar em violência.

Quanto à definição do conceito Paz, ela foi associada a um estado de calma, tranquilidade, leveza, equilíbrio, sentimento bom, harmonia, respeito e acordo entre os povos e pessoas. Essas definições assemelham-se com as considerações do senso popular, como destaca a citação a seguir,

Em um plano interpessoal, a expressão popular “deixe-me em paz” é muito comum e define a paz como tranquilidade. Levado ao extremo, esse conceito de paz poderia significar simplesmente a não-associação, uma condição de tranquilidade pelo fato de que não há interação e, portanto, não há possibilidade de conflitos. (LEDERACH, 1984, p. 16 apud JARES, 2002, p. 122)

No entanto, conviver é “viver uns com os outros” (JARES, 2007, p.160) e não há como dissociar a convivência de conflitos. Portanto, a Paz pode ser definida nos seguintes termos, conforme afirmado nesses relatos: “*É um momento provocado pelo conjunto de valores e práticas não-violentas [...].*” (HUMILDADE, r.e.c.), “*Boa convivência entre os conflitos.*” (PACIÊNCIA, r.e.c.) e “*Ausência da violência.*” (AMIZADE, r.e.c.).

Convém destacar algumas das respostas apresentadas que se distanciam do que os estudiosos da temática definem como paz: “*Ausência de conflitos.*” (COOPERAÇÃO, r.e.c.) “*Falta ou ausência de conflitos.*” (HONESTIDADE, r.e.c.), “*Ausência de guerra ou de conflito.*” (SIMPLICIDADE, r.e.c.). De acordo com Salles Filho (2019),

A paz ou a não violência é decorrente de processos nos quais os conflitos são mediados, pelos pais em casa ou pelos professores nas escolas, através dos projetos de educação para a paz. Dessa forma, o que gera a violência não são os conflitos, mas sim a não resolução dos impasses a partir de ideias contrárias. (SALLES FILHO, 2019, p. 308)

Diante dessas questões, os docentes foram solicitados a dar exemplos de conflitos que já haviam presenciado no ambiente escolar. As respostas variaram entre disputas por brinquedos, competitividade, discussão entre responsáveis - professores, professores - estudantes, estudantes – estudantes, responsáveis – estudantes, responsáveis – professores e em alguns dos conflitos mencionados foi possível observar que ele é resultado das relações familiares. Conforme expresso pelas pesquisadas: “*Disputa de brinquedos são os mais frequentes, geralmente vindos de crianças de origem familiar conflituosa.*” (AMIZADE, r.e.s.) e “*Bullying: reflexos do ambiente familiar; hostilidades entre profissionais.*” (FELICIDADE, r.e.s.).

Nesse sentido, a próxima questão buscou identificar quais são as atitudes tomadas nas resoluções dos conflitos que acontecem no ambiente escolar. As respostas puderam ser agrupadas em 4 (quatro) blocos, com base na similaridade. Como pode ser visto no Quadro 7.

Quadro 7 - Atitudes tomadas nas resoluções de conflitos

DIÁLOGO/ CONVERSA	<p><i>A melhor atitude é sempre uma conversa calma e tranquila entre os envolvidos, com o objetivo de resolver o conflito. (TOLERÂNCIA, r.e.s.)</i></p> <p><i>Através de conversas. (GENTILEZA, r.e.s.)</i></p> <p><i>Tenta-se uma mediação através de diálogos, buscando pela melhor solução entre as partes. (HUMILDADE, r.e.s.)</i></p> <p><i>Eu prezo por me aproximar do momento e das pessoas envolvidas no conflito para conversar sobre e tentar uma resolução por conversa e combinados. (PACIÊNCIA, r.e.s.)</i></p> <p><i>Conversas e orientações. (SINCERIDADE, r.e.s.)</i></p> <p><i>Na unidade sempre se conversa. (JUSTIÇA, r.e.s.)</i></p> <p><i>Diálogo. (LIBERDADE, r.e.s.), (MANSIDÃO, r.e.s.), (FRATERNIDADE, r.e.s.), (EMPATIA, r.e.s.), (COOPERAÇÃO, r.e.s.), (PERSEVERANÇA, r.e.s.)</i></p> <p><i>Conversas promovendo a paz entre as partes. (SIMPLICIDADE, r.e.s.)</i></p> <p><i>Todos conversam e interagem. (AMOR, r.e.s.)</i></p>
FAMÍLIA	<p><i>Os responsáveis são chamados para tentar entender como é essa criança em casa e pensar em maneiras de resolver a situação. (IGUALDADE, r.e.s.)</i></p> <p><i>Pelo procedimento que verifico, conversa com os envolvidos e responsáveis. (UNIÃO, r.e.s.)</i></p> <p><i>Geralmente nos sentamos com o responsável e conversamos sobre a questão, tentando ao máximo acalmá-lo. (PAZ, r.e.s.)</i></p>
DIREÇÃO	<p><i>A direção assume o problema chamando os interessados para uma conversa, pensando no bem estar das crianças e famílias. (TERNURA, r.e.s.)</i></p> <p><i>Levar à sala da direção. (OTIMISMO, r.e.s.)</i></p> <p><i>A equipe gestora busca soluções, através do diálogo, mediação de conflitos. (RESPEITO, r.e.s.)</i></p> <p><i>Ambas as partes envolvidas são escutadas pela direção e o CEC. Assim é tomada a melhor solução para sanar conflitos. (SOLIDARIEDADE, r.e.s.)</i></p>
ATIVIDADE PRÁTICA	<p><i>Conversa, momento de reflexão e relaxamento da tensão gerada. Às vezes solicito um momento de pausa, de espera e afastamento para que depois possamos retomar a conversa entre as crianças envolvidas. (AMIZADE, r.e.s.)</i></p>
EXPULSÕES	<p><i>Advertência, chamar pais, expulsões. (HONESTIDADE, r.e.s.)</i></p> <p><i>A suspensão das aulas. (GENEROSIDADE, r.e.s.)</i></p> <p><i>Sanções. (FELICIDADE, r.e.s.)</i></p>

Fonte: A autora, 2022.

Nas respostas obtidas, constatou-se que a maioria busca tratar os conflitos por meio do diálogo e conversas entre os envolvidos. Outras contam com o apoio da família. Em algumas escolas, a prática adotada é deslocar o “problema” para a direção, onde a equipe gestora se responsabilizará em dar a melhor solução. Uma das pesquisadas mencionou uma atividade prática de relaxamento, e outras disseram que sanções e expulsões estão ocorrendo em suas unidades. Um dos objetivos das oficinas pedagógicas é que os docentes saibam que podem, por meio das atividades na perspectiva dos valores humanos, abordar as situações de conflito de uma forma diferente, mais pacífica e promover a paz no ambiente escolar.

Na próxima pergunta indagou-se: *Em sua opinião, quais as maiores formas de violências que acontecem no ambiente escolar, principalmente, na Educação Infantil?* As formas de violência mencionadas tiveram como protagonistas: o educador, o educando, o responsável, e também foi apresentada uma forma de violência que se enquadra na violência de ordem estrutural (Quadro 8).

Quadro 8 - Violências no ambiente escolar

EDUCADOR	<p><i>O não ouvir ou não olhar, não ter sensibilidade para lidar com as questões das crianças. (BONDADE, r.e.s.)</i></p> <p><i>Não dar voz ao aluno. (AMOR, r.e.s.)</i></p> <p><i>Quando não escutamos os alunos. (COOPERAÇÃO, r.e.s.)</i></p> <p><i>Forma grosseira ao falar com a criança. (FRATERNIDADE, r.e.s.)</i></p> <p><i>A imposição de ordens por parte dos profissionais, adultos, às crianças. (PACIÊNCIA, r.e.s.)</i></p> <p><i>A negação da liberdade da criança. (LIBERDADE, r.e.s.)</i></p> <p><i>Quando se impõe algo às crianças, ou quando elas não são ouvidas. (RESPEITO, r.e.s.)</i></p> <p><i>Falta de diálogo, falta de respeito e paciência. (EMPATIA, r.e.s.)</i></p>
EDUCANDO	<p><i>Brigas por brinquedos e mordidas. (SIMPLICIDADE, r.e.s.)</i></p> <p><i>Entre as crianças a agressão física, por não saberem lidar com seus sentimentos de raiva, frustração e pela reprodução do comportamento visto em casa. (AMIZADE, r.e.s.)</i></p> <p><i>Agressão por não saber expressar sentimentos. (PERSEVERANÇA, r.e.s.)</i></p> <p><i>Questão de brigas entre os alunos. (SINCERIDADE, r.e.s.)</i></p> <p><i>Beliscões, mordidas. (HONESTIDADE, r.e.s.)</i></p> <p><i>Quando ocorre agressão física (entre crianças), verbal e psicológico (humilhação e desrespeito ao próximo, seja entre crianças e educadores e crianças). (HUMILDADE, r.e.s.)</i></p> <p><i>Agressão física por disputa de objetos ou de atenção. (UNIÃO, r.e.s.)</i></p> <p><i>Acontece com as frustrações que as crianças ainda não sabem lidar. Em alguns casos, pais que permitem os filhos a ver filmes com violência e as crianças acabam reproduzindo com os colegas. (IGUALDADE, r.e.s.)</i></p>
RESPONSÁVEL	<p><i>Conflitos, transferência dos papéis dos pais para a escola. (MANSIDÃO, r.e.s.)</i></p> <p><i>[...] agressão dos responsáveis aos profissionais. (TOLERÂNCIA, r.e.s.)</i></p>
ESTRUTURAL	<p><i>A falta de oportunidades de frequentar outros ambientes, a falta de espaço para as brincadeiras infantis, o desemprego ou subemprego provocando stress em todos os adultos, que não tem paciência com seus filhos. (TERNURA, r.e.s.)</i></p>

Fonte: A autora, 2022.

Em relação à importância de trabalhar com valores humanos na Educação Infantil, todos os pesquisados 26 (vinte e seis), afirmaram achar importante e justificaram. O Quadro 9 mostra a resposta de 8 (oito) respondentes:

Quadro 9 - Importância do trabalho com valores humanos

(GENTILEZA, r.e.s.)	<i>Através dos valores formamos cidadãos menos violentos, mesmo tão pequenos as crianças já conseguem absorver através de orientações valores que levarão por toda vida, pois existem lares e ambientes onde muitos não são ensinados.</i>
(UNIÃO, r.e.s.)	<i>Para que desde sempre a criança possa acreditar que não é na violência que as coisas são resolvidas, mesmo que o ambiente onde ela reside/conviva, seja diferente.</i>
(COOPERAÇÃO, r.e.s.)	<i>Vivemos em um período que falta diálogo, então enfatizar os valores que estão se perdendo é necessário desde a infância.</i>
(BONDADE, r.e.s.)	<i>Acredito que na Educação Infantil é onde se forma muito da personalidade dos sujeitos.</i>
(AMIZADE, r.e.s.)	<i>É fundamental que seja trabalhado com as crianças ações de conscientização de valores e comportamentos sociais pacíficos, principalmente em comunidades onde o comportamento violento seja comum e os conflitos constantes. Oferecer possibilidades de resolução</i>

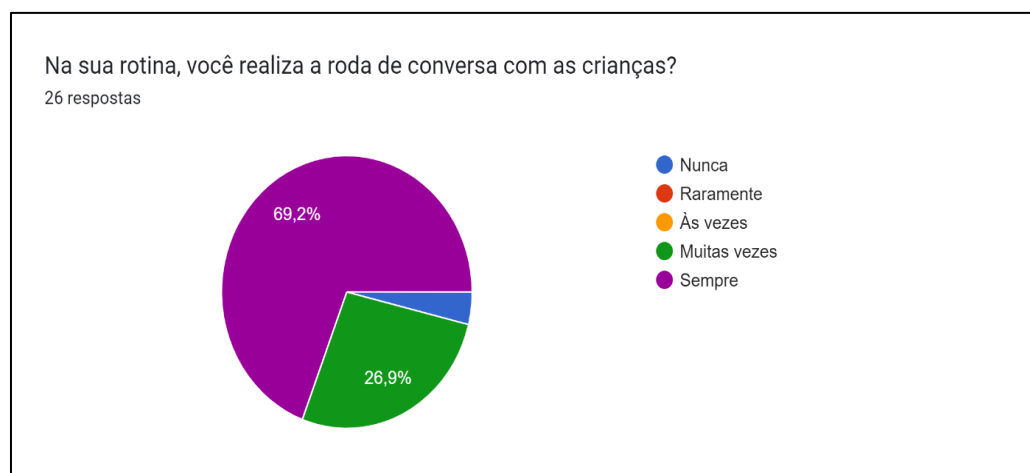
	<i>desses desentendimentos de maneira pacífica pode ser uma nova visão de comportamento e mudança de cultura social que essas crianças venham a conhecer.</i>
(FELICIDADE, r.e.s.)	<i>Se conseguirmos ensinar a educação para a Paz na Educação Infantil, certamente teremos toda uma vida escola pela paz. Como, escola e sociedade estão estreitamente ligadas, estamos contribuindo para uma sociedade, que aponta para a paz.</i>
(PAZ, r.e.s.)	<i>Pois as crianças precisam crescer com esses valores para que tenhamos uma sociedade mais justa.</i>
(PACIÊNCIA, r.e.s.)	<i>É o período de introdução social, sociabilidade, os valores humanos devem ser trabalhados para a instrução desses seres enquanto humanizados, sensibilizados.</i>

Fonte: A autora, 2022.

Questionou-se então: *quais os valores que você considera mais importantes no trabalho com a Educação Infantil?* O valor mais mencionado foi o respeito, que foi citado 16 (dezesseis) vezes, seguido do amor 6 (seis) vezes; empatia 4 (quatro) vezes; afetividade, ética e tolerância foram citadas 3 (três) vezes; paz, cidadania, amizade, honestidade e paciência aparecem 2 (duas) vezes. Outros valores foram citados uma vez, como: solidariedade, honestidade, humildade, responsabilidade, diversidade, cooperação, companheirismo e união.

Na pergunta seguinte, os participantes foram indagados sobre a realização da roda de conversa com as crianças (Gráfico 7).

Gráfico 7 - Realização da roda de conversa



Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

Conforme observa-se no Gráfico 7, 18 (69,2%) afirmaram que sempre realizam. Esse dado é importante, pois muitos podem se perguntar: em qual momento poderei colocar em prática as atividades voltadas para a Educação para a Paz? Portanto, esse momento pode ser usado, além das atividades de rotina (calendário, chamadinha, o tempo), para pensar

criticamente sobre o conflito por meio de ações, como: contar histórias, entoar músicas, realizar brincadeiras intencionais e outras atividades que explorem a fala e o pensamento crítico sobre a não violência.

Destaca-se a fala de alguns participantes que se afastaram do habitual, e utilizam o momento da roda de conversa de forma mais crítica, para realizar algumas atividades que promovem a EP (Quadro 10).

Quadro 10 - Atividades desenvolvidas no momento da roda de conversa

(GENTILEZA, r.e.s.)	<i>Todos os dias durante a rodinha são reforçados os valores [...] e as crianças participam dizendo se é legal ou não.</i>
(IGUALDADE, r.e.s.)	<i>São propostas músicas para falar sobre seus sentimentos, que é normal sentir raiva, tristeza, ciúmes, alegria e outros, mas que juntos podemos lidar com esses sentimentos. Ouvir como eles estão, como foi o dia, como está em casa. Fazer as crianças se sentirem acolhidas e respeitar suas falas.</i>
(MANSIDÃO, r.e.s.)	<i>Conversas sobre os conflitos existentes entre as crianças.</i>
(HUMILDADE, r.e.s.)	<i>A partir de uma história e imagens conversamos sobre o que ocorreu e como podemos resolver o conflito em tal situação apresentada.</i>
(SIMPLICIDADE, r.e.s.)	<i>Conversas sobre os combinados e principalmente sobre o respeito.</i>
(SOLIDARIEDADE, r.e.s.)	<i>Músicas de respeito ao amigo, esperar sua vez, pedir por favor, obrigada, com licença.</i>
(EMPATIA, r.e.s.)	<i>Há momentos de escuta de todos sobre qualquer assunto que deseja falar.</i>

Fonte: A autora, 2022.

Esses participantes realizam um trabalho que busca reforçar valores, estimular o pensamento crítico, exercitar o diálogo e a escuta sensível. Sobre o questionamento: *quais ações podem contribuir para a promoção da paz no ambiente escolar?* Os participantes acreditam que é possível promover a paz por meio do diálogo, palestras, encontros de reflexão, rodas de conversa. Além disso, é necessário *“Acolher, ouvir e entender que cada criança é única e têm suas vivências. É necessário ouvir para poder ajudar e encontrar meios de fazer a criança perceber que a violência não é o caminho para resolver problemas.”* (IGUALDADE, r.e.s.)

Também se destacou a necessidade de realizar *“Capacitação dos profissionais”* (OTIMISMO, r.e.s.) e de toda a comunidade escolar, como bem destacou a participante Tolerância: *“Treinamento constante da equipe, atividades de promoção da cultura de paz com os responsáveis, atividades voltadas para a cultura de paz entre os alunos.”* (TOLERÂNCIA, r.e.s.).

A participante Generosidade, comentou que esse trabalho deve se estender além do ambiente escolar, pois

Não basta somente a escola fazer projetos que trabalhem o tema proposto, cabe a todos envolvidos com essa criança criar uma cultura de paz, pois vivemos num mundo onde a violência está inserida dentro do ambiente familiar, incitando e construindo um ser violento. Deve-se trabalhar firmemente com família e escola para poder estabelecer um diálogo sobre a paz. (GENTILEZA, r.e.s.)

Nesse sentido, considerando que estamos imersos em uma cultura de violência, que se manifesta de diversas formas, também é preciso criar “*Políticas públicas comprometidas com a vivência escolar.*” (GENEROSIDADE, r.e.s.) e comprometidas com a sociedade.

7.2 Desenvolvimento das oficinas pedagógicas e avaliação semanal

Um dos objetivos propostos por esta pesquisa foi a promoção de um curso de formação continuada sob a perspectiva de uma Educação para a Paz, com uma reflexão x ação sobre a prática em sala de aula e a resolução de conflitos. Nesse sentido, o curso foi fundamentado em pesquisas bibliográficas realizadas no decorrer desse trabalho sobre a convivência escolar, Educação para a Paz e a importância dos valores humanos para a promoção dessa Educação.

7.2.1 Categoria: Reflexões produzidas durante o curso de extensão sobre a temática Educação para a Paz

Buscou-se desenvolver uma metodologia bastante dinâmica e interativa, com diálogos, músicas, textos de apoio, trocas de conhecimentos e valorização dos saberes dos participantes. No primeiro encontro síncrono foi apresentada a proposta do curso, bem como cada parte do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), a saber: objetivos, procedimentos, potenciais riscos e benefícios, garantia de sigilo, liberdade de recusa, custos, remuneração, indenização e outros esclarecimentos adicionais.

Houve uma mudança no planejamento inicial e no primeiro encontro discutiu-se as diversas formas de violência presente no ambiente escolar e de que forma as violências se apresentam (violência direta e violência estruturada). Houve também uma reflexão sobre como algumas atitudes docentes podem ser percebidas como violência. Debateu-se sobre a relação educador - educando e a mediação de conflitos na implementação da Educação para a Paz; e, foram discutidos conceitos-chave, como: conflito, violência e paz. O Quadro 11 apresenta uma síntese da primeira aula.

Quadro 11 - Síntese da aula 1

AULA 1: APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DO CURSO E CONCEITOS INTRODUTÓRIOS	
Objetivos Específicos	Apresentar a proposta do curso; Conhecer a turma; Realizar a leitura do TCLE e tirar eventuais dúvidas; Apresentar os conceitos: violência, conflito e paz, e discuti-los.
Conteúdo Programático	Conceituação sobre paz, violência e conflitos. A relação professor-aluno e a mediação de conflitos para realizar a Educação para a Paz;
Breve descrição dos procedimentos	<p>Iniciou-se com a apresentação pessoal e da proposta do curso. Em seguida, passou-se ao momento de conhecer os participantes, cada um falou o nome, turma que leciona e expectativas em relação ao curso.</p> <p>Foi realizada a leitura do TCLE e em seguida foram tiradas dúvidas dos participantes sobre o termo.</p> <p>Para introduzir a temática da Educação para a Paz, foi exibido o vídeo “Vídeo 5 - Violências e Cultura de Paz”, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NY9N4AG5MTM. (ESTUDOS SOBRE A PAZ, 2020).</p> <p>Foi promovida uma discussão sobre os conceitos: violência (direta e estrutural), conflito e paz.</p> <p>Também foram realizadas discussões acerca do artigo: Educação Infantil e as violências silenciadas: um ambiente democrático e acolhedor? Exibiu-se o vídeo “Violência que rola (Direitos Humanos), disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-_6kSow9ulw. (AUDIOVISUAL EDUCATIVO, 2017).</p> <p>Em seguida, discutiu-se sobre as diversas formas de violência presente no ambiente escolar. Para finalizar foi exibido o vídeo “Roupa Nova – A Paz (Heal The World), disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=O_P4KB5FR_Mw. (ROUPA NOVA, 2015).</p>
Avaliação	Avaliação da aula – EU FELICITO, EU CRITICO E EU PROPONHO.
Recursos	Ambiente Virtual de Aprendizagem <i>Moodle</i> – Apresentação no <i>Power Point</i> – Vídeos do <i>YouTube</i> – Artigo.

Fonte: A autora, 2022.

Para introduzir a temática da Educação para a Paz, foi exibido o “Vídeo 5 - Violências e Cultura de Paz” (ESTUDOS SOBRE A PAZ, 2020). No vídeo, o professor Dr. Nei Alberto, traz importantes considerações sobre as formas de violência (violência direta e violência estrutural ou indireta) e como é importante compreendê-las para poder pensar a Educação para a Paz. O professor apresenta como referencial os estudos de Jares (2002) e Johan Galtung (1985 apud Jares, 2002). Estes conceitos sobre violência são descritos no capítulo 3 deste trabalho, que trata da convivência escolar e das violências e dos conflitos que nela ocorrem.

No vídeo, o professor nos convida a olhar para os problemas de violência que ocorrem nas escolas, mas tendo um olhar macro para o contexto social. Assim, os participantes foram questionados sobre as maiores formas de violência que acontecem no ambiente escolar, especificamente na Educação Infantil. De acordo com o questionário de sondagem, mencionado anteriormente, algumas formas de violência são o silenciamento infantil, não dar voz aos

alunos, brigas por brinquedos, mordidas, desrespeito e outras. No relato de experiência, de uma das participantes, foi possível observar uma forma de violência direta, verbal, como segue:

Eu tenho uma aluna, uma criança, na verdade, que ela diz que ela é linda, mas as outras crianças são feias. E aí, fizemos um trabalho com ela, porque ela estava afetando as crianças de uma maneira que as crianças, às vezes, não queriam nem mais ir à creche, sabe? E aí, a gente começou a trazer livros infantis e a trabalhar com espelho. A gente começou a fazer um trabalho de valorização da identidade de todas as crianças, que todas eram lindas e que cada uma tinha as suas qualidades. E hoje, essa criança que se achava linda e achava que as outras crianças não eram lindas, hoje ela reconhece que todo mundo tem suas belezas. Mesmo assim, foi um trabalho de formiguinha, porque, como a mãe dela dizia que só ela era linda, ela vinha fazendo com as outras crianças um processo bullying. Eles têm apenas três anos, mas era um processo pra todo mundo, conversava com ela sempre, conversava com a família e ela continuava, continuava. A partir daí, comecei a dar uma estudada naquela situação, de tal forma que pudesse fazer um trabalho para mudar aquela realidade. Hoje, as coisas estão muito bem. Mas, foi muito ruim. Ainda mais num processo de chegada, no início do ano. A gente está vindo de um ano que eles vieram do ensino remoto e parte presencial, uma turma nova, mas a gente conseguiu reverter esse quadro. Mas, até essas questões afetam, né? Às vezes, o adulto tem que saber lidar com outras questões. (BONDADE, r.o.a.s. – 24/05/2022)

Essa forma de violência verbal, de caráter repetitivo, é classificada como *Bullying*, de acordo com a redação da Lei nº 13. 185, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (BRASIL, 2015). Neste sentido, a professora Bondade, relata a importância de um trabalho de valorização da identidade, inclui-se aqui, a importância de práticas pedagógicas que promovam o respeito ao outro, a empatia e outros valores. Além disso, percebe-se a necessidade de envolver a família nas propostas de Educação para a Paz, pois muitas das violências que as crianças apresentam no ambiente escolar, são reflexos do ambiente familiar e de outras instâncias da sociedade; portanto, é importante olhar para o contexto social.

Assim sendo, uma proposta de EP precisa ser algo pensado, planejado de forma a proporcionar um pensamento crítico, que considere os conflitos, por meio de diálogo, atividades lúdicas e muito mais. A professora Respeito acrescenta um relato de sua experiência a esta discussão.

Então, eu acho assim, que a escola trabalha de forma não tão claramente. Hoje é o dia que a gente vai trabalhar com o tema 'Paz no ambiente escolar'. Mas, já é feito todo um trabalho em cima disso, como: mediação de conflitos, respeitar os valores, né? Trabalha-se as diferenças que uma criança não é igual a outra, as condições sociais não são iguais. Mas, cada um na sua, nas suas particularidades, respeitando a diversidade e as particularidades de cada um. Esse trabalho é sempre feito no município, mas não de forma tão clara. Hoje vamos trabalhar esse dia, esse tema exclusivo, mas sim dentro dessa proposta de paz, de mediar, mediação de conflitos, respeito as diferenças, ao outro. [...] Está dentro do projeto (Projeto Político Pedagógico) mas, deixa livre. É falado, orientado, mas não colocado dentro dessa forma "Educação para a Paz". (RESPEITO, r.o.a.s. – 24/05/2022)

De acordo com o relato acima e com base nas respostas obtidas no questionário inicial, percebe-se que há um trabalho voltado para a promoção da paz em algumas escolas, mas como afirmou uma das participantes: “*É algo não tão sistematizado. Naturalmente tratado no cotidiano.*” (BONDADE, r.o.a.s. – 24/05/2022). Todavia, esta não é a realidade da maioria das escolas. No entanto, à medida que a LBD propõe que sejam desenvolvidas ações destinadas à promoção da cultura de paz, elas precisam ser sistematicamente integradas ao currículo. No caso da Educação Infantil, pode-se utilizar os campos de experiência (Figura 11) para abordar a temática.

Figura 11 - Campos de Experiência



Fonte: A autora (2022), de acordo com os campos de aprendizagem da BNCC (BRASIL, 2018a).

Inserir assuntos como: conflito, violência e não violência no currículo não é tão fácil. Mas é preciso reservar um momento em nossas práticas para a abordagem dos mesmos. Seja no momento da contação de história, durante a roda de conversa com as crianças ou em outros momentos. Sabendo-se, que na Educação Infantil, trabalha-se com as interações e brincadeiras, por meio delas, pode-se incluir conceitos relacionados à Educação para a Paz.

Por meio da leitura do artigo de Souza, Niz e Neves (2018), que aborda sobre a violência escolar que ocorre na etapa da Educação Infantil, foi possível estimular a reflexão sobre a relação educador-educando e perceber o quão violentas podem ser algumas atitudes docentes. O artigo tem por objetivo,

[...] levantar a reflexão sobre como as violências interferem diretamente na trajetória escolar da criança e conseqüentemente na qualidade da educação. A temática é comum em ambientes escolares, entretanto pouco explorado e também pouco refletido visto que muitos professores da educação infantil não acreditam que suas atitudes diárias podem se tornar formas de violências. Geralmente a escola compreendem as violências somente quando acontecem embates físicos e se esquece das violências psicológicas ou simbólicas. (SOUZA; NIZ; NEVES, 2018, p.51)

Desse modo, discutiu-se a relação educador-educando e a importância de o docente estar atendo às suas ações, pois a teoria deve estar em sintonia com a prática, para que se concretize a Educação para a Paz. Por meio do vídeo “Violência que rola (Direitos Humanos)” (AUDIOVISUAL EDUCATIVO, 2017), foi possível discutir as formas de violência na relação educador-educando. A seguir, os participantes analisaram o vídeo da seguinte forma:

Eu achei que a violência ela é um ciclo. O vídeo deixa isso muito claro e cabe a gente romper com este ciclo. Quando um rompe com o ciclo, ele não continua, ele não passa para a próxima pessoa. A gente tem sempre que se posicionar de uma forma que a gente não repasse a violência. Não quer dizer deixar de falar o que achou, no caso dos conflitos existentes. Mas é falar com respeito e tratar as pessoas com respeito. (MANSIDÃO, r.o.a.s. – 24/05/2022)

Desta maneira, torna-se importante uma educação dialógica. Sabendo o quanto a violência está presente na nossa sociedade, é importante as atividades sejam desenvolvidas de forma a romper com esse ciclo, com o silenciamento das crianças, com o autoritarismo, pois a Educação para a Paz não dá espaço para uma educação autoritária; é preciso uma abertura para o diálogo, de tal maneira que as crianças sejam ouvidas. A participante Honestidade acrescenta, “Eu acho que esse vídeo é super necessário e todas as pessoas deveriam assistir, pois, tudo se resolve no diálogo, nenhum tipo de violência resolve absolutamente nada.” (HONESTIDADE, r.o.a.s. – 24/05/2022).

Para finalizar a oficina foi exibido o vídeo “Roupa Nova – A Paz (Heal The World)” (ROUPA NOVA, 2015) e os participantes realizaram a análise do encontro com os seguintes critérios: eu felicito, eu critico e eu proponho. Conforme expresso a seguir (Quadro 12):

Quadro 12 - Avaliação da aula 1 (r.e.a. – 24/05/2022)

AVALIAÇÃO DA AULA 1		
EU FELICITO:	EU CRITICO:	EU PROPONHO:
<i>O encaminhamento da apresentação da temática central. Agora facilitou na compreensão.</i>	<i>Não tenho o que criticar.</i>	<i>Não tenho o que propor. aguardo o próximo encontro.</i>
<i>Pela dinâmica da oficina, pelos exemplos citados e pelo enriquecimento que a oficina trouxe.</i>	-----	-----

<i>Uma Live super importante, achei super necessária, pois fala sobre coisas que são do dia a dia, que muitas pessoas pensam que não é violência e é, a violência tem que ser exterminada, então é super importante que todos tenham consentimento disso</i>	-----	<i>Eu proponho uma atividade, de como iremos trabalhar a educação da paz para os nossos alunos.</i>
<i>Muito esclarecedor</i>	<i>Sem criticas</i>	
<i>A todos os envolvidos com todas as contribuições e didática de toda a oficina.</i>	<i>A falta de habilidade (minha também) para o acesso a plataforma.</i>	<i>Um grupo fixo no WhatsApp para q possamos ao longo do ano trocar materiais e experiências sobre o tema</i>
<i>A ideia do curso em si: nunca pensei nessa temática na Educação Infantil.</i>	<i>O funcionamento da plataforma.</i>	<i>Recomendações de livros e recursos lúdicos voltados para a temática da Paz.</i>
<i>Pela oficina apresentada. Foi ótimo a troca de ideias com os colegas, aprofundar e rever alguns conceitos para pensar a cultura da paz.</i>	<i>Nada a criticar, pois foi um espaço de diálogo e trocas.</i>	-----
<i>A temática tão importante na educação infantil.</i>	<i>Apenas a dificuldade em acessar a aula, mas com o grupo de WhatsApp conseguimos.</i>	<i>Na temática voltada na violência das comunidades e as escolas de Educação Infantil.</i>
<i>O ensinamento de como lidar com os alunos em sala de aula, aprender a sempre ouvir o que eles têm pra falar para nós.</i>	<i>O modo em que as famílias estão transferindo o papel de pais para as escolas.</i>	<i>Mais conhecimentos de como lidar com crianças especiais que são agressivas em sala de aula.</i>
<i>A proposta do curso.</i>	<i>A dificuldade de conexão virtual</i>	<i>Aulas gravadas.</i>
<i>A discussão, pois no cenário atual que vivemos precisamos refletir mais sobre o tema.</i>	<i>Não tenho nada a criticar.</i>	<i>Ficar salvo o encontro para vermos novamente. Não lembro se ficará disponível para nós. Pois a conexão estava ruim e não consegui ver tudo.</i>
<i>Pelos vídeos</i>	<i>Tempo</i>	<i>Mais discussão sobre os textos</i>
<i>Gostei muito da prática do dia e dos assuntos abordados</i>	<i>Eu não crítico nada.</i>	<i>Mais materiais de apoio.</i>
<i>Os conceitos: conflito, violência e paz.</i>	<i>Não ter contribuído tanto com essa aula</i>	<i>Mais contribuições.</i>

Fonte: Dados da pesquisa, extraídos da avaliação realizada pelo *Google Forms* (Apêndice C), 2022.

Este encontro contou com a participação de 14 (catorze) docentes, que felicitaram a importância da oficina e da temática apresentada para o contexto social atual (2022) e para o exercício da prática em sala de aula, também destacaram a dinâmica do curso através das trocas de ideias e uso de recursos como vídeos. A maioria das críticas foi em relação à dificuldade de acesso à plataforma. Mas esse problema foi solucionado no grupo “EDUCAPAZ” no *WhatsApp*. As propostas foram acatadas no decorrer do curso, como: propostas de atividades para trabalhar com os alunos, gravação das aulas e sugestões de materiais de apoio.

Este instrumento avaliativo crítico é de suma importância, pois conforme afirma Paulo Freire: “Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o

da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 2006, p.39).

Nesse sentido, sua utilização foi pensada para que a dinâmica das oficinas pedagógicas pudesse contribuir o máximo possível para a formação docente sobre a temática ministrada, e também, que elas fossem um espaço de troca, diálogo, não hierarquização e de valorização dos saberes dos participantes.

No segundo encontro síncrono, realizou-se uma revisão dos assuntos abordados na aula 1, devido à inclusão de novos participantes. Em seguida, partiu-se para a proposta do dia. Adiante, consta uma síntese da aula (Quadro 13).

Quadro 13 - Síntese da aula 2

AULA 2: EDUCAÇÃO PARA A PAZ NA ESCOLA: PERCEPÇÕES E CONCEITOS	
Objetivos Específicos	Conceituar a temática da Educação para a Paz
Conteúdo Programático	A Educação para a Paz e a lei n.º 13.663/2018
Breve descrição dos procedimentos	Abordou-se a importância de romper com o ciclo de violência, tendo como ponto de partida, para iniciar a discussão, uma imagem divulgada em diversas redes sociais, tais como a de Lopes (2021). Foram analisadas as percepções dos participantes sobre os conceitos de paz, conflito. Em seguida, apresentaram-se documentos legais (inter)nacionais que foram fundamentais para a promulgação da lei n.º 13.663/2018. Foi feita a diferenciação de Cultura de Paz e Educação para a Paz. Posteriormente, foi exibido o vídeo: Cultura de paz nas escolas detalhado por especialista em educação (Dra. Ana Maria Colla – Doutora em Educação – PUC/RS), disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vtp0R3-GA3I&t=54s (TV CACHOEIRA NOVO TEMPO, 2018). Tendo por base os artigos sugeridos no Moodle, a saber: Cultura de Paz nas escolas: por uma Educação para a Paz com fundamentos Pedagógicos - (LEMES; FILHO; SALES, 2017) e, Paz e Educação Infantil: um olhar e uma escuta sensível no ambiente educativo - (MARQUES, 2013). Iniciou-se um debate sobre as possibilidades de promover uma Educação para a Paz nas escolas. Foram apresentadas duas propostas de práticas pedagógicas de EP desenvolvidas pela formadora. A aula finalizou com a leitura do poema “A Escola”, de Paulo Freire - (DAYVISSON SOUZA, 2012)
Avaliação	Avaliação da aula – EU FELICITO, EU CRITICO E EU PROPONHO.
Recursos	Ambiente Virtual de Aprendizagem <i>Moodle</i> – Apresentação no <i>Power Point</i> – Vídeos do <i>YouTube</i> – Artigo.

Fonte: A autora, 2022.

Por meio da imagem introdutória foi possível oportunizar um momento de reflexão sobre a necessidade de romper com ciclos de violência. Ao analisar as percepções dos participantes sobre os conceitos de Paz (Apêndice B), foi possível observar que para a maioria, a paz era vista como um sentimento bom, condição em que todos estão satisfeitos e bem com

os demais, sentimento de tranquilidade, ausência de conflitos, ausência de violência, equilíbrio, sentimento harmonioso, calma e serenidade.

Porém, com base nas reflexões já realizadas, perguntou-se aos participantes: *qual dessas respostas se aproxima mais do que temos abordado sobre a temática da Educação para a Paz?* Algumas das respostas estão a seguir: *“Conseguir ficar em harmonia com seus grupos, mesmo que possuam pensamentos diferentes, mas que seja possível um debate respeitoso que gere trocas positivas.”* (BONDADE, r.o.a.s. – 31/05/2022), *“A paz é a maneira como lidamos com os conflitos.”* (RESPEITO, r.o.a.s. – 31/05/2022).

Nesse sentido, percebe-se que alguns docentes começaram a mudar de perspectiva sobre o conceito Paz, pois ela não é ausência de conflito, e sim “ausência de violência” conforme Galtung (1985, apud Jares, 2002, p.124). Sobre os conflitos, os participantes contribuíram com as seguintes reflexões: *“Os conflitos são importantes e constantes. O ponto é como resolvê-lo. O modo de tratamento.”* (PACIÊNCIA, r.o.a.s. – 31/05/2022), *“Devemos olhar como algo pedagógico. É a maneira que trato eles, é o modo de tratamento. E eles são importantes e são constantes.”* (BONDADE, r.o.a.s. – 31/05/2022).

Nesse sentido, com o intuito de promover uma Educação para a Paz é necessário que o docente olhe para a criança e para os conflitos de outra forma. Se ele é pedagógico, o docente deve ponderar: Se a criança fez algo de errado, vou simplesmente puni-la, retirá-la de sala, levar à direção, algo que ocorre em muitas escolas, ou posso pensar no que a criança pode aprender por meio dele, qual valor precisa ser ensinado?

Nesse mesmo viés, também há a prática do cantinho do pensamento em algumas escolas. Será que as crianças que vão para o cantinho estão, realmente, pensando em suas atitudes, em como mudá-las ou estão pensando: que professora ruim, não gosto dessa escola, não virei amanhã? Uma das participantes destacou que essa prática *“É uma reprodução do ciclo (violência)”* (PACIÊNCIA, r.o.a.s. – 31/05/2022). Uma das soluções propostas por uma das participantes foi *“Realizar o enfoque na causa e na consequência e construir com a criança as outras possibilidades positivas para remodelar estas posturas.”* (BONDADE, r.o.a.s. – 31/05/2022).

Após as reflexões sobre os conceitos de paz e conflito, passou-se a apresentação dos documentos legais internacionais e nacionais que foram fundamentais para a promulgação da lei n.º 13.663/2018. Também foi feita a diferenciação entre Cultura de Paz e Educação para a Paz, conforme expresso no capítulo 2 desse trabalho. Também foram apresentados os principais pontos destacados no Manifesto 2000 e a importância de colocar esses valores em prática. Com

base no primeiro ponto do Manifesto, “Respeitar a vida”, os participantes foram convidados a fazer sugestões sobre como este tema poderia ser inserido ao currículo.

Eu penso assim, respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem preconceito, seria respeitar a diversidade [...] quando a gente tem um aluno incluído, a gente acaba pensando dessa forma, o professor deve passar para os alunos a importância de demonstrarem afetividade e saber respeitar o momento daquela criança, que ele tem uma necessidade e outros não. Conversar de maneira clara e sucinta de tal forma que eles possam entender, falar da inclusão das diferenças. A gente já trata nas salas de educação infantil que cada criança é singular, ou seja, cada criança tem suas características diferentes. Então, talvez eu trataria dessa forma. (RESPEITO, r.o.a.s. – 31/05/2022)

Outra participante acrescentou que a temática poderia ser abordada por meio de assuntos como: *“tolerância de gênero, religiosa, social, econômica, étnica, cultural, trabalhar o respeito, na verdade.”* (BONDADE, r.o.a.s. – 31/05/2022). Ao se tratar sobre o respeito na Educação Infantil, todas as formas de vida (plantas, animais, seres humanos) podem ser levadas em consideração. A participante Mansidão sugeriu *“Trabalhar identidade, abordando as diferenças e o respeito... Ninguém é igual a ninguém.”* (MANSIDÃO, r.o.a.s. – 31/05/2022).

Ao se abordar a importância da Educação para a Paz em meio a uma cultura marcada pela violência, para oportunizar uma reflexão crítica, os participantes foram indagados se o ensino da EP pode acabar com a violência. Alguns participantes expressaram o seguinte: *“Bom, eu acho que acabar não. Porém, é um início, um passo dado, para aos poucos amenizar a violência.”* (HONESTIDADE, r.o.a.s. – 31/05/2022), *“Começando hoje, amanhã pode ser bem diferente. Quando mudamos o nosso comportamento, muda-se tudo!”* (COOPERAÇÃO, r.o.a.s. – 31/05/2022). Analisando as respostas, percebe-se como é importante dar os primeiros passos.

Outra percepção obtida pelas participantes foi que uma cultura de paz vai muito além de apenas melhorar as atitudes pessoais, requer melhorias estruturais, como segue: *“A cultura de paz traria um rompimento na cultura de violência. Mas, quando falamos sobre problemas estruturais, eu acredito que apenas políticas públicas conseguem trazer total rompimento.”* (FELICIDADE, r.o.a.s. – 31/05/2022), *“E políticas públicas depende das personalidades públicas que elegemos. Por isso mencionei nossa atual presidência. Educação também é política e quem elegemos é um espelho do momento que vivemos e influencia as ações e processos.”* (PACIÊNCIA, r.o.a.s. – 31/05/2022).

Em consonância com as opiniões anteriores, observa-se que o desenvolvimento de um trabalho visando a promoção de uma cultura de paz, se estende desde a esfera pessoal até as ações por parte dos órgãos governamentais, que devem implementar políticas públicas voltadas

tanto para a educação, quanto para a garantia de outros direitos essenciais; de tal maneira que amenize as desigualdades sociais e a violência estrutural, que é um caminho para a violência direta.

Salles Filho (2019) define a violência estrutural da seguinte maneira: “A violência estrutural é marcada por desigualdade social, injustiças, pobreza, repressão, violação de direitos e tudo o que fragiliza pessoas, grupos e nações. Tal fragilidade em si é violência, além de desdobrar-se em muitas violências diretas.” (SALLES FILHO, 2019, p.208).

Após essas reflexões, foi exibido um vídeo intitulado “Cultura de Paz nas escolas detalhado por especialistas da Educação”, disponível no YouTube. Uma entrevista que contou com a participação da professora Dra. Anamaria Lopes Colla, pesquisadora do Grupo de Estudos da Paz - GEPAZ, do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O vídeo aborda sobre as maneiras de disseminar a cultura de Paz nas escolas e traz considerações importantes sobre como resolver conflitos, como mostra parte da entrevista transcrita:

[...] não só no Brasil, em todo o planeta nós sabemos que a situação ela é preocupante. **Entrevistador:** Quando a gente olha para uma sociedade em que já desenvolve a cultura da disputa, da competição, do pensar em si, isso está ligado a fator econômico, isso está ligado a desestrutura familiar, ou, realmente, as pessoas caminham para uma dessensibilização que deixou a sociedade num ponto como está? **Entrevistada:** Há um material do Capra que fala que nós estamos assim em uma fase de crise total. Crise cultural, crise econômica, crise política, crise familiar em todos os sentidos. E neste momento, nós temos dois significados: é um perigo ou é uma oportunidade, e nós apostamos que é uma oportunidade para sensibilizar as pessoas que elas têm poder interior para reagir, que elas podem reagir e para isso envolve ressignificar alguns conceitos que a gente pensa de uma maneira e hoje se pensa de outra maneira. Por exemplo, queres um exemplo? O conceito de conflito. O conceito de conflito sempre é visto como algo pesado, brigas, desavenças e desentendimentos. Mas, na teoria da paz, conflito faz parte normal da natureza humana. O que não é normal é resolver o conflito com violência. Então, o modelo de Educação para a paz trataria de trabalhar com a mediação de conflitos, para que não haja violência e também para desenvolver a razão argumentativa e também para desenvolver mediadores de conflito. A Nova Zelândia, treinou na década de 50 todos os alunos das escolas para serem mediadores de conflito. **Entrevistador:** Esse assunto envolve não apenas os alunos, mas professores e funcionários dos grupos escolares também. **Entrevistada:** Exatamente! Porque, a Educação para Paz, para uma Cultura de Paz, envolve relações de poder horizontais. Essa relação hierárquica, de cima para baixo, é de outro modelo de sociedade e educar para a paz não convive com esse modelo que nós temos, são antagônicos. É a necessidade de uma nova visão e de um novo modelo de vida, um modelo novo de pensar, de sentir e de agir. (TV CACHOEIRA NOVO TEMPO, 2018, grifo nosso).

Por fim, foram apresentados dois exemplos de práticas pedagógicas e encerrou com a leitura do poema “A escola”. Diante do exposto, segue o resultado da avaliação da oficina do dia (Quadro 14):

Quadro 14 - Avaliação da aula 2 (r.e.a. – 31/05/2022)

AVALIAÇÃO – AULA 2		
EU FELICITO	EU CRITICO	EU PROPONHO
<i>Materiais proporcionados.</i>	<i>Nada a criticar</i>	<i>Nada a propor</i>
<i>O desencadear da trajetória significativa do curso.</i>	<i>Não há críticas.</i>	<i>Não há proposições.</i>
<i>A existência deste curso.</i>	<i>Negativamente não mencionar sobre o campo e cenário político em ano eleitoral</i>	<i>A permanente continuidade do trabalho desta temática.</i>
<i>Essa foi minha primeira aula e me fez ver as coisas com outros olhos. Aprendi bastante, e sinto inspirada para minhas próximas aulas!</i>	<i>Nenhuma crítica.</i>	<i>Nenhuma proposta.</i>
<i>O curso em si é bastante significativo, na aula de hoje pude ressignificar e repensar as minhas práticas pedagógicas, para que a partir de agora tenha muito mais intenção de Educar para a Paz. Sobre a resolução de conflitos, valorizar cada vez mais o diálogo e o protagonismo da criança nesse processo. A aula foi muito proveitosa e nos traz esperança na Educação.</i>	<i>Sem críticas.</i>	<i>Sem mais sugestões. Está ótimo dessa maneira.</i>
<i>Eu felicito a ótima aula, com explicações maravilhosas e ótimo diálogo, vídeos e textos. Educação para a paz é muito importante e está sendo muito transparente e explicativo.</i>	<i>Não tenho críticas.</i>	<i>Não proponho nada, pois está tudo muito bom.</i>
<i>O conteúdo, seu carisma.</i>	<i>Parte técnica, o áudio.</i>	<i>Uma música.</i>
<i>Pela dinâmica do curso, pela experiência e por esse momento de muito conhecimento e aprendizado.</i>	<i>Nada.</i>	<i>Que tenhamos mais formações como essa.</i>
<i>Por explicar tão bem e de forma leve o tema.</i>	<i>Não tenho críticas.</i>	<i>Não tenho nada para propor, tudo foi bem esclarecedor.</i>
<i>Adorei a aula.</i>	<i>Nada a criticar.</i>	<i>No momento nada.</i>
<i>A proposta do curso</i>	<i>As falhas no sistema de inclusão de alunos.</i>	<i>Correção dos problemas dos alunos para a execução do curso.</i>
<i>A dinâmica</i>	<i>Não há críticas</i>	<i>Mais aulas</i>
<i>As propostas foram concretizadas com louvor. Adorei as sugestões das atividades feitas na turma da professora. As do livro Nhac foram muito sugestivas...tentarei fazê-las em minha turma.</i>	<i>Nada a declarar - eu somente tive dificuldade de entrar no chat por falta de conhecimento meu apenas. Kkkkk (risos)</i>	<i>Que mantenha essa linha de curso.</i>
<i>Pela coragem de abordar o tema.</i>	<i>Os problemas da plataforma.</i>	<i>O envio do material e link pelo grupo do Whatsapp com antecedência.</i>
<i>A dinâmica apresentada e o poema.</i>	<i>Não ter conseguido ouvir e nem ver você, infelizmente.</i>	<i>Que eu consiga assistir a aula completamente na próxima terça.</i>
<i>Gostei muito da aula, por repensar alguns conceitos que eu já colocava em prática, mas não percebi ser a educação pela paz.</i>	<i>Não tenho críticas quanto a aula de hoje.</i>	<i>Nada a declarar</i>

<i>Pela empatia com o próximo.</i>	<i>À falta de empatia, amor e compreensão (das pessoas)</i>	<i>Mais atividades que desenvolvam um senso crítico nas pessoas.</i>
<i>A pontualidade sobre as famílias, sobre a visão de que nossas crianças já estão crescendo com a imaginação a violência.</i>	<i>As fáceis apresentações de violência aos nossos alunos, são as armas... Os alunos desde pequenos já brincam com jogos de montar, fazendo armas e representando como se tivessem atirando.</i>	<i>Que junto com as famílias abriremos os nossos olhos para uma nova formação das crianças, que escola e família trabalhem unidos sem críticas, escola crítica família, família crítica escola.</i>
<i>A aula foi maravilhosa! A parte que mais gostei foram as sugestões de atividades que podemos colocar em prática na sala de aula. Ajudou-me a ter uma visão diferente sobre a cultura de paz. Fiquei encantada!</i>	<i>Não há críticas</i>	<i>Apenas continuar com as dicas ao final da aula.</i>
<i>Os textos de apoio na plataforma.</i>	<i>A qualidade da internet da professora, estava travando muito.</i>	<i>Acesso à plataforma durante algum tempo após terminar o curso.</i>

Fonte: Dados da pesquisa, extraídos da avaliação realizada pelo *Google Forms* (Apêndice C), 2022.

Nesta aula, contou-se com a participação de 20 (vinte) docentes, os mesmos felicitaram a dinâmica da aula e os conceitos abordados, alguns docentes afirmaram que já houve uma mudança de perspectiva sobre a abordagem da temática, muitos agradeceram pelas sugestões de atividades.

No que diz respeito às críticas, foi mencionado negativamente o fato da formadora não citar o contexto político em ano eleitoral. Neste sentido, acrescenta-se que não houve menção específica a partidos ou à eleição presidencial, mas incluiu-se na pauta a importância de políticas públicas eficientes de combate às desigualdades sociais, que ocasionam fome, desemprego, miséria, opressão e outras formas de violência estruturada.

Outras críticas foram no sentido de dificuldade de acesso à plataforma, principalmente, por parte dos novos participantes, deficiência na rede e falta de inclusão de alunos, esta última foi comunicada à secretaria de extensão e o problema de *login* foi solucionado. As propostas postas em pauta foram acatadas.

No terceiro encontro, houve reflexão sobre os valores agregadores e desagregadores da convivência. No Quadro 15 apresenta-se uma síntese da aula.

Quadro 15 - Síntese da aula 3

AULA 3: VALORES/FATORES AGREGADORES E DESAGREGADORES DA CONVIVÊNCIA	
Objetivos Específicos	Refletir sobre os valores agregadores e desagregadores da convivência; Elencar os que serão trabalhados; Levantar temáticas e apresentar algumas práticas pedagógicas.
Conteúdo Programático	Os valores agregadores e desagregadores da convivência;
	De início, foi exibido o vídeo: A importância de cada um no grupo e o respeito, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vb-

Breve descrição dos procedimentos	3NdH75d0&t=1s . (HELEM OLIVEIRA, 2017). Em seguida, os participantes foram convidados a falar sobre suas percepções sobre o vídeo, tendo como referência a relação entre convivência e conflitos. Passou-se a reflexão sobre os conteúdos que devem ser abordados para uma boa convivência, tendo por base o livro <i>Pedagogia da Convivência</i> de Xesús Jares (2008). Apresentou-se uma proposta de atividade envolvendo os elementos da Pedagogia da Convivência.
Avaliação	Avaliação da aula – EU FELICITO, EU CRITICO E EU PROPONHO.
Recursos	Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle – Apresentação no Power Point – Vídeos do YouTube – Livro: Pedagogia da Convivência. JARES, Xesús Rodrigues. Pedagogia da Convivência . São Paulo: Palas Athenas, 2008.

Fonte: A autora, 2022.

A partir do vídeo introdutório “A importância de cada um no grupo” (HELEM OLIVEIRA, 2017), foi solicitado aos participantes que o comentassem, tendo como critério a relação entre convivência e conflitos. A participante Perseverança fez a seguinte relação: *“Uns animais eram mais compreensíveis, abertos a conversar, outros não. Com isso, gerava um embate sem resolução. Quando estamos abertos a ouvir o próximo, mais fácil fica para solucionarmos os problemas.”* (PERSEVERANÇA, r.o.a.s. - 07/06/2022).

Na ótica da participante Bondade: *“Um grupo é formado por pessoas de personalidades diversas e o respeito é fundamental até nas divergências. O diálogo, a compreensão, a cumplicidade, a empatia favorecem nas mediações destes conflitos.”* (BONDADE, r.o.a.s.- 07/06/2022).

Nesse viés, as participantes enfatizaram a importância do diálogo, da escuta, e dos valores humanos para a resolução de conflitos. Conforme destacou outra participante, *“Saber ouvir é essencial para trabalhar em grupo.”* (SIMPLICIDADE, r.o.a.s. – 07/06/2022).

Por meio de uma imagem, que representa uma professora gritando com um estudante, os participantes foram questionados se já haviam se visto em tal situação ou se já haviam passado por aquilo. O intuito de apresentar essa imagem foi estimular a reflexão sobre os fatores que podem ou não contribuir para a convivência escolar, e buscar mudança de atitudes caso essas não sejam favoráveis a um ambiente escolar pacífico.

Muitos relataram que já estiveram no papel do estudante. Uma das participantes comentou que estudou com *“professores que achavam que gritar gerava ‘calmaria’ em turma.”* (BONDADE, r.o.a.s – 07/06/2022). Infelizmente, alguns docentes, atualmente, ainda apresentam o pensamento de que gritar é sinônimo de manter a turma comportada e, há uma percepção de que alunos que ficam em silêncio são os bons alunos.

Nessa aula, lembrando os tempos de escola, foram muitos os relatos sobre professores que agiam com violência com a turma, como segue: *“Tive uma professora que socava o*

armário de alumínio da sala e fazia um estrondo. Até hoje me assusto se escutar um barulho parecido...”. (AMOR, r.o.a.s.-07/06/2022); “Eu passei por isso em grupo de escola: a professora humilhava todas nós que fazíamos o Curso Normal (Formação de Professores), dizendo que: ‘não passaríamos de atendentes de loja, após formadas.’, ‘Normalista era um grupo de limitadas e não tinha futuro’.” (SOLIDARIEDADE, r.o.a.s.-07/06/2022).

Em relação ao segundo comentário, era necessária uma demonstração do valor humildade, por parte da docente. Além do mais, todos devem ser tratados com respeito e dignidade. Para Freire,

[...] a humildade que nos adverte dos riscos de ultrapassagem dos limites além dos quais a nossa autovalia necessária vira arrogância e desrespeito aos demais [...]. A humildade exprime, pelo contrário, uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém. (FREIRE, 2006, p. 121)

De acordo com Jares (2008) quando se realiza algo que é contra os valores e conteúdos que contribuem para a convivência, torna-se os fatores desagregadores da convivência. Dentre eles, pode-se mencionar a desumanização do outro e diversas formas de violência.

Portanto, é importante que o docente, constantemente, reflita sobre suas atitudes, como afirmou uma das participantes: *“É um movimento constante de autoavaliação, desconstrução, pensamento crítico e reconstrução.” (BONDADE, r.o.a.s – 07/06/2022).* Para Freire (2006, p. 39) “O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.”

Se um professor pretende propagar a Educação para a Paz, precisa de tal modo demonstrar não só teoricamente, mas também por meio de suas atitudes. Essa foi uma das reflexões que o curso se propôs a promover, e foi concretizada conforme pode-se observar no comentário realizado pela participante Amor: *“[...], as políticas públicas podem não mudar, mas o nosso comportamento precisa ser diferente para que a gente não transmita a violência que a gente sofre.” (AMOR, r.o.a.s.-07/06/2022)*

A participante Igualdade, relatou o seguinte:

O que eu acho mais interessante no curso é rever as nossas atitudes. Porque, a gente acaba reproduzindo essa cultura, essa violência direta, porque fizeram com a gente e a gente acaba reproduzindo sem nem perceber que a gente está reproduzindo. [...] O que mais me chamou atenção no curso é que a gente vai conversando e a gente vai trocando e a gente vai vendo o quanto já foram violentos com a gente e o como a gente tem que se vigiar para não reproduzir. Porque, às vezes, a gente sofreu as violências... eu, por exemplo, eu sou dislexia, então eu tive muita dificuldade na minha aprendizagem e eu ouvia muitos gritos: “Lê burra”, “Como você não consegue?”. E assim, isso me marcou muito e eu, simplesmente, não quero que o meu aluno passe pelo o que passei, mas sou eu. É a minha vivência, a minha experiência,

eu não posso querer que todos tenham a mesma vivência e experiência que tive. Então, é preciso vigiar muito, porque é muito estrutural e a gente vai passando pelo sistema e o sistema vai tentando moldar a gente, colocar a gente dentro da caixinha e dizer: não é assim, tem que ser assim .. é uma luta, uma questão diária com a gente mesmo. O curso é importante, porque o curso vai trazendo à tona questão que para gente, às vezes, passa despercebido no dia a dia [...]. (IGUALDADE, r.o.a.s. – 07/06/2022)

Esses relatos mostram a necessidade de uma educação mais humanizada em todas as etapas de ensino, da Educação Infantil ao Ensino Superior. Como afirma Freire, “[...] quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, [...]”. (FREIRE, 2006, p. 39)

Por fim, foi apresentada uma proposta de atividade envolvendo os elementos da Pedagogia da Convivência (JARES, 2008) e foi solicitado aos docentes, que refletissem sobre os valores a trabalhar em suas turmas de acordo com os conflitos que ocorrem nela. Dessa forma, levantaram-se as temáticas e prosseguiu-se com a avaliação da oficina do dia. O Quadro 16 apresenta os resultados das avaliações realizadas pelos participantes.

Quadro 16 - Avaliação da aula 3 (r.e.a. – 07/06/2022)

AVALIAÇÃO – AULA 3		
EU FELICITO:	EU CRITICO:	EU PROPONHO:
<i>Ser bondoso</i>	<i>Hipocrisia</i>	<i>Mais Amor</i>
<i>A proposta da atividade prática</i>	<i>A conexão</i>	<i>Continuação de um projeto mais longo para debate do tema.</i>
<i>As trocas de experiências</i>	<i>O tempo que se torna curto. Pois queria anotar mais.</i>	<i>Mais trocas pedagógicas.</i>
<i>As sequências dos encontros foram muito significativas.</i>	<i>Critico positivamente, que estas sequências não podem encerrar kkk (risos)</i>	<i>Que tenham outros encontros além do fim do curso para seguirmos construindo juntos. Lives, sei lá.</i>
<i>A participação da turma</i>	<i>A conexão que não colaborou hoje</i>	<i>Que o plano possa ser aberto. Tanto "alfabetário" quanto conflito.</i>
<i>A proposta para fazermos um plano de aula para a próxima aula.</i>	<i>Nada a criticar.</i>	<i>Uma internet melhor.</i>
<i>Aula muito dinâmica</i>	<i>A internet</i>	<i>Outro curso sobre educação inclusiva</i>
<i>Eu felicito que a paz seja alcançada em todas as escolas.</i>	<i>Eu crítico as políticas públicas desse país.</i>	<i>Eu proponho o respeito e a paz entre todos nós comunidade escolar.</i>
<i>A troca de experiências</i>	<i>Quando está ficando melhor, aí acaba...kkkk (risos)</i>	<i>Que tenham mais encontros desse molde para aumentarmos a possibilidade de exploração desse tema. Pelo menos periodicamente.</i>
<i>Sobre como dialogar e saber mediar os conflitos</i>	<i>Nada a criticar</i>	<i>Nada a propor</i>

<i>Ótima aula, como as outras, cada dia gostando mais de cada aula.</i>	<i>Nenhuma</i>	<i>Não tenho nenhuma proposta</i>
<i>Apreendi muito sobre a importância do diálogo, empatia e respeito. O vídeo me fez refletir muito sobre minhas ações. O curso num todo tem me feito reavaliar alguns pensamentos e ações, me fazendo enxergar as coisas com outros olhos.</i>	<i>Nenhuma crítica.</i>	<i>Nenhuma proposta.</i>
<i>As discussões trazidas por todo o grupo sobre a educação.</i>	<i>Nada.</i>	<i>Maiores explicações sobre a atividade final</i>
<i>A aula inteira é excelente, a interação é maravilhosa. Felicito a dinâmica da professora que faz toda diferença.</i>	<i>Não possuo críticas</i>	<i>Uma aula com mais duração!</i>
<i>A vida</i>	<i>A violência</i>	<i>Paz</i>
<i>A forma clara como o tema é abordado.</i>	<i>A plataforma utilizada para os encontros</i>	<i>Que seja utilizado o YouTube para os encontros</i>
<i>Amei aula!!! Adoro as trocas que temos e principalmente pelos relatos que nos proporcionam uma aprendizagem. O que mais me marcou nessa aula foi perceber como o sistema é cruel e violento de diversas formas, mas não podemos deixar de fazer a diferença. É preciso na prática e pequenas atitudes importam. Como uma fala mais afetuosa, lidar com uma escuta que realmente seja para acolher e ajudá-los, os discentes, a resolver a situação conflito. Mostrar para os nossos alunos que a nossa sala é lugar de paz.</i>	<i>Não há críticas.</i>	<i>Não há sugestões essa semana, pois achei a aula com muitas trocas e aprendizagem.</i>
<i>Gostei da aula de hoje, por ampliar meus conhecimentos quanto a superação dos fatores desagregadores da convivência. Em que o diálogo é uma das ações para mediar os conflitos.</i>	<i>Não tenho nada a criticar.</i>	<i>Nenhuma proposta.</i>
<i>A professora com a disponibilidade de propagar o ensino da educação de Paz</i>	<i>O horário poderia ser às 19h</i>	<i>Continuidade do curso</i>
<i>Pela simplicidade como foi tratado o tema, os comentários de todos e os ensinamentos que obtivemos durante a reunião de hoje. Felicito também a essa profissão incrível que somos proporcionados a ter e a fazer o melhor para os nossos pequenos.</i>	<i>O âmbito de como estão as famílias de hoje em dia. A escola, mais que nunca, virou um depósito e somos obrigados a educar os pequenos. De como a educação está falha.</i>	<i>Mais diálogo entre todos, família, escola e aluno.</i>
<i>Pela contribuição, pelos temas abordados e pela troca de experiências</i>	<i>Nada</i>	<i>Mais formações como essa.</i>
<i>Hoje pude refletir sobre a prática de sala de aula, onde muitas vezes sem perceber fortalecemos através de nossas atitudes a violência, não</i>	<i>A conexão que é sempre ruim</i>	<i>Outros cursos voltados a essa temática.</i>

<i>aquela de agride o corpo físico, mas que traz estragos irreparáveis tanto a vida emocional, quanto a social.</i>		
---	--	--

Fonte: Dados extraídos da pesquisa realizada no *Google Forms* (Apêndice C), 2022.

Nesta aula, contou-se com a participação de 22 (vinte) docentes, que felicitaram as propostas de atividades práticas, as trocas de experiências realizadas pela turma, que também proporcionam aprendizagem. Essas trocas foram pensadas, justamente, para desierarquizar os saberes.

Por meio da avaliação, os participantes puderam perceber o quanto algumas atitudes pessoais precisam ser mudadas e a importância de valores como diálogo, empatia e respeito.

No quarto encontro síncrono (Quadro 17), houve um momento de reflexão x ação, que expressa nossa metodologia de pesquisa-ação. Neste encontro, cada participante apresentou uma proposta prática de Educação para a Paz, abordando a resolução de conflito por meio de atividades que incluam o ensino dos valores humanos, voltada para uma turma da Educação Infantil, com base nas temáticas que surgem no contexto escolar e compartilharam com o coletivo.

Quadro 17 - Síntese da aula 4

AULA 4: APRESENTAÇÃO DAS PROPOSTAS	
Objetivos Específicos	Apresentar propostas de práticas pedagógicas de Educação para a Paz
Conteúdo Programático	Propostas de práticas pedagógicas para a promoção de uma Cultura de Paz nos estabelecimentos de ensino.
Breve descrição dos procedimentos	Esta aula foi a culminância das oficinas, os participantes apresentaram seus planos de aula com propostas de práticas pedagógicas para a promoção de uma Cultura de Paz nos estabelecimentos de ensino, tendo como foco a promoção de valores humanos.
Avaliação	Avaliação da aula – EU FELICITO, EU CRITICO E EU PROPONHO. Autoavaliação e avaliação do curso - Questionário 6
Recursos	Ambiente Virtual de Aprendizagem <i>Moodle</i> – Apresentação no <i>Power Point</i> – Vídeos do <i>YouTube</i> .

Fonte: A autora, 2022.

Os conhecimentos adquiridos no decorrer das oficinas foram fundamentais para a elaboração desses planos de aula, que estão incluídos no *E-book* intitulado: “Reflexões e práticas de Educação para a Paz na Educação Infantil”, que é resultado desta pesquisa. Seu objetivo é oportunizar um material pedagógico de apoio aos docentes para a realização de práticas pedagógicas em concordância com a lei n.º 13.663/2018.

Como de costume, ao término do encontro, deu-se continuidade à avaliação do dia (Quadro 18).

Quadro 18 - Avaliação da aula 4 (r.e.a. – 14/06/2022)

AVALIAÇÃO – AULA 4		
EU FELICITO:	EU CRITICO:	EU PROPONHO:
<i>A apresentação de trabalhos dos colegas.</i>	<i>Nada.</i>	<i>A continuação do curso.</i>
<i>A troca de saberes proporcionado pelo curso</i>	<i>A falta de aulas com temáticas voltadas para paz em algumas escolas</i>	<i>Dias letivos com mais paz</i>
<i>Os colegas de classe</i>	<i>Nada</i>	<i>Outro curso com a mesma temática</i>
<i>Eu amei as apresentações e trocas. É muito importante saber e observar como o olhar de todos mudaram depois do curso.</i>	<i>Não há críticas</i>	<i>Continue desse jeito, pois faz uma diferença e transforma pessoas.</i>
<i>A proposta do curso e a riqueza das trocas de experiências</i>	<i>Não tenho críticas</i>	<i>Extensão e /ou novo curso baseado na mesma temática, pois essa é muito presente na vida educacional.</i>
<i>Os exemplos dos planos das participantes</i>	<i>Não observei nada</i>	<i>Que seja possível a continuidade destas trocas.</i>
<i>Toda a trajetória do curso.</i>	<i>O curso ser curto, kkk.</i>	<i>Uma parte 2 do curso.</i>
<i>A paz</i>	<i>A violência</i>	<i>Ideia para trabalhar o tema na educação infantil</i>
<i>Toda troca de experiência</i>	<i>A plataforma utilizada</i>	<i>Usar YouTube</i>
<i>Pela linda proposta do tema e o desenvolvimento</i>	<i>Poderia ser mais dias na semana.</i>	<i>A parte do 2 do curso</i>
<i>O curso foi muito impactante e principalmente, reflexivo.</i>	<i>Tudo perfeito...só não soube entrar no debate por não visualizar o microfone para entrar com o meu áudio.</i>	<i>Que ofereçam mais cursos com o tema educação para a paz.</i>
<i>As trocas feitas hoje através dos planos de aula</i>	<i>A conexão da Internet</i>	<i>Mais cursos como esse!</i>
<i>Pela dinâmica, pela troca de experiências, pelo conteúdo abordado</i>	<i>Nada</i>	<i>Mais formações como essa.</i>
<i>A ótima apresentação da professora, o ótimo diálogo entre os alunos, a ótima aula.</i>	<i>Não tenho críticas</i>	<i>Não proponho nada</i>
<i>O curso inteiro foi muito valioso! Hoje a troca entre as colegas somou muito para a minha vivência como professora.</i>	<i>Nenhum ponto. Não há críticas.</i>	<i>Que o curso se torne uma pós graduação latu sensu. Conteúdo riquíssimo.</i>
<i>As ideias apresentadas que foram de grande ajuda para excelentes planos de aula a serem realizados.</i>	<i>O quanto é importante trabalhar os conflitos em sala de aula, mas as vezes somos impedidos por questões familiares. O que ensinamos na escola, eles distorcem em casa.</i>	<i>Grandes debates entre escolas e famílias, para que ambos trabalhem a mesma coisa.</i>
<i>A disponibilidade, empatia, conteúdo, alegria.</i>	<i>Critico só a internet</i>	<i>Novo curso (mediação escolar)</i>
<i>Amor ao próximo.</i>	<i>Deslealdade</i>	<i>Empatia</i>

<i>Todos os planos de aula.</i>	<i>A conexão</i>	<i>Mais cursos envolvendo a temática</i>
<i>Todos os planejamentos apresentados.</i>	<i>Nada a criticar.</i>	<i>Termos acesso aos planejamentos antes da publicação do ebook.</i>
<i>Dinâmica.</i>	<i>-----</i>	<i>Maior tempo de curso</i>

Fonte: Dados extraídos da pesquisa realizada no *Google Forms* (Apêndice C), 2022.

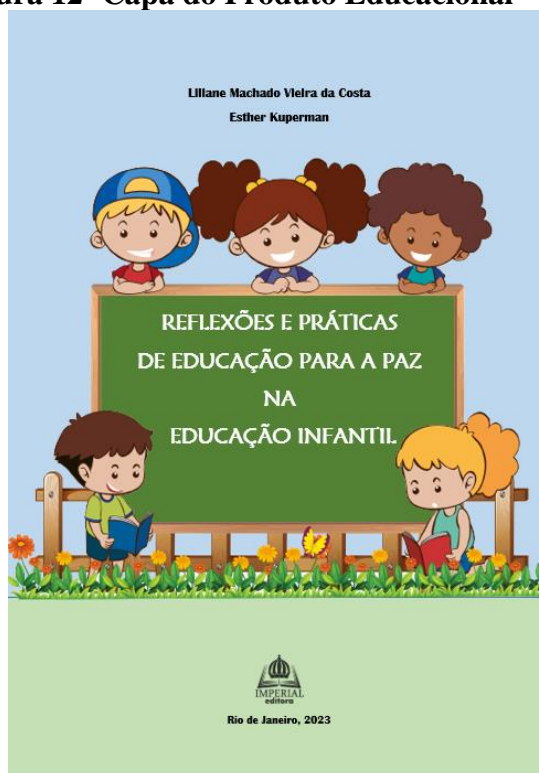
Um dos resultados obtidos, por meio dessas oficinas foi a elaboração de um *E-book*, que contribuirá para a formação de outros educadores. No próximo subtítulo é realizada uma breve apresentação do mesmo.

7.3 Resultado das oficinas: Produto Educacional

Uma das características de uma pesquisa no mestrado profissional em educação, refere-se ao fato de o pesquisador oferecer ao final um produto à sociedade. Desta forma, ela apresenta como uma de suas características, ser de natureza aplicada. Moreira (2004 apud SALLES, 2017) descreve as particularidades desse tipo de pesquisa:

[...] aplicada, descrevendo o desenvolvimento de processos ou produtos de natureza educacional, visando à melhoria do ensino na área específica, sugerindo-se fortemente que, em forma e conteúdo, este trabalho se constitua em material que possa ser utilizado por outros profissionais. (MOREIRA, 2004, p.134 apud SALLES, 2017, p. 67)

O produto educacional desenvolvido é intitulado: “Reflexões e práticas de Educação para a Paz na Educação Infantil” (Figura 12). Trata-se de um livro eletrônico que foi construído no decorrer deste estudo e servirá como material pedagógico de apoio aos docentes para o desenvolvimento de ações pedagógicas sob a perspectiva de uma Educação para a Paz, objetivando a promoção da Cultura de Paz, especificamente, na Educação Infantil.

Figura 12- Capa do Produto Educacional

Fonte: A autora, 2023.

Este material busca colaborar para a melhoria não apenas no ensino, mas também na sociedade, nas relações interpessoais e, também visa contribuir para a formação continuada docente e a construção de novos conhecimentos sobre a temática estudada; oferecendo dessa forma, uma contribuição profissional, acadêmica e social, por incentivar a promoção de valores que contribuam para estabelecer relações humanas mais pacíficas, em meio a um contexto social onde predomina o uso da violência para se resolver os conflitos que fazem parte da vida humana.

Após a realização de pesquisas bibliográficas para a construção deste trabalho, confirmou-se o que Rodrigues (2019) afirma, que as oportunidades de cursos, sobre a temática da Educação para a Paz, voltados para os docentes que atuam com a Educação Infantil, são bem recentes. Pensando nisso, foi proposto um curso de formação continuada na modalidade de oficinas pedagógicas para esse público.

Outro dado que reforça a importância profissional deste *e-book*, foi posto em evidência nesse capítulo que trata da análise dos dados e resultados. Ao realizar uma pesquisa diagnóstica inicial com os participantes das oficinas, verificou-se que 53,8% dos entrevistados afirmaram conhecer a existência da lei n.º 13.663/2018, mas 92,3% nunca haviam participado de formação

continuada sobre a temática e 57,7% afirmaram nunca ter desenvolvido uma proposta pedagógica de Educação para a Paz.

Nesse sentido, o produto foi construído aliando teoria e prática, com as sugestões das propostas pedagógicas elaboradas e aplicadas pelos docentes, após a instrumentalização teórica. Portanto, no primeiro capítulo deste *E-book* são apresentados conceitos e reflexões sobre a temática, visto que muitos docentes não a conhecem e visando a formação de outros docentes. As reflexões se apoiam em teóricos como: Salles Filho (2019), Guimarães (2011), Castro (2012), Freire (2006) e Jares (2002, 2007, 2008). Ressalta-se também a importância do papel do docente no desenvolvimento das práticas de Educação para a Paz, pois a teoria precisa ir ao encontro da prática. E ainda, a importância dos valores humanos.

Tendo ciência da carência de formação continuada sobre a temática, considerou-se importante apresentar no segundo capítulo do *E-book* uma síntese das oficinas pedagógicas realizadas, abordando-se a forma de organização e o desenvolvimento das mesmas. Por meio da síntese de cada aula realizada, o leitor terá acesso aos vídeos, artigos, indicações de livros e outros recursos que fizeram parte da formação. Dessa forma, será possível colaborar com a construção de novos conhecimentos sobre a temática. Neste capítulo também são apresentados alguns depoimentos dos participantes.

O terceiro capítulo do *E-book* traz o resultado das oficinas pedagógicas, que culminaram na apresentação de propostas práticas de Educação para a Paz, voltadas para o público da Educação Infantil, elaboradas pelos participantes. Nele são descritas 20 (vinte) sugestões práticas. Essa parte foi pensada, pois acredita-se que muitos não sabem o “como?” fazer.

Por outro lado, há alguns que já desenvolveram práticas de Educação para a Paz, não violência, mas não sabiam que estavam desenvolvendo algo sobre a temática. Nos planos de aula, os conflitos que ocorrem na convivência escolar dos participantes foram nomeados e, os docentes elaboraram seus planejamentos a partir deles. Essas ações apresentam atividades lúdicas diversificadas, como: cantigas, contação de história, jogos e outras.

A organização dos capítulos e nomenclatura das sugestões práticas, podem ser observadas na Figura 13, que apresenta a estrutura do sumário do produto educacional.

Figura 13 - Estrutura do Sumário do Produto Final

SUMÁRIO	
APRESENTAÇÃO	6
1. REFLEXÕES SOBRE A TEMÁTICA.....	7
2. SOBRE AS OFICINAS	10
2.1 Organização das oficinas	10
2.2 Desenvolvimento das oficinas.....	13
3. PROPOSTAS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL	18
ATIVIDADE 1 - A PAZ QUE HABITA EM NÓS.....	20
ATIVIDADE 2 - NA PLANTACÃO DE BOAS SEMENTES, COLHEMOS BONS FRUTOS	22
ATIVIDADE 3 - ENTENDO MINHAS EMOÇÕES	25
ATIVIDADE 4 - RESPEITO É BOM E TODO MUNDO GOSTA!	26
ATIVIDADE 5 - COMPARTILHAR, COOPERAR E COLABORAR	29
ATIVIDADE 6 - REGRAS DE CONVIVÊNCIA: PODE OU NÃO PODE!?	30
ATIVIDADE 7 - BRINQUEDO É DE TODOS!	31
ATIVIDADE 8 - MORDIDAS, NÃO!	33
ATIVIDADE 9 - EMPATIA PELO PRÓXIMO	35
ATIVIDADE 10 - IDENTIDADE	38
ATIVIDADE 11 - A ALEGRIA DO COMPARTILHAR	39
ATIVIDADE 12 - IGUALDADE E DIFERENÇA	41
ATIVIDADE 13 - COMO EU BRINCO?	42
ATIVIDADE 14 - QUERO DIVIDIR A MINHA ALEGRIA COM VOCE	43
ATIVIDADE 15 - A BUSCA PELA ROTINA DA PAZ	46
ATIVIDADE 16 - VALORES PARA UMA BOA CONVIVENCIA	48
ATIVIDADE 17 - RESPEITANDO MEUS COLEGAS	49
ATIVIDADE 18 - APRENDENDO A COMPARTILHAR	51
ATIVIDADE 19 - A IMPORTÂNCIA DO CUIDAR.....	53
ATIVIDADE 20 - INCLUSÃO E DIVERSIDADE	55
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS.....	61

Fonte: A autora, 2023.

Espera-se que este material contribua para a formação de outros docentes e para o desenvolvimento de práticas em concordância com a lei n.º 13.663/2018. Como este é apenas um guia, cada docente deve adaptar seu planejamento à sua realidade. Este produto educacional, na íntegra, poderá ser acessado por meio do site do Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II.

No último dia de encontro nas oficinas pedagógicas, os cursistas também responderam a uma autoavaliação, com o objetivo de identificar as contribuições do curso para a formação continuada docente, que serão detalhadas na próxima categoria.

7.4 Análise do questionário final

O objetivo geral deste trabalho é identificar e analisar as contribuições de oficinas pedagógicas (*on-line*), sob a perspectiva de uma Educação para a Paz, para a formação continuada de professores que atuam na Educação Infantil e para a promoção de uma Cultura

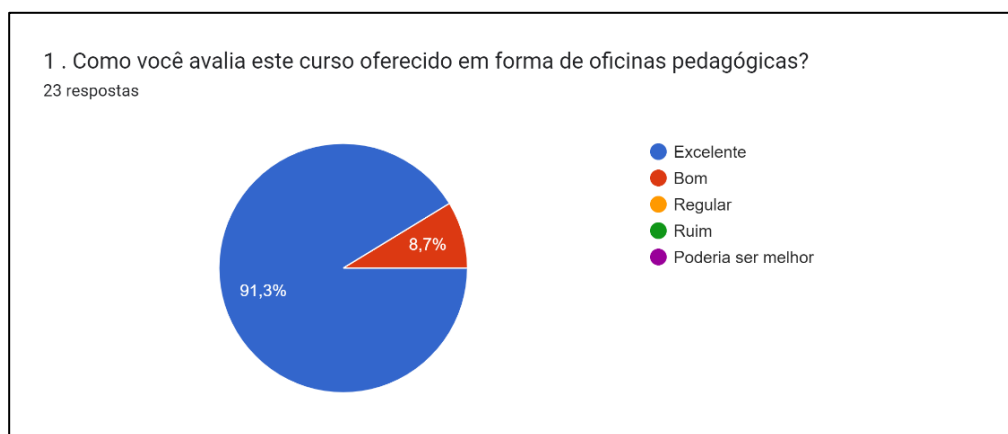
de Paz nos estabelecimentos de ensino. Nesse sentido, ao término de cada encontro síncrono do curso, foi proposto um questionário avaliativo com o objetivo de levantar as contribuições das oficinas pedagógicas para a formação continuada dos professores, bem como colher críticas e propostas para melhoria do curso, como foi relatado na categoria anterior.

Dessa forma, na próxima categoria, serão relatadas as contribuições do curso de forma geral. Esse levantamento foi realizado por meio de um questionário avaliativo, elaborado no *Google Forms*, com 14 (catorze) perguntas. Ele foi disponibilizado aos 23 (vinte e três) participantes que concluíram o curso. A seguir, apresenta-se a análise e os resultados do mesmo.

7.3.1 Categoria: Contribuições das oficinas Pedagógicas para a formação docente

A primeira pergunta realizada foi: *como você avalia este curso oferecido em forma de oficinas pedagógicas?* O resultado é motivador, pois a maioria dos participantes, ou seja, vinte e um (equivalente a 91,3%), avaliou o curso como excelente (Gráfico 8). Esses dados já foram confirmados nas felicitações, presentes nas avaliações semanais.

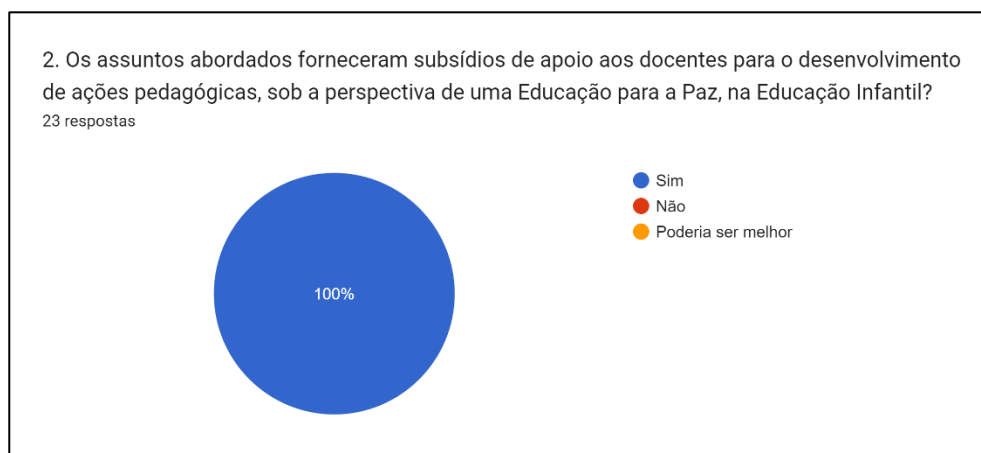
Gráfico 8 – Avaliação do Curso



Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

Em seguida, os participantes foram indagados sobre os assuntos abordados, se os mesmos forneceram subsídios para o desenvolvimento de ações pedagógicas destinadas à promoção de uma Educação para a Paz (Gráfico 9).

Gráfico 9 – Assuntos abordados no curso



Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

Diante do exposto, percebe-se que todos os participantes afirmaram que os assuntos forneceram apoio para a realização das práticas pedagógicas na etapa da Educação Infantil. A próxima pergunta foi: *de que maneira a participação nas oficinas pedagógicas contribuiu para sua formação docente?* Por se tratar de uma questão diretamente relacionada aos objetivos desta pesquisa, a resposta de cada um dos 23 (vinte e três) participantes que concluíram o curso, está apresentada no Quadro 19:

Quadro 19 – Contribuições para a formação docente

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
(AMOR, r.e.c.)	<i>O curso fez com que eu repensasse as minhas próprias atitudes.</i>
(AMIZADE, r.e.c.)	<i>Desenvolvendo formas de abordar o assunto do tema de maneira eficaz.</i>
(COOPERAÇÃO, r.e.c.)	<i>Me ajudou a refletir na minha prática.</i>
(HONESTIDADE, r.e.c.)	<i>Contribuiu para que eu repensasse em atitudes e poder melhorar para a formação dos meus docentes.</i>
(FELICIDADE, r.e.c.)	<i>Trouxe novos conceitos e temáticas. Despertou-me para repensar minhas práticas em sala de aula, visando a melhoria e aperfeiçoamento das mesmas.</i>
(SINCERIDADE, r.e.c.)	<i>Ampliou ainda mais os horizontes em relação à cultura de paz.</i>
(PERSEVERANÇA, r.e.c.)	<i>Me trazendo a reflexão do que realmente é Educação para paz. Do quanto, nós, professores, necessitamos estimular temáticas voltadas para este assunto.</i>
(EMPATIA, r.e.c.)	<i>Com novas referências bibliográficas.</i>
(BONDADE, r.e.c.)	<i>A teoria atrelada à prática sempre enriquece o processo de desenvolvimento pedagógico e as trocas de experiências contribuem ainda mais para a reafirmação destas práticas.</i>
(IGUALDADE, r.e.c.)	<i>Ajudou-me a ampliar meu olhar sobre as violências que vivemos, diariamente, mas que é possível fazer uma educação de paz. E como pequenas atitudes, já possuem grandes transformações. E mudou muito minha postura em sala de aula e, conseqüentemente, meus alunos.</i>
(RESPEITO, r.e.c.)	<i>Me ajudou na construção de novos saberes, me ajudou vencer um grande desafio.</i>

(OTIMISMO, r.e.c.)	<i>Ampliou meu repertório.</i>
(SOLIDARIEDADE, r.e.c.)	<i>Um olhar diferente para Educação voltada a paz.</i>
(PACIÊNCIA, r.e.c.)	<i>Exemplificação, conteúdo, troca, rede.</i>
(JUSTIÇA, r.e.c.)	<i>Com conhecimento.</i>
(SIMPLICIDADE, r.e.c.)	<i>Me auxiliando melhor em como lidar com os conflitos existentes em sala de aula.</i>
(HUMILDADE, r.e.c.)	<i>Contribuiu com conceitos e ações para repensar minha prática e interações entre crianças e adulto-crianças.</i>
(PAZ, r.e.c.)	<i>Me ensinou a olhar de outra maneira para os conflitos do dia a dia e a encontrar um caminho de paz para resolvê-los.</i>
(LIBERDADE, r.e.c.)	<i>Estou escrevendo um artigo para Pós sobre Edgar Morin. E também cursando meditação laica e o curso de Educação para a Paz foi de suma importância.</i>
(GENEROSIDADE, r.e.c.)	<i>As trocas me levaram a reflexão sobre o trabalho pedagógico que acontece hoje na escola.</i>
(MANSIDÃO, r.e.c.)	<i>Contribuiu muito para a minha prática pedagógica e para pensar em estar sempre trabalhando esse tema no meu cotidiano como docente.</i>
(GENTILEZA, r.e.c.)	<i>Contribuiu para a mudança de postura e reflexão de práticas que fortaleciam a violência no espaço da sala de aula.</i>
(FRATERNIDADE, r.e.c.)	<i>Uma visão ampliada.</i>

Fonte: A autora, 2022.

A partir dessas reflexões, observa-se que para as participantes Amor, Honestidade, Igualdade, Humildade e Gentileza, a participação nas oficinas foi fundamental para que pudessem repensar as suas próprias atitudes enquanto docentes. Para as participantes Cooperação, Felicidade, Generosidade e Mansidão, as oficinas contribuíram para que elas tivessem um pensamento mais crítico sobre as práticas desenvolvidas em sala de aula. Neste sentido, Diskin e Roizman (2002) afirmam que no processo de educação torna-se necessário uma mudança tanto no modo de ser e pensar, quanto no modo de se ensinar.

A educação é um processo cultural no qual estamos totalmente imersos. Em contato com os aprendizes, quer estejamos ou não dentro do espaço de uma escola, a educação permeia tudo que nos cerca, os gestos, olhares e palavras. As posturas e movimentos. Há um discurso silencioso em nossa presença, que movimenta ideais, transmite valores e percepções. Educar para a Paz requer o “querer bem” dos aprendizes. Não há educação sem transformação. Não há mudança sem encontro, acolhimento e espaço de partilha. Envolve, enfim, uma mudança profunda em nossos sistemas de pensamento e de ensino, pois não se preocupa apenas com a transmissão de saberes, mas com a formação de uma nova maneira de ser. (DISKIN; ROIZMAN, 2002, p.11)

Na percepção das participantes Amizade, Sinceridade, Perseverança, Empatia, Respeito, Otimismo, Solidariedade, Justiça, Liberdade e Fraternidade, as oficinas pedagógicas contribuíram para a ampliação do conhecimento sobre a temática da Educação para a Paz. Essa foi a contribuição mais mencionada e ressalta a importância dessa formação.

Só para exemplificar, se voltarmos ao gráfico de número 4, resultado do questionário de sondagem, percebe-se que 92,3% dos participantes afirmaram não ter participado de nenhum

curso de formação sobre a temática, anteriormente. Dessa forma, os conceitos, discussões e trocas de conhecimentos realizadas no curso foram de suma importância.

Para as participante Simplicidade e Paz, a participação na oficina de EP foi fundamental para que as mesmas tivessem um novo olhar para os conflitos que ocorrem em sala de aula e nas relações cotidianas. Na perspectiva de Muller (2017, p.25), “A paz não é, não pode ser e jamais será livre de conflitos. Mas ela gira em torno dos esforços para controlar, gerenciar e resolver conflitos através de meios diferentes da violência letal e destrutiva.” Com esta intenção que foi proposto o curso de Educação para a Paz na perspectiva dos valores humanos, de tal maneira que os conflitos fossem tratados de forma não violenta, por meio de atividades pedagógicas lúdicas que colocassem em evidência os valores humanos.

Na pergunta seguinte, os participantes foram questionados: *você concorda que o desenvolvimento de práticas pedagógicas sob a perspectiva de uma Educação para a Paz, favorece uma melhor convivência escolar?* Todos (100%) responderam que sim. Como justificativa para esta resposta destacam-se as falas de duas participantes: “*A escola é um lugar natural de conflitos, se a convivência não for baseada na educação para paz, a escola se tornaria um espaço de violências.*” (FELICIDADE, r.e.c.) e “*Uma relação baseada no diálogo, na mediação dos conflitos, no respeito, favorece a convivência e contribui para um ambiente de paz.*” (RESPEITO, r.e.c.).

Nesse sentido, torna-se importante estudar sobre a convivência escolar, marcada por conflitos e os meios para melhorar essa convivência, para torná-la mais humanizada e pacífica. A Educação para a Paz é um desses caminhos para melhores convivências. Salles Filho, afirma que:

[...] precisamos refletir sobre como os professores situam-se profissionalmente quanto ao aprendizado das convivências, se realmente estão envolvidos com processos de humanização da escola ou se medem sua prática profissional ainda e apenas na dimensão da instrução e da transmissão de conhecimento. (SALLES FILHO, 2019, p.347)

Durante o curso, os participantes foram incentivados a colocar a teoria em prática. Nesse sentido, na questão de número 6 (seis), indagou-se: *no decorrer do curso, você conseguiu colocar em prática os conhecimentos adquiridos? Se sim, houve melhoria nas relações interpessoais e na convivência escolar?* Dos 23 (vinte e três) respondentes, 18 (dezoito) afirmaram que conseguiram colocá-lo em prática. Seguem alguns relatos: “*Sim, e houve melhoria imediata na relação professor/aluno, e também aluno/aluno.*” (FELICIDADE, r.e.c.),

“*Sim. Tenho advertido de outra maneira, as aulas estão mais aconchegantes.*”
(PERSEVERANÇA, r.e.c.). A participante Amizade comenta:

Sim, consegui observar o comportamento das crianças e o meu como docente de outra perspectiva e com isso trabalhar atenciosamente o comportamento violento, trazendo maiores possibilidades para resolução pacíficas de questões cotidianas. Isso trouxe maior senso de empatia e cordialidade entre as crianças no dia a dia. (AMIZADE, r.e.c.)

A participante Igualdade coloca:

Consegui e observei a turma muito carinhosa, acolhedora e com mais empatia, mesmo a turma sendo com crianças pequenas. Tive a oportunidade de fazer algumas ações com uma faixa etária diferente, e o resultado foi gratificante. Vê-los sendo gentis, acolhedores, ver os alunos resolvendo as situações de conflitos, mediados por mim, encheu meu coração de esperança. (IGUALDADE, r.e.c.)

As respostas expressam melhorias nas relações interpessoais, no comportamento das crianças, no modo de ser e ensinar do docente e na resolução dos conflitos de maneira pacífica. Dessa forma, houve uma melhoria nos estabelecimentos de ensino, principalmente, na turma de cada professor que conseguiu desenvolver as práticas.

Na questão de número 7 (sete), indagou-se aos participantes: *houve mudança de perspectiva sobre como abordar os conflitos que acontecem no ambiente escolar?* Vinte e um participantes (91,3%) responderam que sim, outros dois (8,7%) responderam talvez. Como justificativa a resposta anterior, seguem os relatos de alguns participantes (Quadro 20):

Quadro 20 – Mudança de perspectiva sobre como abordar os conflitos

(AMIZADE, r.e.c.)	<i>Eu observava a violência apenas como uma ocorrência externa que interferia no desenvolvimento das crianças. Mas, depois do curso, pude entender que há fatores dentro da sala de aula que poderiam representar comportamentos violentos para eles também.</i>
(FELICIDADE, r.e.c.)	<i>Os conflitos são naturais e devem ser visto como ferramenta pedagógica. O que meu aluno e eu precisamos aprender a partir desse conflito?</i>
(PERSEVERANÇA, r.e.c.)	<i>Sim. Agora possuo outra perspectiva de abordagem, com mais empatia.</i>
(SIMPLICIDADE, r.e.c.)	<i>Já consigo lidar de uma forma mais pacífica e com mais paciência.</i>
(EMPATIA, r.e.c.)	<i>Possibilitou propor ações para além de apenas diálogo e sim, com intervenções pedagógicas mais pontuais.</i>
(HUMILDADE, r.e.c.)	<i>Trazendo para as crianças: histórias, roda de conversas, brincadeiras, vídeos infantis para as crianças compreendem de forma lúdica a solução para os conflitos.</i>
(BONDADE, r.e.c.)	<i>A cada troca realizada tínhamos a oportunidade de desconstruir algumas posturas e reconstruí-las por meio do pensamento crítico-criativo, pensando sempre na desnaturalização de determinadas atitudes e posturas, além do ambiente de imprevisibilidade que é o espaço escolar.</i>

	<i>Não existe receita pronta, o bom senso, a empatia, o diálogo e a coletividade serão caminhos pelos quais precisaremos trilhar para alcançarmos esta Educação para a paz.</i>
(IGUALDADE, r.e.c.)	<i>O diálogo foi o mais importante para mim e nesse pensamento, foi acompanhado da escuta. Ouvi-los com carinho, nos gera diálogos mais empáticos e acolhedores.</i>
(RESPEITO, r.e.c.)	<i>Sim, entendi que é preciso considerar o sujeito e favorecer o diálogo, para melhor convívio.</i>
(OTIMISMO, r.e.c.)	<i>Agora consigo, antes de tudo, realizar uma escuta apurada para saber lidar com os conflitos.</i>
(PAZ, r.e.c.)	<i>Sim, agora procuro ouvir todos os lados e conversar sobre como podemos resolver o problema e mostrar as consequências de nossas ações.</i>

Fonte: A autora, 2022.

Em síntese, pode-se afirmar que houve uma ampliação de olhar sobre as violências, o conflito passou a ser visto como uma ferramenta pedagógica, a relação educador-educando melhorou e, houve uma maior compreensão sobre a importância do diálogo, dos valores humanos e de uma escuta acolhedora. De acordo com Guimarães (2009, p.179), “Se não aprendermos a compreender o outro, a estabelecer com ele relações de solidariedade e parceria, não poderemos realizar as tarefas essenciais da humanidade, nem no que tem de menor, nem no que tem de maior”.

A próxima pergunta realizada no questionário foi: *quais as suas concepções e perspectivas a respeito de uma Educação para a Paz, antes e após a realização do curso?* No Quadro 21 apresentam-se os comentários de alguns participantes.

Quadro 21 – Concepções e perspectivas sobre a temática, antes e após a realização do curso

(HONESTIDADE, r.e.c.)	<i>Bom eu não sabia o que era, até porque nunca tinha estudado, agora eu sei que é muito importante e todos professores e pais deveriam ter esse estudo. Pois, atitudes que eu tinha antes, eu não tenho agora.</i>
(FELICIDADE, r.e.c.)	<i>Tinha a concepção de que educação para paz era uma temática apenas para projetos, para serem trabalhadas de maneiras pontuais, apenas uma vez no ano. Agora, compreendo que é um tema a ser trabalhado em todos os aspectos diários.</i>
(PERSEVERANÇA, r.e.c.)	<i>Tinha um conhecimento limitado do que poderia ser Educação para paz. Após o curso, aprendi que podemos, através da nossa prática pedagógica, mudar nosso ambiente educacional para um lugar que transmita paz e estimule a paz.</i>
(BONDADE, r.e.c.)	<i>Mudaram demais. Antes do curso pensava de uma forma seletiva, hoje já vejo a Educação para a paz em um viés amplo e necessário.</i>
(IGUALDADE, r.e.c.)	<i>Antes não tinha amplitude da violência que vivemos em sociedade e nem imaginava cultura de paz. Hoje, ao ampliar meus horizontes, consigo levar isso para sala e transformar as relações em minha volta. Pequenos gestos são os mais significativos e impactantes na vida dos educandos.</i>
(SIMPLICIDADE, r.e.c.)	<i>Antes não usava tantos métodos para lidar com os conflitos, hoje percebo que podemos procurar muitos meios de resolver.</i>

(HUMILDADE, r.e.c.)	<i>Antes acreditava que era uma educação para combater a violência e após o curso é entender a educação para paz também como mediação de conflitos.</i>
(PAZ, r.e.c.)	<i>Antes eu entendia que a Educação para Paz era importante, mas agora compreendo que é extremamente importante que seja trabalhado sempre e não somente em algumas épocas do ano.</i>
(LIBERDADE, r.e.c.)	<i>Compreendia o respeito como ato principal, mas com o curso recebi embasamento teórico, científico.</i>
(GENEROSIDADE, r.e.c.)	<i>Que a maneira como nos comportamos diz muito sobre a relação que queremos ter entre os nossos alunos.</i>
(MANSIDÃO, r.e.c.)	<i>Melhoria nas relações, mediar conflitos com sabedoria e com respeito à ambas as partes. Perspectiva de construir um relacionamento mais harmônico.</i>
(GENTILEZA, r.e.c.)	<i>Já tinha algum conhecimento sobre o tema, mas ainda não tinha refletido sobre como colocar algumas atividades em prática no cotidiano escolar.</i>

Fonte: A autora, 2022.

As perspectivas mudaram quanto ao entendimento da importância desta temática e que ela deve ser abordada com toda a comunidade escolar. Também houve a compreensão sobre a necessidade de se trabalhar de forma contínua e de maneira transversal e não apenas nos eventos de “Dia da Paz”. Verificou-se que os participantes entenderam a necessidade dos docentes terem a teoria atrelada à prática em sala de aula, onde há a necessidade de humanizar a relação educador-educando. Houve a construção de novos conhecimentos sobre a temática e a instrumentalização, com a elaboração de práticas pedagógicas com foco nos valores humanos e promoção da Paz. Nesse sentido, concorda-se com a seguinte afirmação:

O trabalho de valores humanos no contexto educacional serve de alicerce para a realização de ações pautadas no diálogo e na construção de relações mais harmônicas e equilibradas. Como consequência, o alcance dessas vivências gera modificações de atitudes e comportamentos de educandos e educadores quanto à consciência e alterações de posturas nas relações interpessoais, disseminação de tolerância e respeito mútuo, e diminuição dos índices de violência física e verbal nas escolas e em suas proximidades. (MATOS; SAMPAIO, 2010. p.52 apud CASTRO, 2012, p. 39).

As próximas questões (10,11,12) versam sobre alguns conceitos que fazem parte de uma EP. Essas questões também foram realizadas no questionário de sondagem inicial (Apêndice B). O intuito de repetí-las foi verificar se houve mudança de pensamento após a realização do curso.

Na questão de número 10 (dez) pediu-se que os participantes definissem o termo violência. De acordo com a maioria, violência é tudo o que fere, agride, seja por palavras ou ações. É o uso da força, como expressam essas duas respostas: “*Acredito ser tudo o que possa nos atingir negativamente, seja numa atitude física, oralizada, emocional ou psicológica.*” (BONDADE, r.e.c.), “*Ato ou efeito de agredir, seja por palavras ou gestos, que provoquem dor, mal estar e desconforto.*” (EMPATIA, r.e.c.).

Entretanto, surgiram novas definições que indicam a ampliação do olhar para além das violências de forma direta, como segue: “*Aprendi que existem várias formas de violência, direta e indireta, não só a física.*” (COOPERAÇÃO, r.e.c.), “*A violência pode ser direcional (direta) ou estrutural.*” (FELICIDADE, r.e.c.).

Nesse sentido, Salles Filho colabora ao dizer:

Logo uma Educação para a Paz está no entendimento das violências, na busca da compreensão das mesmas, na clareza dos conflitos geradores e com o processo pedagógico de mediação destes, culminando com a não-violência ou dito de outra forma, com convivências pacíficas. (SALLES FILHO, 2009, p. 10281)

Na questão de número 11 (onze), pediu-se a definição do termo conflito. De acordo com Jares (2007, p.54), o conflito é “um dos conceitos fundadores e centrais da EP”. Para a maioria dos participantes, conflito é uma discordância, divergência de ideia, desentendimento, disputa, ausência de acordo, contenda. Outros passaram a olhar o conflito de maneira mais positiva: “*Situação que pode ou não gerar violência.*” (FELICIDADE, r.e.c.), “*Situações-problema a serem resolvidos.*” (EMPATIA, r.e.c.), “*Ambiente de reflexão.*” (PERSEVERANÇA, r.e.c.).

A resposta da participante Perseverança, revela uma nova compreensão de que o conflito pode ser um caminho para a promoção da paz, à medida que esse ambiente conflituoso sirva de reflexão para a promoção da Educação para a Paz, como afirma Oliveira, Vieira e Brum (2021),

Observa-se que a noção de uma cultura de paz faz emergir o conflito não como um fim em si mesmo, mas como uma “ponte” para paz e, portanto, como possibilidade latente positiva, em uma profunda contraposição aos status negativo perpetuado historicamente pelo senso comum das sociedades. (OLIVEIRA; VIEIRA; BRUM, 2021, p. 8)

Sobre a definição do conceito de paz, na questão 12 (doze), destacam-se as opiniões de cinco participantes: “*Ao contrário de violência [...]*” (FELICIDADE, r.e.c.), “*Resolução de conflitos (o que é comum e necessário para o desenvolvimento humano) com atitudes amigáveis e não violentas.*” (AMIZADE, r.e.c.), “*Aprendi que Paz não é a ausência de conflitos.*” (COOPERAÇÃO, r.e.c.), “*[...] Uma ausência de violência.*” (SIMPLICIDADE, r.e.c.) e “*Respeito*” (OTIMISMO, r.e.c.). Os comentários anteriores reforçam o que Jares (2002, p.132) diz: “paz nega a violência, não os conflitos, que fazem parte da vida.”

Jares (2002) apresenta uma visão ampla e positiva da paz, para ele o conceito de paz não se restringe a ser o contrário de guerra. Segundo Jares, “A paz refere-se a uma estrutura e a relações sociais caracterizadas pela ausência de todo o tipo de violência e pela presença de justiça, igualdade, respeito e liberdade.” (JARES, 2002, p. 131).

Com base em tudo o que foi visto no curso, na questão de número 13 (treze) pediu-se que os participantes escrevessem um breve relato sobre o que é “Educar para a Paz”. As 23 (vinte e três) respostas foram agrupadas em blocos (Quadros 22, 23 e 24), cujas definições apresentam ligação com a opinião de estudiosos da temática. Educar para a paz é:

Quadro 22 – Educar para a paz é educação em conflitos

EDUCAÇÃO EM CONFLITOS	
(COOPERAÇÃO, r.e.c.)	<i>Educar para a paz, não é ausência de conflitos, mas a resolução deles da melhor forma.</i>
(PERSEVERANÇA, r.e.c.)	<i>Estimular e vivenciar abordagens que solucionem conflitos.</i>
(FELICIDADE, r.e.c.)	<i>Educar para paz, trata-se da educação baseada nos conflitos, na resolução dos mesmos através do diálogo, para uma sociedade em paz.</i>
(HONESTIDADE, r.e.c.)	<i>Educar para a Paz é saber resolver conflitos sem violência, com diálogo, sem gritar, bater em objetos. Educar para paz é saber conviver!</i>
(JUSTIÇA, r.e.c.)	<i>Ensinar a resolução de conflitos e evitar propagar a violência.</i>
(LIBERDADE, r.e.c.)	<i>A educação de paz preza pela resolução dos conflitos de forma pacífica e empática. Compreendendo que atitudes e respostas violentas estarão contribuindo para a violência.</i>
(HUMILDADE, r.e.c.)	<i>Educar para Paz é a busca de combater a violência, o preconceito. É respeitar a diversidade. É a mediação de conflitos no mundo, na comunidade, na escola e entre pessoas.</i>
(PACIÊNCIA, r.e.c.)	<i>Entender a presença de conflitos como um momento ainda ao alcance do bem-estar, gratidão, comunhão, harmonia, ante as diferenças e diversidades.</i>
(SIMPLICIDADE, r.e.c.)	<i>É pensar e saber sobre a violência, na nossa própria vida inclusive. Pensar em situações de conflitos mal resolvidas.</i>

Fonte: A autora, 2022.

Muller (2017, p.25), contribui ao afirmar que “A vida comunitária sempre inclui algum conflito, mesmo que apenas potencial. A coexistência entre pessoas e entre povos deve tornar-se pacífica, mas jamais será livre de conflito.” Quando se trabalha os conteúdos de uma Educação para a Paz, o objetivo não é dar um fim nos conflitos, pois eles podem ser positivos. Às vezes é necessário impor limites, pois as crianças precisam entender que há regras na sociedade. No entanto, todo esse processo precisa ser educativo. Salles Filho (2019), apresenta como um dos caminhos para a Educação para a Paz a pedagogia da conflictologia, que

[...] deve estar concentrada, portanto, no processo que está sendo construído entre as pessoas, não pensando apenas no produto final, que teria um resultado expresso em número de mediações concluídas com êxito, sem questionar os acordos feitos e nem as emoções neles contidas. Quando a preocupação se dá com as pessoas, com as relações estabelecidas, encontrando caminhos conjuntos de avanço nessas relações, valorizando o clima escolar, promovendo resiliência nas pessoas e grupos, através de escuta ativa e diálogo qualificado, daí sim, encontramos uma prática pedagógica de educação para a paz. (SALLES FILHO, 2019, p.308).

Neste mesmo pensamento, ressalta-se a importância de estabelecer com os educandos relações dialógicas, empáticas, com escuta sensível, que busque a resolução de conflitos, por meio da promoção de práticas pedagógicas que favoreçam a prevenção das violências e incentivem a promoção dos valores humanos. No Quadro 23, evidencia-se que muitos participantes relacionaram educar para a paz com a educação em valores humanos.

Quadro 23 – Educar para a Paz é educação em valores humanos

EDUCAÇÃO EM VALORES HUMANOS	
(RESPEITO, r.e.c.)	<i>Educar para respeito, para tolerância, para conviver.</i>
(IGUALDADE, r.e.c.)	<i>Educar para uma sociedade com mais empatia, respeito, solidariedade e acolhimento.</i>
(GENEROSIDADE, r.e.c.)	<i>Educar para a diversidade.</i>
(GENTILEZA, r.e.c.)	<i>Educar para a paz significa desenvolver práticas pedagógicas que possibilitem o fortalecimento de valores e consequentemente uma mudança de comportamento através do diálogo e respeito.</i>
(PAZ, r.e.c.)	<i>É olhar de forma mais compreensiva, ter mais empatia, respeito.</i>
(MANSIDÃO, r.e.c.)	<i>Educar para paz é pautada na tranquilidade, no respeito entre os envolvidos e sem qualquer espécie de violência.</i>
(AMOR, r.e.c.)	<i>Trazer a paz e educar transmitindo a paz.</i>
(OTIMISMO, r.e.c.)	<i>É saber ouvir, saber falar, entender e ponderar. É ser justo, mas ser amável.</i>

Fonte: A autora, 2022.

Salles Filho (2019), Martinelli (1999) e Castro (2012), também reforçam a importância de uma educação em valores humanos, pois trabalhar com eles pode trazer melhorias significativas para as relações. O comentário da participante, destacado a seguir, une os dois pontos de vista apresentados nos Quadros 22 e 23, ao afirmar que tanto é uma educação em valores, que preza pelo respeito, empatia, diálogo e escuta sensível, quanto também é uma educação em conflitos, que busca lidar com eles de forma crítica e criativa, como segue:

Acredito que seja educar em coletividade, respeitando as individualidades uns dos outros, conhecendo a si e ao outro, respeitando, agindo de forma empática, sabendo ouvir e falar e sendo sensível. Acredito que nada mais é, que um processo de equilíbrio das diversas realidades existentes no ambiente escolar. Usando a criticidade de forma criativa, de modo a equilibrar o ambiente [...] E em caso de conflitos vigentes, ter um olhar e uma escuta sensíveis para saber lidar com as questões. (BONDADE, r.e.c.)

Outra comparação que surgiu a partir das respostas dos participantes foi que educar para a paz é uma educação para a convivência social, para a formação de cidadãos que pensam não apenas em si, mas também na coletividade (Quadro 24):

Quadro 24 – Educar para a paz é educar para a convivência social

EDUCAÇÃO PARA A CONVIVÊNCIA SOCIAL	
(SINCERIDADE, r.e.c.)	<i>É educar para a vida. Saber que estamos construindo um futuro de onde só iremos encontrar e propagar coisas boas.</i>
(EMPATIA, r.e.c.)	<i>Formar cidadãos mais conscientes de seus atos e seus reflexos no bem-estar do outro.</i>
(SOLIDARIEDADE, r.e.c.)	<i>Educar para um bom futuro.</i>
(FRATERNIDADE, r.e.c.)	<i>É estar disposto a ajudar os alunos e comunidade escolar a terem atitudes positivas.</i>
(AMIZADE, r.e.c.)	<i>Educar para paz é auxiliar o desenvolvimento de crianças a uma convivência social mais equilibrada e construtiva.</i>

Fonte: A autora, 2022.

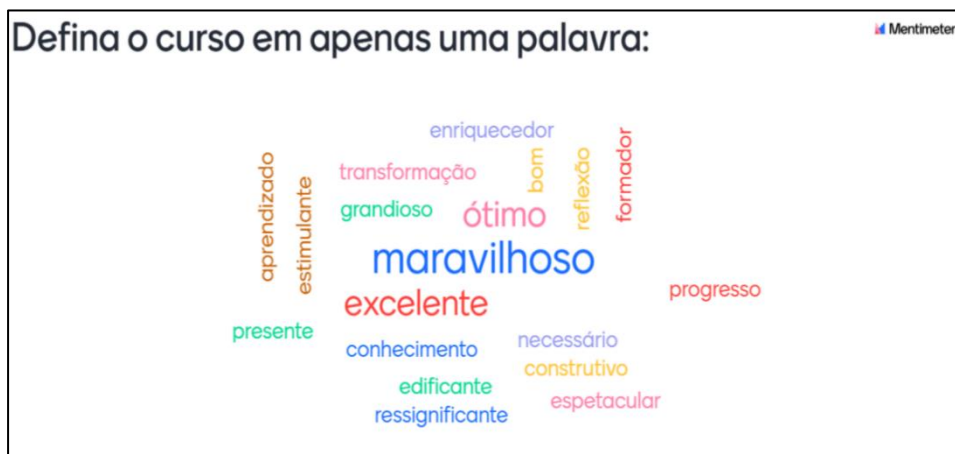
Para Gomes e Aquino (2019, p.3) “[...] educação é socialização, ação compartilhada e mediatizada coletivamente; e a escola de educação infantil é um espaço fundamental nesse processo, para a infância e as crianças.”. Sendo a escola um espaço essencial de socialização, um espaço de convivência onde se encontram as diferenças, faz-se necessário trabalhar com temas que apoiem a formação da criança, para que ela seja agente promotora de uma cultura de paz, por meio de suas ações cotidianas desde a mais tenra idade. Sob o mesmo ponto de vista, Fonteles e García (2011) afirmam que,

A formação do cidadão começa cedo, é quando devemos aprender a ser, desenvolver níveis de honestidade, justiça, bondade, solidariedade, encontrar caminhos pacíficos para resolver conflitos, pensar globalmente, vislumbrar o bem maior e respeitar a vida que existe no planeta, ou seja, os seres humanos, os animais e a natureza. (FONTELES; GARCÍA, 2011, p.103, tradução nossa)

Tendo ciência que a formação cidadã começa cedo, torna-se necessário que as crianças aprendam sobre a cultura de paz desde cedo. Pois a cultura da violência já está presente em várias instâncias da sociedade, assim como na mídia. No entanto, a violência deve ser desnaturalizada e a paz (não-violência) promovida.

Por fim, no questionário, pediu-se que os participantes definissem o curso em apenas uma palavra. Obtivemos 23 respostas, que foram agrupadas e estão expressas na nuvem de palavras a seguir (Figura 14):

Figura 14 - Considerações dos participantes sobre o curso de extensão



Fonte: produzido pela autora, por meio do site Mentimeter, a partir das contribuições dos participantes (2022).

Esses resultados são animadores, mostram a importância da temática e que estamos no caminho certo. Também houve vários elogios no grupo de *WhatsApp*, entre eles, que “*Esse curso deveria virar uma pós-graduação lato sensu*”, como foi declarado no Quadro 18, por uma das participantes. Encerra-se este capítulo com a seguinte declaração:

A cultura de paz é uma iniciativa de longo prazo que leva em conta os contextos histórico, político, econômico, social e cultural de cada ser humano e sociedade. É necessário aprendê-la, desenvolvê-la e colocá-la em prática no dia a dia familiar, regional ou nacional. É um processo que, sem dúvida, tem um começo, mas nunca pode ter um fim. A paz é um processo constante, cotidiano, mas não passivo. A humanidade deve esforçar-se para promovê-la e administrá-la.” (NOLETO, 2010, p. 13).

Posto isto, o trabalho de desenvolvimento de uma cultura de paz deve ser contínuo e deve atingir todas as faixas etárias, quanto antes iniciar, melhor será. Verificou-se que essas reflexões levantadas nas oficinas pedagógicas e as propostas de ações práticas sobre a temática contribuíram para a formação docente dos participantes, conforme foi expresso nas análises realizadas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática Educação para a Paz, abordada nesta pesquisa, surgiu a partir de observações realizadas no decorrer da minha trajetória como docente. Por várias vezes, assumi turmas consideradas bagunceiras, agitadas e com comportamentos agressivos, violentos. Como professora-pesquisadora, voltei meu olhar para a minha realidade e questioneei o que fazer em situações de conflito que aconteciam no ambiente escolar. Pois muitas vezes, ao relatar essas situações aos responsáveis, os mesmos agiam com agressividade e violência contra a criança, por meio de sanções, gritos e surras.

A partir de então, passei a mediar os conflitos na própria escola, dialogando, escutando a criança e promovendo práticas que tratassem sobre a importância dos valores humanos, e esses conteúdos oportunizaram uma convivência mais harmoniosa e pacífica. Em 2019, comecei a aprofundar nos estudos voltados para uma Pedagogia Social e dentro deste estudo, conheci a Educação para a Paz, como viés pedagógico.

Os pressupostos teóricos de uma Educação para a Paz, surgiram como resposta aos chamados “problemas” de convivência que acontecem no ambiente escolar, entre eles, a violência, que se manifesta de diversas formas. Porém, ao buscar cursos sobre essa temática, principalmente, no Estado do Rio de Janeiro, percebi que eram/são escassos, mesmo após a promulgação da Lei Federal 13.663/18. No entanto, a formação docente sobre essa temática é extremamente necessária para que tenham preparo teórico e metodológico para trabalhar com essas demandas trazidas pelos estudantes e se estendem além dos muros da escola.

Portanto, houve a necessidade de desenvolver oficinas pedagógicas para docentes sobre esse tema, bem como estruturar um material que sirva de guia para discutir criticamente essas demandas com os estudantes, com vista à promoção da Cultura de Paz na Educação Infantil.

O desenvolvimento deste estudo, portanto, buscou identificar e analisar as contribuições de oficinas pedagógicas (*on-line*), sob a perspectiva de uma Educação para a Paz, para a formação continuada de professores que atuam na Educação Infantil e para a promoção de uma Cultura de Paz nos estabelecimentos de ensino.

Como foi visto, no decorrer deste estudo, a sociedade do século XXI tem sido marcada pela naturalização da violência, que se reflete também no ambiente escolar. E dessa forma, por meio da promoção de uma Educação para a Paz, objetivou-se contribuir com um ambiente escolar mais acolhedor e pacífico, bem como colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e com relações mais humanizadoras.

Por meio deste estudo, foi possível realizar uma análise bibliográfica sobre a convivência escolar e a importância dos valores humanos para a promoção de uma Educação para a Paz. Por meio da revisão bibliográfica observou-se que não há como falar em Educação para a Paz sem falar dos conflitos que ocorrem na convivência, e que educar para a Paz também é educar sobre valores humanos e essa educação deve acontecer desde a mais tenra idade, por meio de atividades lúdicas, que estimulem a reflexão crítica e a mudança de atitudes.

Nesse sentido, o referencial teórico apresentado trouxe a discussão da Educação para a Paz no contexto da Educação Infantil, bem como a conceituação de Educação para a Paz, Cultura de Paz e os marcos legais, até que o tema chegasse à LDB. A convivência escolar e os conflitos e violências que marcam essa convivência também foram discutidos. Discutiu-se sobre a relação educador-educando e a necessidade de estabelecer uma relação mais dialógica. Foi enfatizada a importância da capacitação docente para o desenvolvimento do tema, e no capítulo final do referencial foi apresentada a Educação para a Paz na perspectiva dos valores humanos, bem como a importância do ambiente escolar, para que as crianças aprendam os valores para uma boa convivência.

Tendo ciência que um dos objetivos desta pesquisa foi promover um curso de formação continuada sobre a temática, surgiu a necessidade de identificar a concepção e as perspectivas que os docentes participantes da pesquisa apresentavam a respeito de uma Educação para a Paz (EP), conflitos e violência na escola. Para tanto, antes da realização do curso foi aplicado um questionário de sondagem, no qual foi possível identificar que muitos docentes apresentavam uma visão de paz como calma, tranquilidade, leveza. No entanto, após a realização do curso, houve uma mudança de perspectiva sobre esses conceitos.

A partir dos referenciais teóricos e metodológicos desta pesquisa, foi possível promover um curso de formação continuada na perspectiva de uma Educação para a Paz, com reflexão e ação sobre a prática em sala de aula e a resolução de conflitos. Ao término do curso, os docentes participantes avaliaram as contribuições das oficinas pedagógicas para sua formação continuada por meio de um questionário. Estes dados colaboraram as respostas à pergunta que deu início a esta pesquisa, sobre as contribuições das oficinas para a formação docente e o ambiente escolar, como segue.

As oficinas pedagógicas contribuíram para os docentes repensarem suas atitudes em sala de aula e, além disso, os ajudaram a pensar mais criticamente sobre as práticas de Educação para a Paz desenvolvidas em sala de aula e a ampliar o conhecimento sobre o tema. Além disso, as trocas realizadas nas oficinas foram essenciais para ampliar o olhar sobre as violências e

mudar a visão sobre os conflitos, que ocorrem no ambiente escolar e nas relações interpessoais cotidianas, onde passaram a ser vistos como uma ferramenta pedagógica.

Por meios dos relatos dos docentes participantes, constatou-se que houve melhora na relação educador-educando, no comportamento das crianças, bem como uma maior compreensão da importância do diálogo, dos valores humanos e de uma escuta acolhedora. Também houve melhoria na turma de cada professor que conseguiu desenvolver as práticas.

Dessa forma, se cada docente se propor a rever seus modos de ser e pensar e se empenhar em desenvolver práticas de Educação para a Paz nos estabelecimentos de ensino, contribuirá para o estabelecimento de uma cultura de não violência no ambiente escolar. No entanto, destaca-se que este papel não compete apenas a ele, é um trabalho em conjunto e envolve escola, família, instituições religiosas e outras esferas da sociedade.

Além das oficinas, este estudo também contribuiu para o avanço científico ao apresentar uma pesquisa sobre Educação para a Paz, como viés pedagógico. Este é um campo emergente na educação brasileira, principalmente, no que diz respeito ao trabalho com a Educação Infantil. Nesse sentido, nesta pesquisa também houve uma preocupação com a formação dos docentes que trabalham com esse público.

Esta pesquisa apresenta como um de seus resultados a contribuição profissional, pois, além de instigar a formação de docentes mais críticos e reflexivos, que desenvolvam práticas geradoras de transformação, também contribuiu para a formação de outros docentes por meio de um produto educacional oferecido à sociedade, a saber: um *E-book* com propostas de práticas pedagógicas para a promoção de uma Cultura de Paz nos estabelecimentos de ensino.

Um dos maiores desafios enfrentados durante o desenvolvimento desta pesquisa foi a situação de emergência sanitária, a pandemia da Covid-19, que alterou o formato previsto para o desenvolvimento do trabalho de campo (as oficinas pedagógicas) de presencial para remoto, devido à necessidade de distanciamento social imposta pela pandemia.

Dessa forma, todos precisaram passar por uma fase de adaptação e aprendizagem de novas ferramentas tecnológicas, tanto a pesquisadora quanto os pesquisados. Durante a pesquisa nas oficinas diárias, a maior parte das críticas foi sobre a dificuldade de acesso à plataforma. Mas graças ao apoio mútuo, os desafios foram vencidos. Outra limitação enfrentada, é a carência de estudos sobre a temática da Educação para a Paz, principalmente, voltados para a etapa da Educação Infantil. Portanto, este trabalho apresenta a sua contribuição acadêmica.

De modo geral, os objetivos desta pesquisa foram alcançados. Pela importância do tema, aponta-se a necessidade de promover mais cursos de formação continuada sobre a temática da

Cultura de Paz/Educação para a Paz, voltados não só ao nível da educação básica, mas também ao Ensino Superior. Também é necessário envolver toda a comunidade escolar: docentes, discentes, responsáveis e demais funcionários da unidade, a fim de propiciar novos olhares para as situações de conflito que ocorrem dentro e fora do ambiente escolar.

Ressalta-se a importância de abordar a temática da paz de forma contínua. Espera-se, assim, que o tema seja incluído nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas e que cada docente se esforce para promover a Educação para a Paz em sua prática diária. Espera-se também que sejam implementadas políticas públicas não só para a escola, mas para a sociedade a fim de garantir direitos básicos e essenciais como: saúde, moradia, lazer, educação; de modo que as desigualdades sociais e a violência estrutural sejam amenizadas. No que depender de nós, que possamos semear cada dia mais a Cultura de Paz!

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça. Brasília: UNESCO, 2003. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000093.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2022.

ALVES-MAZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais. Pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, Thompson Learning, 2004.

AMARAL, Rodrigo Augusto Duarte. Considerações sobre a violência pela ótica de Johan Galtung: alguns aspectos do terrorismo e o advento da intolerância. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências e Letras da Unesp. Araraquara-SP, n. 19, p.101-116, 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/7661/5530>. Acesso em: 20 set. 2022.

ARAÚJO FREIRE, Ana Maria. Educação para a paz segundo Paulo Freire. **Revista Educação**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUC/RS, ano XXIX, n.2 p. 387-393, mai./ago. 2006.

AUDIOVISUAL EDUCATIVO. Violência que rola. (Direitos Humanos) – [AudioVisual Educativo]. **Youtube**, 29 mar. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-6kSow9ulw>. Acesso em: 20 abr. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BERNASKI, J.; SOCHODOLAK, H. História da violência e sociedade brasileira. **Oficina do Historiador**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 43–60, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/24181>. Acesso em: 1 fev. 2023.

BORGES, Caroline; PACHECO, John. Quatro crianças são mortas em ataque a creche em Blumenau [...]. **G1**, 05 abr. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/04/05/ataque-creche-blumenau.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, Distrito Federal: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 4 ago. 2022.

BRASIL. Lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF: Presidência da República, 16 jul, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm#:~:text=e%20C3%A0%20Dignidade-,Art.,na%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20e%20na%20leis. Acesso em: 4 ago. 2022.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Congresso. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF: Presidência da

República, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 4 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional Para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF. vol. 3, 1998. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União**, Brasília: CNE/CEB, seção 1, p. 18, 18 dez. 2009. Disponível em< http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 05 out. 2020.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Altera os arts. 3º, 14 e 67 e acresce o art. 67 – A à Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB), para fortalecer a cultura da paz nas escolas e nas comunidades adjacentes. Brasília: **Câmara dos Deputados**, 2010. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=473703>. Acesso em: 03 jul. 2022.

BRASIL. Plano Nacional de Educação 2014 - 2024. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília, DF: **Câmara dos Deputados**, 2014.

BRASIL. Lei nº 13.185, de 06 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). **Diário Oficial da União**. Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/113185.htm. Acesso em: 03 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018a. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 05 out. 2020.

BRASIL. Lei Federal nº. 13.663, de 14 de maio de 2018. Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF: Presidência da República, 15 mai. 2018b.

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: MEC, Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Ministério da Justiça, UNESCO, 2018c. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/educacao-em-direitos-humanos/DIAGRMAOPNEDH.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan./ mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v33n118/v33n118a15.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2022.

CARVALHO, Lucia Helena de. **A construção da paz como meta do processo educativo**. 2011. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/845324>. Acesso em: 10 out. 2020.

CARVALHO, Maria Elizete Guimarães; MORAIS, Grinaura Medeiros de; CARVALHO, Bruna Katherine Guimarães. Dos castigos escolares à construção de sujeitos de direito: contribuições de políticas de direitos humanos para uma cultura da paz nas instituições educativas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 102, p. 24-46, mar. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/VsQCNTCYmvRfFXM5W7ZtPvS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 02 jul. 2022.

CASTRO, Livia Maria Duarte de. **Valores humanos na escola: em busca de sensibilidade nas práticas docentes**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, Ceará, 2012.

CORRÊA, Giovana Camila Garcia; CAMPOS, Isabel Cristina Pires de; ALMAGRO, Ricardo Campanha. Pesquisa-ação: uma abordagem prática de pesquisa qualitativa. **Ensaio Pedagógicos**. Sorocaba, v. 2, n.1, p. 62-72, jan./ abr. 2018. Disponível em: <http://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/60/89>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CRISTOVAM, Wilson. **A cultura da violência e o desafio da educação para a paz**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, São Paulo, 2011. Disponível em http://bdtd.unoeste.br:8080/tede/bitstream/tede/842/1/DISSERTACAO_WILSON_MESTRADO_2005-10-11%5b1%5d.pdf . Acesso em: 02 fev. 2022.

DAYVISSON SOUZA. A Escola – Paulo Freire (Narrado e Legendado). **Youtube**, 23 jan. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zIW109NCcqs>. Acesso em: 10 abr. 2022.

DELORS, Jacques. Os quatro pilares da educação. *In: _____ et al (org.). Educação: um tesouro a descobrir*. 2 ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003. p.89-102. Disponível em: http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf. Acesso: 19 set. 2022.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, p.64-83, 2021.

DISKIN, Lia; ROIZMAN, Laura Gorresio. **Paz, como se faz? Semeando cultura de paz nas escolas**. Brasília: Governo do Estado de Sergipe, UNESCO, Associação Palas Athena, 2002. Disponível em: <https://docplayer.com.br/7131752-Lia-diskin-laura-gorresio-roizman-2a-edicao.html>. Acesso em 17 ago. 2022.

ESTUDOS SOBRE A PAZ. Vídeo 5 – Violências e Cultura de Paz. **Youtube**, 25 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NY9N4AG5MTM>. Acesso em: 20 abr. 2022.

FONTELES, Rosita Capelo; GARCÍA, Cristina García. Cinco minutos de valores humanos en la formación del profesorado. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 6, n. 1, p. 100–107, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/4801>. Acesso em: 15 out. 2022.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de conteúdo**. 2.ed. Brasília: Liber Livro, 2007.

FERREIRA, Arthur Vianna. (Org.). **Dentro ou fora da sala de aula? O lugar da pedagogia social**. Curitiba: CRV, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

G1. **Brasil tem histórico de alto índice de violência escolar: veja dados sobre agressão contra professores**. 27 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/03/27/brasil-tem-historico-de-alto-indice-de-violencia-escolar-veja-dados-sobre-agressao-contr-professores.ghtml>. Acesso em 15 abr. 23.

G1; TV GLOBO. **Professora que morreu em ataque tinha 71 anos [...]**. 27 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/03/27/professora-morre-vitima-de-ataque-em-escola-na-vila-sonia.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Lisandra Ogg; AQUINO, Ligia Maria Leão de. Crianças e infância na interface da socialização. Questões para a educação infantil. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, v14092, n. 50, p. 1-21, jul./set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/14092/7780>. Acesso em: 30 set. 2022.

GRASSELLI, Martinelia de Almeida. **Educação infantil: respeitar a diversidade religiosa, superar violência, educar para a paz: uma reflexão sobre atividades interdisciplinares desenvolvidas no centro de educação infantil João Pedro de Aguiar -Vitória/ES**. 2017. Dissertação (Mestrado) Faculdade Unida de Vitória, Vitória, Espírito Santo, 2017. Disponível em: <http://bdtd.faculdadeunida.com.br:8080/jspui/handle/prefix/39>. Acesso em: 19 set. 2020.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Educação para a paz: Sentidos e dilemas**. 2. ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2011.

HELEM OLIVEIRA. A importância de cada um no grupo e o respeito. **Youtube**, 24 out. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vb-3NdH75d0&t=1s>. Acesso em: 20 abr. 2022.

JARES, Xesús Rodrigues. **Educação para a Paz: sua teoria e sua prática**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JARES, Xesús Rodrigues. **Educar para a Paz em tempos difíceis**. São Paulo: Palas Athenas, 2007.

JARES, Xesús Rodrigues. **Pedagogia da Convivência**. São Paulo: Palas Athenas, 2008.

KRAMER, Sônia. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. **Revista Teias**, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 1-14, ago. 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23857>. Acesso em 08 mar. 2022.

LEMES, Erica Cristina; FILHO, Nei Alberto Salles; SALLES, Virginia Ostroski. Cultura de paz nas escolas: por uma educação para a paz com fundamentos pedagógicos. **Revista de Pastoral da ANEC**, Brasília, v. 1, ano 02, p. 92-106, 2017.

LOPES, Kathia. Rompa o ciclo está rolando esta imagem na internet referente ao grito [...]. [s.l.] 20 de out. 2021. **Facebook: kathia.lopes.50**. Disponível em: <https://www.facebook.com/kathia.lopes.50/posts/pfbid02VYw9quevLrwV3V4mEdDBurWHKEha5mdvM4P2m68XHH54FVZKHGg5Qrp2uBavKNt4l>. Acesso em: 20 abr. 2022.

MACÊDO, Maria José Isaac de; SILVA, Sebastião Soares da; LUCENA, Amanda Micheline Amador de. A importância das relações humanizadas no contexto escolar como promotora de uma cultura de paz. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S.l.], v. 7, n. 4, p. 386 - 398, 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/973>. Acesso em: 19 set. 2022.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, Circe Mara. Paz e Educação Infantil: um olhar e uma escuta sensível no ambiente educativo. In: VI Mostra Científica do CESUCA, 6., 2012, Cachoeirinha – RS. **Anais [...]**. Rio Grande do Sul: CESUCA – Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha, 2013. Disponível em: <https://ojs.cesuca.edu.br/index.php/mostrac/article/view/68>. Acesso em: 10 abr. 2022.

MARROCHE, Cristiane Cardozo. **Desafios para resolução de conflitos na educação infantil**. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, Jaguarão. 2019.

MARTINELLI, Marilu. **Conversando sobre Educação em Valores Humanos**. São Paulo: Peirópolis, 1999.

MEIRELLES, Renato. A paz nas escolas, um dever de todos. **Revista Veja**, 04 abr. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/por-tras-dos-numeros/a-paz-nas-escolas-um-dever-de-todos/>. Acesso em: 15 abr. 2023.

MENDES, Rosana Maria. **A formação do professor que ensina matemática, as tecnologias de informação e comunicação e as comunidades de prática: uma relação possível**. 2013. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de

Geociências e Ciências Exatas, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/102110>. Acesso em: 15 out. 2022.

MENESES, Celimar de. Criança autista é vítima de bullying em escola do Rio [...]. **Metrópoles**, 31 mar. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/crianca-autista-e-vitima-de-bullying-em-escola-do-rio-veja-video>. Acesso em: 15 abr. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MULLER, Jean Marie. **Não-violência na educação**. São Paulo: Palas Athena, 2017.

NOLETO, Marlova Jovchelovitch. A construção da cultura de paz: dez anos de história In: _____. **Cultura de paz: da reflexão à ação**; balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo. Brasília: Unesco, São Paulo: Associação Palas Athena, 2010. p. 11-36. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000189919?locale=en>. Acesso em: 10 ago.2021.

NOUSIAINEN, Sara. **Cinco minutos de Valores Humanos para a Escola**. Fortaleza: Caminhos de Harmonia, 2008. Disponível em: <https://www.cincominutosdevalores.org/>. Acesso em: 15 out. 2022.

OLIVEIRA, Simone Barros de; VIEIRA, Monique Soares; BRUM, Letícia. Cultura de Paz: Aspectos históricos e conceituais. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 1-12, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/38618>. Acesso em: 4 jun. 2022.

ONU – Organização das Nações Unidas (1948). **Declaração e Programa de Ação sobre uma cultura de Paz**. Resolução n°.53/243, aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 6 de outubro de 1999. Disponível em <http://www.comitepaz.org.br/download/Declara%C3%A7%C3%A3o%20e%20Programa%20de%20A%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20uma%20Cultura%20de%20Paz%20-%20ONU.pdf>. Acesso em: 10 de ago. de 2021.

RODRIGUES, Ariane Barrios. **Educação para paz na escola: investigando possibilidades na educação infantil**. 2019. Dissertação (Curso de Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, Jaguarão, 2019. Disponível em <http://dspace.unipampa.edu.br:8080/jspui/bitstream/riu/4642/1/ArianeBarriosRodrigues2019.pdf>. Acesso em: 05 set. 2020.

ROUPA NOVA. Roupas Nova – A Paz (Heal The World) (Lyric Vídeo). **Youtube**, 06 de abril de 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OP4KB5FR_Mw. Acesso em: 20 abr. 2022.

SALLES, Virgínia Ostroski. **Ecoformação e educação para a paz: intervenções ecoformadoras nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Ponta Grossa, Paraná, 2017. Disponível em http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2463/1/PG_PPGECT_M_Salles%2c%20Virg%c3%adnia%20Ostroski_2017.pdf. Acesso em: 15 out. 2020.

SALLES FILHO, Nei Alberto. Paulo Freire e educação para a paz: o mesmo sentido. In: IX Congresso Nacional de Educação. **EDUCERE**. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Curitiba, Paraná: PUC, p.10279-10292, 2009.

SALLES FILHO, Nei Alberto. **Cultura de Paz e Educação para a Paz: olhares a partir da complexidade**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2019.

SIRINO, Marcio Bernardino. A prática dos envelopes freinetianos com os estudantes da Pós-Graduação em Educação. **Revista Teias**, v. 20, n. 56, p. 307-321, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/34499>. Acesso em: 02 jul. 2022.

SILVA, Angela Carrancho da. (Org.). **Avaliação e Pesquisa: conceitos e reflexões**. 3.ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

SILVA, Maria do Socorro Pereira da; MEDEIROS, Maria Gessi Leila; BOMFIM, Maria do Carmo Alves. Violências na escola e a Colonialidade do Poder: concepção epistêmica de cultura de paz na descolonização do saber. **Revista do Programa de Pós- Graduação em Educação da UFPI. Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, v. 20, n.32, p.161-182, jan./jun. 2015. Disponível em <https://revistas.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/8630/pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

SOUZA, Élica dos Santos; NIZ, Márcia da Silva; NEVES, Rosa Aparecida. Educação Infantil e as violências silenciadas: um ambiente democrático e acolhedor? **Cadernos da Pedagogia**. São Carlos, v. 11, n. 22, p.51-64, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1124>. Acesso em: 10 fev. 2022.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.3, p.443-466, set./dez. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em: 26 out. 2021.

TV CACHOEIRA NOVO TEMPO. Cultura de Paz nas escolas detalhado por especialistas da Educação. **Youtube**, 7 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vtp0R3-GA3I&t=289s>. Acesso em: 20 abr. 2022.

WERTHEIN, Jorge. “Manifesto 2000 por uma cultura de paz e não-violência”. **EccoS – Revista Científica**. UNINOVE, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 108-109. 2008. Disponível em <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/230/224> Acesso em: 4 abr. 2022.

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(TCLE)**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – MAIORES DE
IDADE**

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa denominada **EDUCAÇÃO PARA A PAZ E VALORES HUMANOS: oficinas pedagógicas críticas, com docentes da Educação Infantil, por uma cultura de não violência na convivência escolar**, realizada no âmbito do Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II e que diz respeito a um (a) trabalho de conclusão de dissertação de Mestrado.

1. OBJETIVO: O objetivo do estudo é identificar e analisar as contribuições de oficinas pedagógicas (*on-line*), sob a perspectiva de uma Educação para a Paz, para a formação continuada de professores que atuam na Educação Infantil e para a promoção de uma Cultura de Paz nos estabelecimentos de ensino.

2. PROCEDIMENTOS: a sua participação consistirá em: (1) responder a um questionário *on-line* de sondagem inicial, com perguntas sobre a formação docente e suas concepções e percepções acerca da temática da Educação para a Paz, conflitos e violência na escola. (2) participar de um curso de extensão *on-line*, na modalidade de oficinas pedagógicas, com uma reflexão x ação sobre a prática em sala de aula, a resolução de conflitos e a promoção de uma Educação para a Paz; e (3) responder um questionário de avaliação final do curso oferecido pela pesquisadora. O curso disponibilizará 40 vagas, para professores que atuam nas redes públicas e/ou privada do Estado do Rio de Janeiro, essas vagas serão preenchidas por ordem de inscrição. O curso terá uma carga horária de 20 horas divididas em quatro encontros síncronos de 2 horas cada, contabilizando 8 (oito) horas, os quais serão realizados pela plataforma *Moodle*, ambiente virtual de aprendizagem do Colégio Pedro II, nos meses de maio e junho de 2022. Os encontros síncronos serão registrados em um diário de campo, com registros escritos, audiovisuais e *print screen*, ou seja, captura da tela do *Moodle* durante o curso. Esses registros são importantes para que a pesquisadora realize a análise dos dados pesquisados. O curso também terá atividades assíncronas que contabilizarão um total de 12 horas, que serão dedicadas, por exemplo, a realização de leituras de textos disponibilizados na plataforma. A sua participação é de grande valia nesta pesquisa, pois as trocas de conhecimentos contribuirão para o desenvolvimento de ações pedagógicas críticas, sob a perspectiva de uma Educação para a Paz nos estabelecimentos de ensino, objetivando, dessa forma, uma cultura de

não violência na convivência escolar, bem como, a formação continuada dos docentes participantes.

3. POTENCIAIS RISCOS E BENEFÍCIOS: Toda pesquisa oferece algum tipo de risco. Nesta pesquisa, o risco pode ser avaliado como mínimo, isto é, o participante pode apresentar possível desconforto ou sentir-se tímido ao responder questões sensíveis sobre violência e conflito e/ou participar dos encontros *on-line*. Tendo em vista que as etapas da pesquisa acontecerão de forma remota, o participante pode enfrentar dificuldades de conexão por problemas na rede de internet e também podem surgir dificuldades para acessar as plataformas e aplicativos que serão utilizados no decorrer do curso, como o *Moodle*. Os participantes também podem sentir-se constrangidos pelo registro das imagens das telas do curso e dos áudios. Objetivando minimizar esses riscos, destacamos que a sua participação e a divulgação das informações tem a garantia do anonimato. As respostas dos questionários de sondagem e de avaliação do curso serão confidenciais, tendo em vista que na hora de divulgar os resultados não será identificado o nome do respondente. Os participantes também tem a possibilidade de falar sobre seus desconfortos, dificuldades e, ainda, tirar dúvidas e fazer sugestões sobre o curso. A pesquisadora estará atenta a todo instante e pronta pra oferecer suporte e até mesmo readequar o curso se preciso for. Quanto a problemas na conexão da rede de internet será explicado no primeiro encontro síncrono que isso é algo que pode acontecer, inclusive com a pesquisadora, mas serão tomadas medidas no sentido de minimizar os prejuízos para os participantes. Para facilitar a comunicação será criado um grupo no aplicativo *WhatsApp*. Destaco ainda que o participante pode desistir de participar da pesquisa a qualquer instante. Por outro lado, são esperados os seguintes benefícios da participação na pesquisa: a pesquisa não trará benefícios diretos para você, mas podemos pontuar como benefícios indiretos a construção de melhores relações humanas, a contribuição com a formação continuada docente, a construção de novos conhecimentos e a promoção de um ambiente escolar mais humano e pacífico. Além do mais, o participante contribuirá com a construção de um material (*E-book*), com propostas de práticas pedagógicas, que servirá como guia para educadores desenvolverem ações pedagógicas críticas, trabalhando temáticas sob a perspectiva de uma Educação para a Paz.

4. GARANTIA DE SIGILO: os dados da pesquisa serão publicados/divulgados em livros e revistas científicas. Asseguramos que a sua privacidade será respeitada e o seu nome ou qualquer informação que possa, de alguma forma, o (a) identificar, será mantida em sigilo. O (a) pesquisador (a) responsável se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo,

sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

5. LIBERDADE DE RECUSA: a sua participação neste estudo é voluntária e não é obrigatória. Você poderá se recusar a participar do estudo ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar sair da pesquisa você não sofrerá qualquer prejuízo.

6. CUSTOS, REMUNERAÇÃO E INDENIZAÇÃO: a participação neste estudo não terá custos adicionais para você. Também não haverá qualquer tipo de pagamento devido a sua participação no estudo. Fica garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, nos termos da Lei.

7. ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS, CRÍTICAS, SUGESTÕES E RECLAMAÇÕES: você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com o(a) pesquisador(a). Caso você concorde em participar, as páginas serão rubricadas e a última página será assinada por você e pelo(a) pesquisador(a). O(a) pesquisador(a) garante a você livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você poderá ter acesso ao(a) pesquisador(a) Liliane Machado Vieira da Costa pelo telefone (21) 97411-6662 ou pelo e-mail: machado.liliane@hotmail.com. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Colégio Pedro II (CEP/CPII), situado no Endereço: Campo de São Cristóvão nº 177, prédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), sala 202-B – São Cristóvão – Rio de Janeiro, CEP 29921-903, pelo telefone: 21 3891-0020 ou pelo e-mail: cep@cp2.g12.br

CONSENTIMENTO

Eu, _____ li e concordo em participar da pesquisa.

Assinatura do(a) participante	Data: ___/___/___
-------------------------------	-------------------

Eu, _____ obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do(a) participante da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a)	Data: ___/___/___
---------------------------------	-------------------

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE SONDAÇÃO INICIAL PARA OS DOCENTES

Pesquisa diagnóstica com os participantes do curso de extensão "EDUCAÇÃO PARA A PAZ E VALORES HUMANOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: por uma cultura de não violência na convivência escolar".

Caro(a) professor(a),

este questionário faz parte da pesquisa de mestrado intitulada "EDUCAÇÃO PARA A PAZ E VALORES HUMANOS: oficinas pedagógicas críticas, com docentes da Educação Infantil, por uma cultura de não violência na convivência escolar". Ele tem por objetivo "Identificar a concepção e as perspectivas que os docentes participantes da pesquisa têm a respeito de uma Educação para a Paz, conflitos e violência na escola". Este instrumento busca ainda possibilitar um diagnóstico inicial dos integrantes do curso de extensão sobre sua formação acadêmica e nos auxilia a entender, para além das concepções dos participantes sobre a temática, quais atividades têm sido desenvolvidas pelos mesmos objetivando a promoção de uma cultura de paz nas escolas.

O tempo estimado para concluir as respostas é de 15 - 20 minutos. Ao respondê-lo, você estará contribuindo com a pesquisa e com a construção de novos conhecimentos. Os dados da pesquisa serão publicados/divulgados em livros e revistas científicas. Asseguramos que a sua privacidade será respeitada e o seu nome ou qualquer informação que possa, de alguma forma, o (a) identificar, será mantida em sigilo. O (a) pesquisador (a) responsável se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa. Desde já, agradecemos pela sua participação!

Qual o seu e-mail?

Qual o número do seu telefone/WhatsApp?

Qual a sua formação acadêmica?

Você leciona há quanto tempo?

1 ano ou menos 2 – 5 anos 6 – 10 anos

11 – 15 anos 16 – 20 anos 21 – 25 anos

Atualmente, você leciona em qual rede?

Rede pública Rede particular Rede pública e particular

Você já ouviu falar sobre Cultura de paz e/ou Educação para a paz na escola?

Sim Não

Você sabia que existe uma lei para que os estabelecimentos de ensino estabeleçam ações destinadas a promover a Cultura de paz nas escolas?

Sim Não

Você já participou de algum curso de formação continuada sobre Cultura de paz/Educação para a paz?

Sim Não

Você já desenvolveu alguma atividade sobre a temática Paz?

Sim Não

Em caso afirmativo, descreva a atividade desenvolvida:

Com qual frequência a sua unidade escolar realiza projetos com o objetivo de promover a Cultura de paz?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

Quais atividades têm sido desenvolvidas na unidade educacional que você trabalha, objetivando a promoção da Cultura da Paz?

Defina o seguinte termo: VIOLÊNCIA.

Defina o seguinte termo: CONFLITO.

Defina o seguinte termo: PAZ.

Cite exemplos de conflitos que você já presenciou no ambiente escolar:

Geralmente, que atitudes são tomadas nas resoluções de conflitos no ambiente escolar?

Em sua opinião, quais as maiores formas de violências que acontecem no ambiente escolar, principalmente, na Educação Infantil?

Você considera importante o trabalho com valores humanos na Educação Infantil?

Sim Não

Justifique a resposta anterior.

Quais são os valores que você considera mais importantes no trabalho com a Educação Infantil?

Na sua rotina, você realiza a roda de conversa com as crianças?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

Em caso afirmativo, descreva as atividades desenvolvidas:

Em sua opinião, quais ações podem contribuir para a promoção da paz no ambiente escolar?

**APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DE CADA OFICINA
PEDAGÓGICA**

AVALIAÇÃO DA OFICINA PEDAGÓGICA Sobre a oficina do dia, discorra:
EU FELICITO:
EU CRITICO:
EU PROPONHO:

APÊNDICE D – AVALIAÇÃO DAS CONTRIBUIÇÕES DAS OFICINAS**AVALIAÇÃO DAS CONTRIBUIÇÕES DAS OFICINAS PEDAGÓGICAS PARA A
FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE**

E-mail:

Nome completo:

Cidade/Estado:

1. Como você avalia este curso oferecido em forma de oficinas pedagógicas?

Excelente Bom Regular Ruim Poderia ser melhor

2. Os assuntos abordados forneceram subsídios de apoio aos docentes para o desenvolvimento de ações pedagógicas, sob a perspectiva de uma Educação para a Paz, na Educação Infantil?

Sim Não Poderia ser melhor

3. De que maneira a participação nas oficinas pedagógicas contribuiu para sua formação docente?

4. Você concorda que o desenvolvimento de práticas pedagógicas sob a perspectiva de uma Educação para a Paz, favorece uma melhor convivência escolar?

Sim Não Talvez

5. Justifique a resposta anterior:

6. No decorrer do curso, você conseguiu colocar em prática os conhecimentos adquiridos? Se sim, houve melhoria nas relações interpessoais e na convivência escolar?

7. Houve mudança de perspectiva sobre como abordar os conflitos que acontecem no ambiente escolar?

Sim Não Talvez

8. Justifique a resposta anterior:

9. Quais as suas concepções e perspectivas a respeito de uma Educação para a Paz, antes e após a realização do curso?

10. Defina o seguinte termo: VIOLÊNCIA.

11. Defina o seguinte termo: CONFLITO.

12. Defina o seguinte termo: PAZ.

13. Faça um breve relato sobre o que é "Educar para a Paz".

14. Defina o curso em apenas uma palavra:

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO PARA A PAZ E VALORES HUMANOS: oficinas pedagógicas críticas, com docentes da Educação Infantil, por uma cultura de não violência na convivência escolar

Pesquisador: LILIANE MACHADO VIEIRA DA COSTA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 53390921.0.0000.9047

Instituição Proponente: Colégio Pedro II

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.147.783

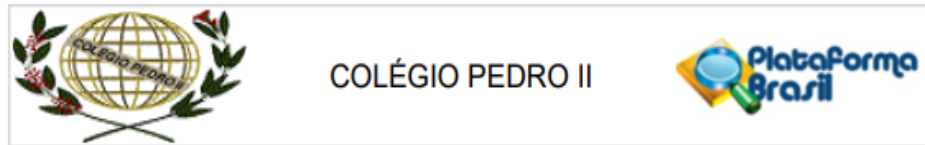
Apresentação do Projeto:

As informações colocadas nos campos denominados "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do documento intitulado "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1853368.pdf" (submetido na Plataforma Brasil em 15/11/2021).

INTRODUÇÃO:

O tema para esta pesquisa, com a temática Educação para a Paz, surgiu a partir de observações durante minha prática em sala de aula, enquanto professora da Educação Infantil. Embora no exterior este tema já venha sendo discutido e desenvolvido por algumas décadas, principalmente na Espanha, este tema ainda é emergente na educação brasileira. Educar para a paz não pode ser sinônimo de atividades ingênuas, sem um posicionamento crítico e reflexivo. Mas, precisa ser uma atividade contínua e permanente em nossas práticas pedagógicas. Como aporte legal para a abordagem desta temática, temos a lei federal n.13.663, aprovada em maio de 2018. Embora este documento estabeleça a necessidade de se desenvolver ações pedagógicas nos estabelecimentos de ensino com vista à promoção da Cultura de Paz, pouco tem sido feito. Como professora, tenho percebido problemáticas como a indisciplina, conflitos, violência e outras, que adentram no ambiente escolar e, ao mesmo tempo, a carência de preparo dos professores para trabalhar com

Endereço: Campo de São Cristóvão 177
Bairro: São Cristóvão **CEP:** 20.921-903
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2163-5730 **E-mail:** cep@cp2.g12.br



Continuação do Parecer: 5.147.783

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	JUSTIFICATIVA_ISENCAO_ANUENCIA.pdf	15/11/2021 11:14:34	LILIANE MACHADO VIEIRA DA COSTA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_ISENCAO_DE_CUSTOS.pdf	08/11/2021 20:42:00	LILIANE MACHADO VIEIRA DA COSTA	Aceito
Outros	INSTR_GER_DADOS_QUESTIONARIO_DE_SONDAGEM.pdf	08/11/2021 20:39:40	LILIANE MACHADO VIEIRA DA COSTA	Aceito
Outros	INSTR_GER_DADOS_AVALIACAO_FINAL.pdf	08/11/2021 20:19:16	LILIANE MACHADO VIEIRA DA COSTA	Aceito
Outros	TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE.pdf	08/11/2021 20:17:41	LILIANE MACHADO VIEIRA DA COSTA	Aceito
Outros	CARTA_DE_APRESENTACAO.pdf	08/11/2021 20:15:19	LILIANE MACHADO VIEIRA DA COSTA	Aceito
Outros	LATTES_LILIANE_MACHADO.pdf	08/11/2021 20:11:50	LILIANE MACHADO VIEIRA DA COSTA	Aceito
Outros	LATTES_ESTHER_KUPERMAN.pdf	08/11/2021 20:10:18	LILIANE MACHADO VIEIRA DA COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_LILIANE_MACHADO_PB.pdf	08/11/2021 20:06:00	LILIANE MACHADO VIEIRA DA COSTA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	08/11/2021 20:00:55	LILIANE MACHADO VIEIRA DA COSTA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	04/11/2021 21:11:05	LILIANE MACHADO VIEIRA DA COSTA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_E_CURRICULO_LATTES.pdf	04/11/2021 21:10:34	LILIANE MACHADO VIEIRA DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	04/11/2021 21:10:00	LILIANE MACHADO VIEIRA DA COSTA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 06 de Dezembro de 2021

Assinado por:
ROGERIO MENDES DE LIMA
(Coordenador(a))

Endereço: Campo de São Cristóvão 177
Bairro: São Cristóvão CEP: 20.921-903
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2163-5730 E-mail: cep@cp2.g12.br

ANEXO B – FORMULÁRIO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DO CURSO DE EXTENSÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

E-mail	machado.liliane@hotmail.com
---------------	-----------------------------

Liliane Machado Vieira da Costa

Assinatura do Proponente

IV. Identificação do(s) Curso(s) de Extensão (deve ser preenchido apenas para projetos que oferecerão Curso de extensão concomitantemente). Obs.: copiar o quadro quando houver mais de um curso.

Receberão o Certificado os participantes que:				
1. <input checked="" type="checkbox"/> Atingirem mínimo de 75% de frequência e aproveitamento igual ou superior ao mínimo definido no regimento do Colégio Pedro II nas atividades .				
2. <input type="checkbox"/> Atingirem mínimo de 75% de frequência.				
3. <input type="checkbox"/> Aproveitamento igual ou superior ao mínimo definido no regimento do Colégio Pedro II nas atividades (Apenas para atividades oferecidos 100% EAD).				
Nome do Curso	EDUCAÇÃO PARA A PAZ E VALORES HUMANOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: por uma cultura de não violência na convivência escolar			
Carga Horária Total	20h	Carga Horária Presencial	----	Carga Horária EAD 20h
Vagas Oferecidas	40	Período de Realização	(Dias: 03/05, 10/05, 17/05 e 24/05)	
Periodicidade das Aulas	<input type="checkbox"/> Diário <input checked="" type="checkbox"/> Semanal <input type="checkbox"/> Quinzenal <input type="checkbox"/> Mensal			
Número de turmas	1	Horário(s) (encontros síncronos)	Das 18:00 às 20:00 (terças-feiras)	

V. Identificação do(s) Evento(s) de extensão (deve ser preenchido apenas para projetos que oferecerão eventos de extensão). Obs.: copiar o quadro quando houver mais de um evento.

Nome do evento			
Datas de realização		Vagas Oferecidas	
Descrição do Evento			

Rio de Janeiro, 17 de março de 2022.

Assinatura do Orientador

Francisco Roberto
Pinto
Mattos:82151601749

Assinado de forma digital por
Francisco Roberto Pinto
Mattos:82151601749
Dados: 2022.04.08 23:11:08
-03'00'

Assinatura Direção da Pós-Graduação